

UNIVERSIDADE SANTO AMARO
Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em
Ciências Humanas

Carolina Maia Blois Moucherek

MODA, PAULISTANIDADE E MASCULINIDADES: A ROUPA DE
MARTINIANO MEDINA (SÃO PAULO – 1900-1930)

SÃO PAULO

2022

Carolina Maia Blois Moucherek

**MODA, PAULISTANIDADE E MASCULINIDADES: A ROUPA DE
MARTINIANO MEDINA (SÃO PAULO – 1900-1930)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Universidade Santo Amaro – UNISA, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Fernando de Souza Campos.

SÃO PAULO

2022

M88m Moucherek, Carolina Maia Blois.

Moda, paulistanidade e masculinidades: a roupa de Martiniano Medina (São Paulo — 1900–1930) / Carolina Maia Blois Moucherek. — São Paulo, 2022.

122 p.: il., color.

Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas) — Universidade Santo Amaro, 2022.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Fernando de Souza Campos.

1. Moda. 2. Masculinidade. 3. Micro-história. 4. Interdisciplinaridade. I. Campos, Paulo Fernando de Souza, orient. II. Universidade Santo Amaro. III. Título.

Ficha elaborada por Fernando Carvalho — CRB 8/10122.

Carolina Maia Blois Moucherek

**MODA, PAULISTANIDADE E MASCULINIDADES: A ROUPA DE
MARTINIANO MEDINA (SÃO PAULO – 1900-1930)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Universidade Santo Amaro – UNISA, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Fernando de Souza Campos.

São Paulo,.....de de 2022.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Paulo Fernando de Souza Campos (Orientador)

Prof.^a Dra. Ivana Guilherme Simili (UEM)

Prof.^a Dra. Lourdes Ana Pereira Silva (UNISA)

Conceito Final: _____

*À minha família, que sempre acreditou no meu potencial
e me apoiou nos momentos difíceis.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Paulo Fernando de Souza Campos, por me incentivar a nunca desistir. Seu carinho, dedicação e ensinamentos ficarão para sempre em minha memória.

À Universidade Santo Amaro (UNISA) que, por meio da bolsa de estudos concedida, possibilitou não só o desenvolvimento dessa pesquisa mas também uma experiência pessoal e acadêmica inesquecível.

A todos os docentes do curso, que com seus apontamentos, sugestões e críticas, abriram portas para novas perspectivas.

Aos colegas mestrandos e pesquisadores do Grupo de Pesquisa Ciência, Saúde, Gênero e Sentimento (CISGES/UNISA), pelo apoio nos momentos de insegurança e pela troca de informações e conhecimento.

À minha mãe, Patrícia, por todo o amor e pelos sacrifícios realizados para que eu pudesse chegar até aqui, sendo sempre uma inspiração na minha vida.

Ao meu pai Rogério e à minha avó Mirna: ambos que, mesmo não estando mais presentes no mundo material, ainda vivem e pulsam dentro de mim.

Ao meu marido Luiz Felipe, parceiro e amigo, por seu cuidado, afeto, paciência e compreensão nesse momento tão importante da minha trajetória.

À Sofia, minha filha de consideração, que com sua doçura, sorrisos e brincadeiras, iluminou meus dias.

Aos meus guias e orixás, sem os quais nada disso seria possível.

*“Você não é uma gota no oceano.
Você é um oceano inteiro numa gota.”*

Jalaladim Maomé Rumi

RESUMO

Analisar transformações do masculino em São Paulo nas primeiras décadas do século XX, a partir da experiência de um homem chamado Martiniano Medina, registrada em um conjunto de correspondências e da roupa expressa em sua *carte de visite* formaliza a presente dissertação. Os documentos que, concebidos como pistas, permitem estudar a moda não só como mecanismo de padronização de identidades de gênero, mas como dimensão de linguagem, no caso, capaz de (des)construir identidades masculinas que emergem de São Paulo, no início do século XX; assim, permite considerar moda e escrita epistolar como fontes de importância para a construção do conhecimento histórico. Para tanto, a investigação propôs, como problemática de pesquisa, analisar como o aspecto efêmero das roupas e seus códigos de uso influenciavam o reconhecimento de si entre homens paulistanos nas três primeiras décadas do século XX, ou como a história de um homem da elite permite evidenciar alterações vividas no âmbito do masculino, em São Paulo, no contexto em que se insere – vale dizer, de formação da paulistanidade, sentimento evocado por intermédio das narrativas médicas, jurídicas, as quais estabeleciam o vestuário como indício de sanidade ou loucura. Pautado teórico-metodologicamente na microanálise – possibilidade analítica que evoca experiências individuais –, o estudo interpreta elementos do cotidiano masculino encontrados nas fontes epistolares e na imagem, que formalizam o material de pesquisa caracterizado por 19 correspondências e uma *Carte de Visite*, na qual se observa (via redução da escala de análise) a moda masculina, à época, como vestígio que permite acessar e refazer o passado. A abordagem destaca não somente aspectos estéticos que a moda imprime mas seu lugar fundamental na construção do conhecimento, no caso, observado a partir de perspectivas que problematizam o indivíduo na história da cidade. Os resultados indicam que a moda imprime, no transcorrer da história, destacadamente no contexto analisado, sinal de pertencimento a um mundo intelectualizado que reproduzia comportamentos expressos nas vestimentas como sinais de elitização que, em São Paulo, encontra ressonância com normas médicas e jurídicas na medida em que a roupa passa a ser sinal de distúrbio, de falta de compromisso ético e moral.

Palavras-chave: Moda. Masculinidades. Micro-história. Interdisciplinaridade.

ABSTRACT

To analyze transformations of the male in São Paulo in the first decades of the twentieth century, from the experience of a man named Martiniano Medina, recorded in a set of correspondences and the clothing expressed in his *varte de visite* formalizes this dissertation. The documents that, conceived as clues, allow the study of fashion not only as a mechanism for the standardization of gender identities, but as a dimension of language, in this case, capable of (dis)constructing male identities that emerge from São Paulo at the beginning of the 20th century; thus, it allows to consider fashion and epistolary writing as sources of importance for the construction of historical knowledge. Therefore, the research proposed, as research problems, to analyze how the ephemeral aspect of clothing and their codes of use influenced the recognition of themselves among São Paulo men in the first three decades of the twentieth century, or how the history of an elite man allows to evidence changes experienced in the male context, in São Paulo, in the context in which it is included – it is worth saying, formation of São Paulo, a feeling evoked through medical and legal narratives, which established clothing as an indication of sanity or madness. Based theoretically-methodologically on microanalysis – analytical possibility that evokes individual experiences –, the study interprets elements of male daily life found in epistolary sources and image, which formalize the research material characterized by 25 correspondences and a *Carte de Visite*, in which it is observed (via reduction of the scale of analysis) men's fashion, at the time, as a trace that allows you to access and redo the past. The approach highlights not only aesthetic aspects that fashion imprints but its fundamental place in the construction of knowledge, in this case, observed from perspectives that problematize the individual in the history of the city. The results indicate that fashion prints, in the course of history, highlighted in the analyzed context, a sign of belonging to an intellectualized world that reproduces behaviors expressed in clothing as signs of elitization that, in São Paulo, finds resonance with medical and legal norms to the extent that clothing becomes a sign of disturbance, lack of ethical and moral commitment.

Keywords: Fashion. Masculinities. Micro-history. Interdisciplinary.

Lista de Figuras

Figura 1 - São Paulo, Rua Direita (1911)	29
Figura 2 – Carta escrita por Naninho em 14 de junho de 1910	35
Figura 3 – Carta escrita por Naninho em 19 de maio de 1910	37
Figura 4 – Carta escrita por Naninho em 19 de maio de 1910	38
Figura 5 - Publicidade da Casa Aureli	43
Figura 6 – Carta escrita por Naninho em 20 de junho de 1910	45
Figura 7 – Carta escrita por Naninho em 22 de Outubro de 1910	59
Figura 8 – Carta escrita por Naninho em 22 de Outubro de 1910	60
Figura 9 - Carta escrita por Naninho em 06 de Junho de 1910	62
Figura 10 – Carta escrita por Naninho em 14 de Dezembro de 1910	64
Figura 11 – Carta escrita por Naninho em 14 de Dezembro de 1910	65
Figura 12 – Carta escrita por Naninho em 07 de Fevereiro de 1916	67
Figura 13 – Carta escrita por Naninho em 07 de Fevereiro de 1916	68
Figura 14 – Carta escrita por Naninho em 06 de Março de 1911	70
Figura 15 – Carta escrita por Naninho em 30 de Maio de 1911	72
Figura 16 - Frente da carte de visite de Martiniano Medina (1908)	78
Figura 17 - Verso da carte de visite (1908)	79
Figura 18 – Carta escrita por Naninho em 19 de outubro de 1910	86
Figura 19 – Carta escrita por Naninho em 07 de julho de 1911	88
Figura 20 – Carta escrita por Naninho em 28 de março de 1911	91
Figura 21 - Charge Clínica Médica	98
Figura 22 – Carta escrita por Naninho em 24 de novembro de 1910	101
Figura 23 - “Paralisia geral (forma expansiva). Idéias megalomaniacas. Euforia. Jactância. (Observação do Dr. Júlio de Andrade Silva Júnior)”	109

Lista de Abreviaturas e Siglas

CISGES	Grupo de Pesquisa Ciência, Saúde, Gênero e Sentimento
ESALQ	Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz
PC	Partido Constitucionalista
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 MODA MASCULINA E FORMAÇÃO DA PAULICEIA	21
1.1 Novos costumes: as roupas como indícios históricos e sociais	22
1.2 Sinais hierarquizadores: moda, masculinidades e Pauliceia	39
2 MODA E MASCULINIDADE EM MARTINIANO MEDINA	50
2.1 Cartas para Esther: epistolografia e trajetórias pessoais	51
2.2 Um olhar interdisciplinar: a roupa de Martiniano Medina na Carte de Visite	75
3 MODERNOS E SUPERIORES: PAULISTANIDADE E MASCULINIDADE	94
3.1 Homens paulistanos: intelectualidade como representação	95
3.2 Racismo e eugenia: moda como “indício dos distúrbios mentais”	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIAS	114

INTRODUÇÃO

Partindo de uma experiência pessoal com a moda e interessada em compreendê-la por uma perspectiva do comportamento sem o viés puramente mercadológico, durante minha formação pude concebê-la como um tema muito mais amplo e complexo do que se apresenta nas mídias e mesmo nos cursos da área que são predominantemente voltados para criação de tendências e estilos que servem aos interesses econômicos de grandes grupos corporativos e conceitos excludentes. Acreditamos que se faz necessário romper com a noção essencialista dos cursos de graduação e pós-graduação, que precarizam e empobrecem a prática de produção do conhecimento reduzindo-a à uma prática mercadológica (HISSA, 2013).

A vestimenta se modifica, de tempos em tempos, não apenas em relação a sua forma mas também em seu significado. Consequência da localização espacial, de aspectos políticos, sociais, econômicos e até mesmo religiosos, as formas de vestir se tornam características singulares de determinada sociedade em determinado tempo histórico. Todos esses aspectos que constituem dada cultura ou sociedade se transformam de acordo com as experiências humanas como novas descobertas, avanços tecnológicos e científicos. Essas transformações influenciam as experiências sociais dos sujeitos: como se enxergam, como sentem, como se representam, como se organizam e, conseqüentemente, modificam seu vestuário, em suas diversas formas, cores, silhuetas, materiais e modelagens.

Pensando a moda como linguagem que comunica a relação entre o indivíduo e a sociedade, e a roupa como registro histórico, pois permite avaliar processos que extrapolam suas materialidades na medida em que ambas desvelam subjetivações que permitem acessar o cotidiano (CALANCA, 2008), o presente estudo evidencia a construção de um tipo específico de masculinidade em um contexto histórico singular da cidade de São Paulo, vale dizer, o período entre 1900 e 1930.

A presente dissertação trabalhou com o projeto “Cartas para Esther” que conta com um material documental recuperado em uma feira de antiguidades da cidade de São Paulo e formaliza o primeiro conjunto documental do Núcleo de Documentação e Memória, do Grupo de Pesquisa Ciência, Saúde, Gênero e Sentimento – CISGES/UNISA/CNPq. Composto por 25 registros que incluem cartas, cartões,

recados, bilhetes e uma fotografia *carte de visite* os registros destacam a correspondência trocada entre uma família no decorrer do período demarcado pelos anos de 1905 a 1919. Se trata de um lote de correspondências escritas por integrantes dessa família, mas especificamente, nessa pesquisa nos debruçamos sobre 19 cartas escritas entre 1908 e 1919 que permitem acessar informações sobre um casal de namorados, integrantes dessa família, que noivam e se casam, Martiniano Medina, ou como assinava em suas cartas “Naninho” e Esther de Figueiredo.

Ainda que, durante esse estudo, não tenhamos conseguido maiores informações como idade, local de nascimento ou origens familiares de Naninho, de acordo com as cartas é possível afirmar que se tratava de um estudante da Escola Agrícola de São João da Montanha, atual Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” – ESALQ/USP. A formação em Engenharia Agrônômica na cidade de Piracicaba possibilitou assumir o cargo de Diretor do Instituto Agrônômico do Posto Industrial Animal “Dr. Pádua Salles” de São Carlos. A documentação permite considerar também, que conheceu Esther na cidade de São Paulo, onde residia sua família, mais especificamente, na região entre os bairros do Brás e do Pari.

O recorte temporal dessa pesquisa foi ampliado em relação ao período das cartas em função da conexão realizada durante o andamento do estudo com relação a discursos médicos que buscaram, através das representações discursivas das vestimenta, classificar e excluir homens e mulheres em um contexto de urbanização e transformações intensas na capital paulista. A emergência desses discursos influenciaram não somente a moda pensando em uma perspectiva estética, mas a relação que a mesma estabelece com a construção racial das identidades masculinas paulistas e paulistanas.

Ao observar o contexto histórico, a historiografia evidencia forte influência europeia, ascensão das classes burguesas, rápido desenvolvimento econômico relacionado às inovações tecnológicas no Brasil – mais especificamente, em São Paulo, o que levou à sua consideração como Estado mais rico do país, liderado com o apoio da elite agrária, produtora e exportadora de café. Os variados processos de assimilação cultural das identidades masculinas paulistanas se alteram frente às novas experiências do modelo republicano, questões que emergem das cartas, atravessadas pelas lembranças de Martiniano Medina, que a chama de “pauliceia”.

Os padrões estéticos da moda masculina representavam a inserção – ou não – de homens e mulheres na sociedade paulistana em um momento distinto da história da cidade, considerado original, de mudanças radicais, que a transformaram em um espaço urbano com ares cosmopolitas ou, como destacou Nicolau Sevcenko (1992), permeado por sucessivas mudanças.

Para tanto, formulamos uma questão norteadora à investigação, isto é, como as mudanças da moda influenciavam a vida social dos homens paulistanos e vice-versa? O objetivo da presente dissertação é compreender quais representações e condutas a moda masculina comunicava e como tais símbolos impactavam nas alteridades do “ser homem em São Paulo” num contexto de instabilidades e certezas passageiras, de busca por uma identificação cosmopolita; e que o inserisse na paulistanidade, entendida como uma ideologia que relaciona progresso, modernidade, virilidade, branquitude, sucesso econômico e industrial à região paulista e paulistana, pois, como indício histórico e social, a moda demonstra a transformação na maneira de se portar e se representar, ou seja, é um registro de um tempo. A *carte de visite* de Martiniano Medina permite acessar esse amplo quadro.

A presente pesquisa compreende que os processos históricos que levaram à construção de novos valores e identidades masculinas alteram os significados sociais do “ser homem em São Paulo”; vale dizer, o estudo investiga não só como a moda caracteriza os homens no período delimitado, mas como reflete a urbe, a origem de uma propalada supremacia regional paulistana (WESTEIN, 2015). Deste modo, o desenvolvimento cultural de São Paulo, balizado pelo estudo da moda masculina e do uso das roupas como fontes primárias – no caso, expressas na imagem fotográfica de Martiniano Medina utilizada como documento e fonte principal desta pesquisa histórica –, permitem a análise das masculinidades que se constituíam na paulistanidade ou foram por essa identidade talhadas, compostas, expostas como sinais de pertencimento, forma de análise que remonta a uma noção diferenciada de tempo histórico, de fato histórico, algo que transformou a escrita da História.

Nesse diapasão, apresentamos o estudo que evoca a moda masculina em São Paulo, o qual não pretende apenas problematizar as definições que consideram moda somente uma consequência dos conflitos de classe e das relações socioeconômicas, mas repensar seus significados e ampliar sua discussão no campo dos estudos

culturais, considerando sua importância para além da roupa: como um fenômeno de caráter histórico, social, econômico, psicológico, sociológico, filosófico e antropológico, portanto, interdisciplinar; deste modo, demonstrar sua ação instauradora de (des)construção cultural e identitária, no caso, voltada para a masculinidade.

O estudo de expressões socioculturais reveladas pelos indícios históricos e sociais que a documentação evoca – isto é, dos detalhes e do comportamento expresso pela moda masculina –, perpassam a análise proposta por antropólogos e historiadores quando estes afirmam que existe uma conexão profunda entre os fenômenos mais amplos, que organizam o social, e os pequenos vestígios, pistas desprezadas por outras formas de análise, que privilegiam o macrocosmo dos acontecimentos (GINZBURG, 1989). Mais precisamente, a pesquisa analisa a moda masculina a partir da experiência de um homem, Martiniano Medina, derivada de documentação epistolar, destacadamente, sua *carte de visite*.

A valorização de fontes diversas, oriundas das mais diferentes áreas ou por elas reivindicadas, fez emergir homens e mulheres comuns, anônimos, cujas manifestações não eram reconhecidas e cujo estudo desconstruiu o conhecimento histórico. O trabalho do historiador, reconhecido não mais pela retórica estética, militante, atrelada a teorias generalizantes, assumia a atividade de interpretação de acontecimentos a partir de conceitos epistemológicos comuns a outras disciplinas e temas não explorados.

Marc Bloch e Lucien Febvre, insatisfeitos com o “Paradigma Histórico Tradicional” e interessados numa “nova história”, fundam, em 1929 na França, a revista de estudos históricos *Annales d’Histoire Économique et Sociale* com o intuito de promover uma reforma historiográfica. Como consequência desta revista temos uma escola, um padrão historiográfico, um modelo teórico-historiográfico ou, melhor dizendo, um novo paradigma. Impulsionado pela revista, a *École des Annales* deu origem à “nova história”, vale dizer, uma História preocupada com “novas abordagens”, “novas perspectivas” e “novas problemáticas” (BURKE, 1992). Talvez resida nessa intenção de diversificar o fazer historiográfico a maior contribuição dos historiadores que inauguram o movimento, quando, além de produzirem uma obra pessoal e significativa, fundaram a revista *Annales* com o explícito objetivo de fazer

dela um instrumento de enriquecimento da História, por sua aproximação com as ciências vizinhas e pelo incentivo à inovação temática.

Assim, objetivamos refletir sobre as implicações da moda na modernidade e na paulistanidade a partir de um indivíduo como percurso possível para a (des)construção de identidades masculinas e dos significados sociais da roupa usada por homens em São Paulo; vale dizer, como moda e vestimenta incluíam ou excluíaam as pessoas. Considerando a moda como um fenômeno cultural transitório, o estudo visou, mais do que explorar a roupa como indício classificatório, rigidamente estabelecido, que distingue pessoas e espaços sociais, mas sim identificar os diferentes sentidos atribuídos à masculinidade. Como destacado pelos autores consultados, as interpretações das representações culturais passam pela incorporação de práticas com base nos discursos que as sustentam; sendo assim, foram analisados os discursos que sustentam as representações expressas na imagem do homem cidadão, paulistano, bem como as práticas discursivas impactam na masculinidade.

Nesta perspectiva, os elementos estéticos e materiais observados na representação formal da fotografia impressa na *carte de visite* possibilitaram não só identificar as origens sociais do escrevente, mas, por consequência, compreender a linguagem pela qual expressa sua masculinidade, pois sua materialidade e usos são indícios históricos e culturais capazes de evidenciar as mudanças que este estudo investiga. De acordo com Odália:

A necessidade de uma história mais abrangente e totalizante nascia do fato de que o homem se sentia como um ser cuja complexidade em sua maneira de sentir, pensar e agir, não podia reduzir-se a um pálido reflexo de jogos de poder, ou de maneiras de sentir, pensar e agir dos poderosos do momento. Fazer uma outra história, na expressão usada por Febvre, era portanto menos redescobrir o homem do que, enfim, descobri-lo na plenitude de suas virtualidades, que se inscreviam concretamente em suas realizações históricas. Abre-se, em consequência, o leque de possibilidades do fazer historiográfico, da mesma maneira que se impõe a essa fazer a necessidade de ir buscar junto a outras ciências do homem os conceitos e os instrumentos que permitiram o historiador ampliar sua visão de homem. Como em Michelet, não se desprezava o subjetivo, a individualidade, como em Marx ou em outros historiadores que assentavam suas análises no econômico e no social: não se esquecia de que as estruturas sempre têm algo a dizer a respeito do comportamento do homem; e como Burckhardt, afirmava-se que o homem não se confinava a um corpo a

ser mantido, mas também um espírito que criava e sentia diferentemente, em situações diferenciadas (ODÁLIA, 1992, pp. 7-8).

Portanto, compreendemos que esta necessidade de uma história mais ampla, abrangente e totalizante nascia da concepção de que os estudos de História não mais poderiam ficar presos aos acontecimentos políticos, institucionais do ponto de vista das elites no poder. Ainda que tratada no masculino, fazia-se necessário, deste modo, uma outra história, ou seja, uma “nova história”, que abordasse as sociedades por uma variedade de vieses ampliando o fazer historiográfico. Para tanto, era importante que a História se aproximasse de outras disciplinas, ou seja, a interdisciplinaridade, para estudar os novos objetos por perspectivas diferentes, utilizando teorias e fontes distintas, anteriormente relegadas, como as cartas, as fotografias: uma mudança crucial nos modos de entendimento do historiador sobre as fontes de pesquisa.

No campo das Ciências Humanas, a relação entre teoria e método é marcada por constantes processos de revisão de pressupostos. Processos interdisciplinares evidenciam transformações, permanências e rupturas que redimensionam modelos e sistemas explicativos em todos os campos do saber. Tratados em conjunto, formalizam articulações teórico-metodológicas e desenvolvem o próprio campo disciplinar, pois resultam na formação de mediadores conceituais, ampliação de fontes de pesquisa e problemáticas renovadoras do conhecimento. No campo da História Cultural, o processo deriva dos mesmos pressupostos, isto é, enfrentar os desafios teóricos e interpretativos no campo do conhecimento em construção.

Deste modo, é possível pensar que a inovação promovida por Marc Bloch e Lucien Febvre, ao fundarem a revista *Annales* e, conseqüentemente, permitindo o início da “nova história”, contribuíram para o enriquecimento da História, por fazer emergir novos estudos por novas abordagens, não mais estritamente políticas, aproximando-se das disciplinas vizinhas, isto é, de outras Ciências Humanas. Isto posto, por intermédio dos registros epistolares e da imagem de Martiniano Medina, foi alcançada a análise interdisciplinar sobre o tema que envolve moda, masculinidade e paulistanidade. Presente em sua *carte de visite*, os vestígios da moda estabelecem, assim, uma possibilidade micro analítica sobre os significados destes três elementos, as relações de poder que estabelecem com as transformações da cidade de São Paulo e as posturas sociais presentes no presente recorte, tanto da roupa de

Martiniano Medina, quanto do objeto de estudo que ensejou a presente dissertação, que trata a moda e as representações de masculinidade que a roupa usada por “Naninho” permite acessar.

O uso de correspondências como fonte para pesquisa em História foi legitimado academicamente na terceira geração de historiadores franceses ligados ao *Annales*. Seu uso, entretanto, remonta perspectivas não autorizadas, datadas da antiguidade como as crônicas da escrita da História Teleológica. Mesmo na cientificidade das filosofias da História, que propunham teorias globais, fundadas em universalismos, as cartas sempre foram recorrentes, ainda que o documento oficial certificasse o ideal e utilizado como expressão da verdade. Seja como for, as cartas foram testemunhos importantes no registro e documentação histórica, mesmo quando não autorizadas pela oficialidade do documento, mesmo não consideradas. A História promovida pela *École des Annales*, extrapolando suas gerações históricas, possibilitou uma renovação significativa do que se concebia como fonte, e o estudo das cartas assumiu destaque nesse processo em constante desenvolvimento.

A micro-análise ganha expressão no meio acadêmico a partir da publicação da coleção italiana intitulada *Microstorie*, dirigida por Carlo Ginzburg e Giovanni Levi, e publicada pela editora Einaudi entre os anos de 1981 e 1988, e agrupou autores franceses, ingleses e norte-americanos em torno de um mesmo campo de interesse. Sua gênese atrela-se à linha editorial da revista *Quaderni Storici*, publicada por Il Mulino, Bolonha. Conforme destacam os estudos, a micro-história se configurou como uma prática marcada por referências ecléticas, buscando extirpar a noção de social como algo homogêneo, normativo e explorá-lo pela multiplicidade de realidades, inclusive as individuais, para perceber as influências dos quadros gerais. Assim, se consolidou como proposta teórico-metodológica caracterizada pelo apreço a temas desprestigiados, valorização da narrativa, uso de recortes minúsculos e pequenos enredos construídos a partir de tramas aparentemente banais, envolvendo gente comum, bem como pela exaustiva pesquisa documental, mesmo que a partir de conjuntos específicos, balizados pela história individual (VAINFAS, 2002).

O estudo das cartas ou escrita epistolar emerge no campo historiográfico da História Cultural. No caso, como possibilidade de interpretação dos sentimentos. Ainda que o interesse dos historiadores pelas emoções e afetos seja relativamente

recente (como preconizam os estudiosos da área), a perspectiva reitera que seu estudo traduz experiências e percepções que redefinem identidades e sociabilidades que, de algum modo, se aproxima da micro-história, aqui avaliada como um desses processos de reformulação de paradigmas e valorização da correspondência como fonte de pesquisa.

Diferentes formas de linguagem que circulam socialmente, sejam elas formais ou informais, evidenciam historicidades. Existe uma tipologia textual que implica narrar, isto é, a fábula, a crônica, o conto, o romance, algo diferente do relatar, que inclui a carta, a notícia, a entrevista, o currículo. O argumentar – tipologia usada em editorial, requerimento, anúncio publicitário –, assim como expor – que compreende o seminário, os verbetes em geral e os relatórios –, também aspiram a uma verdade, a uma realidade, ao não ficcional.

De todo modo, o gênero textual “carta pessoal” pode ser localizado como pertencente à tipologia “relatar”, pois tem como característica principal representar, pelo discurso, as experiências vividas e situadas no tempo. Desse tipo de escrita epistolar trata a presente pesquisa, pois remonta a um conjunto de correspondências que datam de 1908 a 1919 escritas por Martiniano Medina para a mulher que seria sua esposa, Esther de Figueiredo.

Assim, o que se analisa são particularidades do traje masculino, efeitos de sentido da roupa usada por um homem em meio às transformações vividas em São Paulo no início do século XX. Em específico, investigamos os impactos da moda na composição das masculinidades por intermédio de uma documentação privada, de cunho pessoal, nomeada por Ângela de Castro Gomes (2004) como “escrita de si”, isto é, as correspondências de Martiniano Medina.

Neste ponto, cabe destacar: representações são produtos de uma formação que impacta nas dimensões regionais, sociais e culturais, pois visam a estabelecer um significado aceito como verdade. Por intermédio das cartas e da *carte de visite* de um homem, da elite paulista e paulistana, um engenheiro agrônomo de formação, vale dizer, com o acesso a alfabetização em um contexto do país no qual a maioria da população não era alfabetizada, e que viveu o contexto histórico delimitado, os componentes da moda e do vestuário possibilitaram considerar que o espaço cultural, as classificações socioeconômicas e as motivações políticas que perpassavam seus

usos, na cidade de São Paulo, forjam um tipo, uma identidade, uma nova representatividade masculina que se instaurou no espaço social cidadão.

A análise das fontes apresentadas compreende a moda como indício que proporciona dissecar o conjunto vestual, no caso, presente na imagem de Martiniano Medina, sem desconsiderar as possibilidades e características de sua estrutura plástica, bem como o discurso que sustenta sua construção, representatividade, relações de poder e outros caminhos investigativos que moda, roupa ou “roupa-texto” permitem acessar, como salientam os estudos organizados por Ivana Guilherme Simili (2013). A metodologia, em conjunto com uma abordagem teórica micro-analítica, possibilita avaliar o uso de fontes diversas na recuperação das representações que as mesmas pretendem imprimir.

Neste contexto, buscar no pequeno indício o recorte para a inter-relação macrossocial compreende a reflexão do modo particular de agir à suas intenções e significações coletivamente expressivas. A obra produzida pelo historiador italiano Carlo Ginzburg (1989) sustenta a abordagem micro-histórica, pois, como método para o desenvolvimento, o autor parte da redução de escalas de análise, isto é, não mais estudar a sociedade e a cultura por uma visão macro, mas sim micro. A ideia é que precisamos compreender o micro para melhor entendermos o macro, além de que a perspectiva micro-analítica nos permitir entender detalhes que o macro não nos possibilita, como pretendemos demonstrar.

Para uma melhor compreensão do desenvolvimento da pesquisa, este trabalho foi dividido em três capítulos, que são também subdivididos. No primeiro capítulo, analisamos a moda em sua dimensão teórica, problematizando sua abordagem clássica e destacando sua importância como fonte histórica embasadas em duas perspectivas: a perspectiva decolonial, aqui entendida como um movimento de crítica direta ao conceito de modernidade criado no seio do eurocentrismo no qual, a produção do saber, dos discursos e das narrativas oficiais validavam a posição de superioridade do branco e europeu (BARBOSA, 2012), impondo aos povos colonizados uma hierarquia social por meio de uma visão racializada em que se legitimava a condição de subalternizados tanto com relação a estruturas econômicas e sociais, quanto em relação a produção de seus conhecimentos, a reprodução de sua cultura e de sua história. A segunda perspectiva é baseada

epistemologicamente nos pressupostos da micro-história, discutindo moda como dispositivo desse poder, encadeamento que entendemos caracterizar a construção do conceito de masculinidade hegemônica (CONNELL, 2013). Ainda, contextualizamos a cidade de São Paulo no período delimitado, discutindo a ascensão de uma nova elite cidadina, comerciante e europeizada que se impõe superior, moderna e cosmopolita, principalmente, através da moda

No segundo capítulo fazemos a dissecação das fontes do estudo, quais sejam, as fontes imagéticas e epistolares trazendo a moda e a questão de gênero por meio da análise biográfica do personagem histórico tratado nas fontes. Discutimos a teoria em torno do trabalho com registros epistolares e com as trajetórias pessoais, tratamos teoricamente a fotografia e sua abordagem interdisciplinar e, por fim, abordamos a trajetória de Martiniano Medina, sua masculinidade, por intermédio das roupas usadas para o clique fotográfico.

No terceiro e último capítulo, traçamos uma análise das características das identidades masculinas idealizadas através da moda, nessa cidade em construção, relacionando-a com a noção de cidade-laboratório (MARINHO, 2020), ou seja, da intelectualidade como representação desse novo homem citadino e do regionalismo paulista e paulistano, que se supõe superior em relação às demais regiões do país. A partir dessa noção, tratamos as ideias de raça e eugenia em sua relação com a moda e esses novos padrões de poder (QUIJANO, 2005).

1 MODA MASCULINA E FORMAÇÃO DA PAULICEIA

Na passagem do século XIX para o XX, a cidade de São Paulo sofreu diversas transformações que ultrapassaram suas estruturas materiais, atingindo a forma como seus habitantes se relacionavam com o espaço urbano, com os novos costumes, os quais, por sua vez, atingiam os modos de se vestir. A construção de fábricas e novos edifícios, a instalação das linhas ferroviárias, o aumento da chegada de imigrantes e mudanças no aparato administrativo-municipal foram algumas das principais mudanças que fizeram parte do projeto de urbanização paulistana, cujas novidades

incluíam a adoção de novos padrões de vestimenta que, inclusive, buscava associação com o mundo europeu.

Nesse processo, as novas tecnologias e os novos espaços de sociabilidade atingem o modo como os homens representavam suas masculinidades, o que também foram significativamente alteradas. A moda masculina, como meio de expressão e de interação com essas transformações, permite acessar as representações culturais construídas pelos discursos sociais que determinavam os papéis de homens dentro do contexto social vigente. Dessa forma, a moda masculina possibilita revelar não somente as mudanças estéticas ocorridas, como também os discursos e ideologias que estruturaram a narrativa dessas transformações.

1.1 Novos costumes: as roupas como indícios históricos e sociais

Mesmo a vestimenta sendo um elemento fundamental na organização das sociedades, seu estudo foi negligenciado pela História oficial (LIPOVESTKY, 2009; BOURDÉ; MARTIN, 1983). Considerada uma futilidade das classes dominantes, anteriormente aos séculos XIX e XX, a História do Vestuário foi descrita sobre dois vieses: um meramente econômico, que a considerava somente resultado dos processos produtivos (MARX, 2008) e outro meramente estético, que se ocupou de descrever suas transformações de formas, cores e estilos, porém sendo incapaz de explicar sua relação com os fenômenos sociais.

Em meados das décadas de 1860 e 1870, os estudos históricos passam por uma grande transformação, processo que os torna uma Ciência. Este desenvolvimento tem seu início a partir da erudição, pautada na crítica às fontes, algo que se apresenta como método de estudo ao lado da definição precisa de datas nesta constituição da História enquanto Ciência, visando à autenticidade das evidências. Deste modo, compreendemos que a história científica ou erudita tem como finalidade, a partir de seus estudos, a busca pela verdade, motor dos estudos em História. A primeira fase desta história científica está centrada nas concepções do alemão Leopold von Ranke (1795-1886) seu maior expoente, o que nos permite identificá-la como “Escola Metódica” ou “História Rankeana”. De acordo com Ranke, a História deveria ser apresentada por historiadores tal como ela “realmente aconteceu”.

Para que este fim fosse possível, seria necessário ao historiador se manter neutro diante de seus estudos e no trato com os documentos, não se utilizando de qualquer postulado teórico, crença, mentalidade, ideologia ou outra produção historiográfica. Nesta velha concepção metódica, o uso destes recursos impediria a imparcialidade da visão deste profissional historiador em suas pesquisas, o que conferia assim um grau elevado de cientificidade. Podemos notar que as lições da “História Rankeana” apresentam ênfase nos documentos escritos como se estivéssemos limitados a apenas transcrever as mesmas palavras presentes nas fontes escritas. Estudos como o de Peter Burke (1992) entende esse processo como uma busca pela “objetividade”, uma demasiada centralização nos documentos, ignorando teorias, subjetividade e demais conhecimentos oriundos de ciências vizinhas. Inclusive, por falarmos em fontes escritas, estas eram as únicas evidências aceitáveis pelo “Paradigma Histórico Tradicional”: as demais eram marginalizadas por este fazer historiográfico. As fontes históricas eram configuradas apenas como documentos escritos, marginalizando e descartando, por exemplo, as fontes iconográficas – como as artes plásticas, a fotografia –, os registros privados – como diários, cartas – e a cultura material – como a indumentária, o mobiliário, entre outros vestígios da experiência humana.

O preceito que explica esta característica é o de que a História deveria atentar-se para a política, para as questões diplomáticas e militares, muitas vezes construindo um nacionalismo ao exaltar os grandes feitos da nação e de seus respectivos heróis. De acordo com esta “filosofia da ciência” positiva, a humanidade caminhava de forma progressiva e evolucionista para algo melhor, para uma sociedade ideal calcada no progresso técnico. Na História, esse cientificismo impactaria em uma concepção progressiva e evolucionista da sociedade. No entanto, no início do século XX, no combate a este “Paradigma Histórico Tradicional” ou “Paradigma Iluminista”, é fundada, na França, a revista *Annales D'histoire Économique et Sociale*, em 1929. Historiadores como Marc Bloch e Lucien Febvre ensejavam a criação de uma “nova história”: uma história já não mais pautada na ideologia do progresso a partir dos avanços técnicos e das ciências, mas uma história mais ampla; uma história social e econômica, capaz de responder às necessidades intelectuais, acadêmicas e sociais.

A escrita da História, a partir deste novo paradigma, buscava se tornar uma Ciência não mais estruturada de forma tão rígida, presa em uma concepção bastante

sólida e objetiva. Exemplo disso é que os Annales reconheciam a importância de se problematizar as fontes e os documentos, utilizando-se de teorias da própria História e das disciplinas próximas. Em relação aos documentos, estes não eram apenas os escritos e oficiais, emanados do governo: eram todos os tipos de fontes possíveis que permitiam aos pesquisadores estudar o passado, por exemplo, a cultura material que apresentasse a ação humana.

Neste sentido, mudanças no campo disciplinar da História – a começar na década de 1960 –, implicaram na renovação das fontes de pesquisa e diversos registros foram usados em ambientes acadêmicos consolidados. Jacques Le Goff (1924-2014), George Duby (1919-1996), Philippe Ariés (1914-1984) são historiadores considerados expressões de uma geração vinculada à *École des Annales*, que colaborou para a ampliação das fontes para pesquisa em História. Essa geração de historiadores avançou no debate e propunha que a fragmentação atribuída aos estudos derivados dessa “nova história” tinha o mérito de preencher lacunas deixadas por estruturas asfixiantes, que propunham uma história geral, determinista ao impor via de mão única ao desenvolvimento das sociedades a partir de uma consciência global, uníssona e comum.

O movimento intelectual francês implicou uma mudança diametralmente oposta ao que se supunha como documento histórico, assim como seus usos. As fontes de pesquisa utilizadas por historiadores filiados ao movimento de 1929 reivindicaram os mais diferentes vestígios das manifestações humanas como “comprovações empíricas”. Nessa geração, o movimento passa a ser identificado como *Nouvelle Histoire* e se volta de forma incisiva à Antropologia ao suscitar temas, problemas e abordagens voltadas para aspectos culturais, vividos por indivíduos, grupos e populações não considerados na escrita da história tradicional, ou considerados inferiores. O estudo de suas experiências, assim como de seus sentimentos, expandiram limites temáticos e geográficos da pesquisa voltada para a História Cultural. A terceira geração do movimento de renovação da escrita da História em seus desdobramentos permitiu ao historiador exercitar outras habilidades ao valorizar a subjetividade na pesquisa histórica e na escrita da História, sobretudo, por considerar as fontes como construções discursivas, produtos de representações moduladas por gênero específico.

Sem excluir documentos oficiais, os estudos derivados da terceira geração – e que se sucederam – valorizaram experiências plurais, anteriormente destituídas de história. Os filtros deformadores implicam supor que o documento é modulado, e a escrita (a linguagem), pela circularidade discursiva e cultural existente no processo, impacta na ação do escrevente, falante e ouvinte, bem como na formalização da função social do gênero discursivo (BAKTHIN, 2010).

Para compreendermos o ato de vestir em sua interrelação macrosocial, é preciso não só conhecer e problematizar suas principais concepções, pois “A história da roupa nos diz muito acerca das civilizações; ela revela seus códigos” (ROCHE, 2007, p. 21). As modificações vestuais, se observadas por um espectro mais amplo, constituem o campo de estudos da moda. As primeiras análises teóricas do vestuário e da moda surgiram na Europa após a segunda metade do século XIX. Em linhas gerais, tais obras buscam traçar a origem da moda argumentando sobre as diferenças entre moda e costume, e a extensão da sua dimensão e características sociais que estabelecem sua existência: a busca pela individualidade (distinção) e o desejo por ser socialmente aceito (imitação). Seguindo esse fio, a moda ora se refere ao fenômeno onde os modos de se expressar por meio do uso de acessórios e da composição do vestuário se alteram frequentemente; ora se refere às tendências dos grupos dominantes que direcionam os hábitos do vestir em determinada época, como é o caso de Naninho, diretor do Instituto Agrônomo do Posto Industrial Animal “Dr. Pádua Salles” de São Carlos e fundador do Hippodromo Derby-Club Sancarlense. Se tratando das tendências norteadoras do comportamento, elas podem se manifestar de maneira globalizante ou em menor escala.

Sobre a primeira noção, as tendências podem se revelar em um nível de influência de menor escala, em que estas norteiam hábitos específicos de grupos de estilos em uma realidade plural de grupos e formas de existência. Esta é uma visão que deixa de considerar a existência de apenas uma moda, a da elite – resultante da pretensão de distinção de uma classe social sobre outras que, teoricamente, se situam abaixo desta em uma hierarquia social –, para se ter a expressão de variados modos de vestir, de modas – no plural. Modas que não existem em uma só hierarquia de poder social, mas se mostram de formas diferentes e impactam também nas relações de raça e gênero, pois a pluralidade social permite as manifestações das diferenças, ainda que sejam influenciadas pelos “micropoderes” (FOUCAULT, 1979).

A segunda noção, moda produzida pelas elites, um único grupo produz a moda e influencia o restante da sociedade. Esta é a moda entendida em seu sentido clássico, teorizada principalmente por sociólogos como Simmel (2008), Veblen (1987), Elias (2001) e Bourdieu (1974). Tais modas, quando imitadas pelas classes inferiores, sobretudo pela burguesia, se atualizavam em novos modos e usos, elaborados por novas orientações, para que pudessem continuar a distinguir socialmente, por meio do vestuário, a classe de valor simbólico superior.

Buscamos em nossa pesquisa analisar o vestuário, que chamaremos de moda-vestuário, pois como registro histórico nos permite acessar os discursos que sustentam seus usos (FOUCAULT, 2014) por uma perspectiva decolonial. Por meio de uma leitura problematizadora sobre a moda, consideramos que a classificação da moda como fonte histórica de menor valor social tem ligação com a colonização do saber, visto que seus pensadores clássicos a colocam como um fenômeno exclusivo do Ocidente (LIPOVESTKY, 2009).

O termo moda tem sua origem no latim *modus*, que significa modo, maneira ou comportamento. A moda, como fenômeno histórico, é contraditória e multifacetada, em que “Não há moda em um mundo em que as coisas duram, permanecem estáveis, envoltas na aura sagrada de um tempo que parece não passar” (SANTAELLA, 2004, p.115). Considerada como um símbolo da modernidade (LIPOVESTKY, 2009) a moda foi diretamente relacionada ao modelo de civilização europeu, vinculação que sobrevive ao momento presente. Associamos a moda – que expressa e evidencia as relações de poder –, como parte constituinte do processo colonial e da ideia de raça, ou seja, uma supostamente distinta estrutura biológica que situava a uns em situação natural de inferioridade em relação a outros.

Essa ideia foi assumida pelos conquistadores como o principal elemento constitutivo, fundacional, das relações de dominação que a conquista exigia. Nessas bases, conseqüentemente, foi classificada a população da América, e mais tarde do mundo, nesse novo padrão de poder. Por outro lado, a articulação de todas as formas históricas de controle do trabalho, de seus recursos e de seus produtos, em torno do capital e do mercado mundial. (QUIJANO, 2005, p. 117).

Não negamos que o fenômeno da moda tenha se expandido com maior força no Ocidente, por meio da expansão do sistema colonial e capitalista, pois é apenas no fim da Idade Média que surge a moda como um sistema, como um conjunto de

elementos constitutivos, qual seja, a “ordem própria da moda [...] com suas metamorfoses incessantes [...] e suas extravagâncias” (LIPOVETSKY, 2009, p. 24). Mas, elencar a moda como um fenômeno exclusivo da Europa Ocidental seria afirmar que as demais regiões que não se encaixam no modelo civilizatório europeu não têm história e identidade independentes das relações com o colonizador, reafirmando uma suposta universalidade da cultura dominante.

De acordo com esse pensamento, nas sociedades não europeias não haveria nenhuma mudança significativa na moda, pois o modelo civilizatório e estético universal – diga-se, europeu – impede o reconhecimento das nuances dos modos de vestir como resultado de processos culturais mais amplos baseados na diversidade religiosa, étnica e social, como as trocas culturais entre diferentes povos, o que permite revelar a imposição de uma visão cultural e política colonialista; pois, “Podemos dizer que o vestir é uma ação encontrada nas mais diferentes culturas. Ainda que percebido de maneiras diferenciadas, vestir-se é uma ação [...] e mesmo quando nus, estabelecemos uma relação com o vestir” (SANTOS, 2020, p. 168).

Dialogando com Michel Foucault, entendemos o discurso hegemônico sobre a moda não só como língua escrita e falada, que impacta nas transformações estéticas, mas também como resultado de normas que se articulam com práticas sociais, como “Um conjunto de regras anônimas, históricas sempre determinadas no tempo espaço, que definiram em uma dada época, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística” (FOUCAULT, 2009, p. 133). Seguindo na direção contrária a essa noção, pensar a moda como linguagem que comunica a relação entre o indivíduo e a sociedade (CALANCA, 2008) e a roupa como registro histórico, permite avaliar processos que extrapolam suas materialidades na medida em que ambas desvelam subjetivações que permitem acessar o cotidiano, comprovando a “[...] a existência de uma profunda conexão que explica os fenômenos superficiais [...] pois [...] se a realidade é opaca existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la” (GINZBURG, 1989, p.177).

As transformações dos modos de vestir traduzem-se como elementos dos novos códigos de conduta da sociedade – seja da elite política ou não –, assim como das diferentes culturas que, no caso do contexto brasileiro, mais especificamente da cidade de São Paulo, foram influenciadas pela movimentação e pela hegemonia

européia. Esse foi um período de reinvenção das formalidades e a moda entra em evidência como reflexo destes novos interesses e convicções.

No fim do século XIX, o Brasil passava por uma transição do sistema político, econômico e social que consolida a instauração da República em 1889. Vicissitudes desse processo reconfiguram a cidade de São Paulo e marcam a Belle Époque brasileira na medida em que influências da vida citadina industriosa atravessam a cidade em sucessivas transformações (SEVCENKO, 1992). A alma paulistana, a mudança de ambientes urbanos, o aumento da densidade demográfica na cidade, que explode com a imigração e industrialização, impactam no cotidiano de homens e mulheres, inclusive na dimensão da vestimenta. No caso, simbolicamente na própria identificação dos homens que as usavam, isto é, como sinal de um novo comportamento masculino, pois os homens abandonam o uso do couro e de pesadas botas com esporas em favor de sapatos leves, mais favoráveis, apropriados para a direção de automóveis, locomoção em bondes, trens, aviões, não mais a cavalos como explica, Denise Bernuzzi de Sant'Anna (2013).

Figura 1 - São Paulo, Rua Direita (1911)



Fonte: Catálogo da coleção de fotografias Guilherme Gaensly do Acervo Público do Estado de São Paulo – APESP.

As representações são produtos da uma formação regional, social e cultural na medida em que “O espaço geográfico deixou de ser estático e passou a ser uma produção coletiva dos homens” (VISCARDI, 2016, p. 86). Considerando o recorte delimitado, onde se faz presente uma forte influência da ascensão das classes burguesas com o rápido desenvolvimento econômico relacionado às inovações urbanísticas e tecnológicas no Brasil – e mais especificamente em São Paulo, um dos Estados mais ricos do país e liderado com ao apoio da elite agrária produtora e exportadora de café –, as heranças de classe passam por um processo de assimilação mediante as novas experiências do modelo republicano, que se articula junto às oligarquias cafeeiras.

São Paulo teve uma explosão demográfica na passagem do século XIX para o XX: em dezoito anos, de 1892 a 1910, a população paulista cresceu “764% isto é, passando de 31.385 para 239.820 habitantes” (DECCA, 1991, p.37). Os bairros cresceram junto com a população e, concomitantemente, a desordem: bairros tidos como operários – a exemplo do Brás, Moóca, Lapa, Luz, Santana, Cantareira, Barra Funda, Bela Vista e Liberdade – eram espaços sociais nos quais se estabeleceram inúmeros cortiços.

No século XX, a ciência pretendia explicar os desvios da norma imposta pelo capitalismo, inspirados em paradigmas oriundos do mundo europeu e fundados na ciência eugênica; controladores da ordem urbana (como médicos e advogados) entendiam que a solução encontrada para os desvios da moral burguesa, dentro das fábricas e nos cortiços, seria a o higienismo: todo comportamento tido como amoral ou impróprio era severamente punido ou repreendido. O higienismo era uma tentativa de curar o corpo e a mente; embora a fábrica higiênica só tenha de fato sido criada na década de 30, em 1910 já existia a ideia de uma fábrica mais confortável e sem acidentes, com um objetivo claro de maximizar a produção e aumentar os anos de exploração do operário (LUCA, 1999).

Se desvelada, a moda possibilita avaliar mudanças significativas que desembocam na paulistanidade. As novas gerações, formadas por uma elite intelectual, tornaram-se extremamente sensíveis à abertura do mundo, sobretudo, o

europeu (SALIBA, 2012, p. 240). Paris e Londres eram modelos de comportamento e urbanidade copiados pelas pessoas que viviam na cidade que mais crescia no Brasil.

Em sua tradução para o português, o “Cartão de Visita” sinaliza essas mudanças processadas na vida cidadina. O registro – que poderia representar a família ou a imagem individual de seu portador, descoberto e patenteado pelo fotógrafo francês André Adolphe Eugène Disderi (1819-1889), em 1854 –, constituía-se de um cartão de pequeno tamanho com uma foto geralmente revelada pela técnica de impressão em albumina, colada em um cartão de papel rígido um pouco maior, uma regalia das elites. Todavia, avanços e disseminação de técnicas fotográficas entre imigrantes, aos poucos tornaram os usos desta etiqueta social acessíveis a outros grupos menos favorecidos ou em ascensão (LEITE, 2012), algo que não era difícil na cidade, considerando-se o volume de negócios, a circulação de bens e pessoas no transcorrer das décadas iniciais do século XX em São Paulo.

Ainda que houvesse uma produção técnica e visual da imagem projetada na Carte de Visite de Martiniano Medina, ou que sua roupa tenha sido montada, escolhida, ou sua imagem fabricada, tais fatores acrescentam ao “paradigma indiciário” (GINZBURG, 1989), pois ampliam o encontro das pistas, desvelam vestígios com aportes documentais tratados no campo das possibilidades de interpretação de fenômenos que organizam a vida social mais ampla. A micro-história, erroneamente entendida como um rótulo que nega “noções gerais” da História por interessar-se pelas minúcias da vida, por coisas incertas suscitadas no cotidiano, que parecem diminuir e descaracterizar parâmetros teóricos utilizados para interpretar o passado,

[...] tem sido, freqüentemente, interpretada como um procedimento que implica o destaque do fragmento por ele mesmo. Trata-se de uma leitura bastante equivocada do projeto micro-histórico. Uma pesquisa focada em determinada cidade ou em determinado indivíduo seria totalmente gratuita, caso não se justificasse em termos, explícita ou implicitamente, comparativos. O singular e o geral implicam-se necessariamente. Ao meu ver, a micro-história não deveria levar à rejeição das generalizações históricas; deveria, sim, levar a repensá-las. (GINZBURG, 2002, pp. 4-8)

Operando em uma escala reduzida e evitando o abrigo seguro das generalizações históricas, a micro-história identifica no microcosmo impactos de processos globais, não o fragmento por ele mesmo. Interessada em interpretar

discursos e representações em uma escala microscópica, isto é, reduzida a pequenos eventos aparentemente sem importância, a perspectiva de escrita da História se consolida à parte dos grandes núcleos “revolucionários da historiografia” do início do século XIX, diferenciando-se da antropologia interpretativa na medida em que o campo cognitivo proposto não avalia um significado homogêneo nos sinais e símbolos públicos, mas busca defini-los e medi-los com referência à multiplicidade das representações que produzem.

A microanálise busca nos detalhes e sinais aparentemente banais indícios que permitem reconstruir fenômenos profundos que, quando revelados, apresentam notável alcance. Mesmo se a realidade se apresentar opaca, ainda assim é possível detectar zonas privilegiadas, oferecidas por índicos e sinais sempre sutis e minuciosos que permitem decifrá-la. “Essa ideia, que constitui o ponto essencial do paradigma indiciário ou semiótico penetrou nos mais variados âmbitos cognoscitivos, modelando profundamente as ciências humanas [...]”; porém, acrescenta “...ninguém aprende o ofício de conhecedor ou de diagnosticador limitando-se a pôr em prática regras preexistentes. Nesse tipo de conhecimento entram em jogo (se diz normalmente) elementos imponderáveis: faro, golpe de vista, intuição” (GINZBURG, 1989, p.154).

Nesse sentido, abordamos a roupa para além de sua estrutura material, pois o intercâmbio da História com outras áreas de conhecimento e, conseqüentemente, outras fontes – a moda e a fotografia – propõe identificar, através da vestimenta e das posturas que as insere na vida social, aspectos característicos da transformação de uma cultura rural para a vida urbana em São Paulo do início do século XX (mais especificamente entre 1900 a 1930); bem como sua dimensão de significados e importâncias para a pesquisa da História, diferentemente dos modelos caracterizados pelas escolas positivista e metódica, desenvolvidas pela influência da história política, linear e narrativa, que consideraram como fontes de valor histórico apenas os registros oficiais e ignoram os sinais de historicidade dos espaços considerados por muitos autores e pesquisadores pós década de 1970 como os anônimos: a vida cotidiana e as pessoas comuns. Mas mais do que isso, pretende-se contribuir para uma mudança do olhar superficial sobre a moda, que a considera apenas como um bem de consumo, para, deste modo, demonstrar seu poder de (des)construção cultural.

A microanálise possibilita avaliar como esse homem, evocado na redução da escala de observação, deslinda a construção dessa nova masculinidade. Por considerar as evidências como significativas para desvelar uma sociedade como um dos pilares do paradigma indiciário – que implica a descrição densa explorada em uma documentação vasta (GINZBURG, 1989; VAINFAS, 2002) –, considera-se que a *Carte de Visite* de Martiniano Medina se desdobra ao compor parte de um conjunto documental epistolar formalizado por 19 registros, entre os quais cartas, cartões, recados, bilhetes que formalizam um lote de correspondências escritas entre 1908 e 1919 para Esther de Figueiredo.

O estudo interpreta vestígios negligenciados, observando elementos do cotidiano encontrados nas fontes primárias deste projeto, quais sejam, os registros epistolares, nos quais se incluem cartas, cartões, diários, postais e uma fotografia. Como supracitado, o material que formaliza a presente proposta de pesquisa consiste em um conjunto documental composto por 19 correspondências, escritas entre 1908 e 1919 por Martiniano Medina para Esther de Figueiredo. As correspondências são compostas basicamente por cartas postadas em cidades do interior do Estado de São Paulo, pois o escrevente dirigia, à época, o Instituto Zootecnico na cidade de São Carlos. A fonte principal será a fotografia de Martiniano Medina, encaminhada para Esther de Figueiredo em 14 de março de 1908.

O primeiro registro escrito marca a troca de correspondências entre o casal. O documento, um bilhete-postal como *Carte de Visite*, além de demonstrar a relação conjugal e familiar entre os escreventes, permite observar se tratar de um homem culto, que se exprime a partir de uma linguagem amável, sensibilidade que altera o lugar ocupado pelos homens ou forjados para o universo masculino na sociedade da época. Martiniano retrata esse novo homem elegante, que se projeta como tal no sentido de cumprir com demandas da vida moderna como ao escrever “Triste daquele que ama apaixonadamente e longe de seu bem amado. Pira-14-3-08/ Naninho/ A Esperança é a flor mais bela do jardim da ausência/ Conheces?...”. (CARTAS PARA ESTHER, 1908).

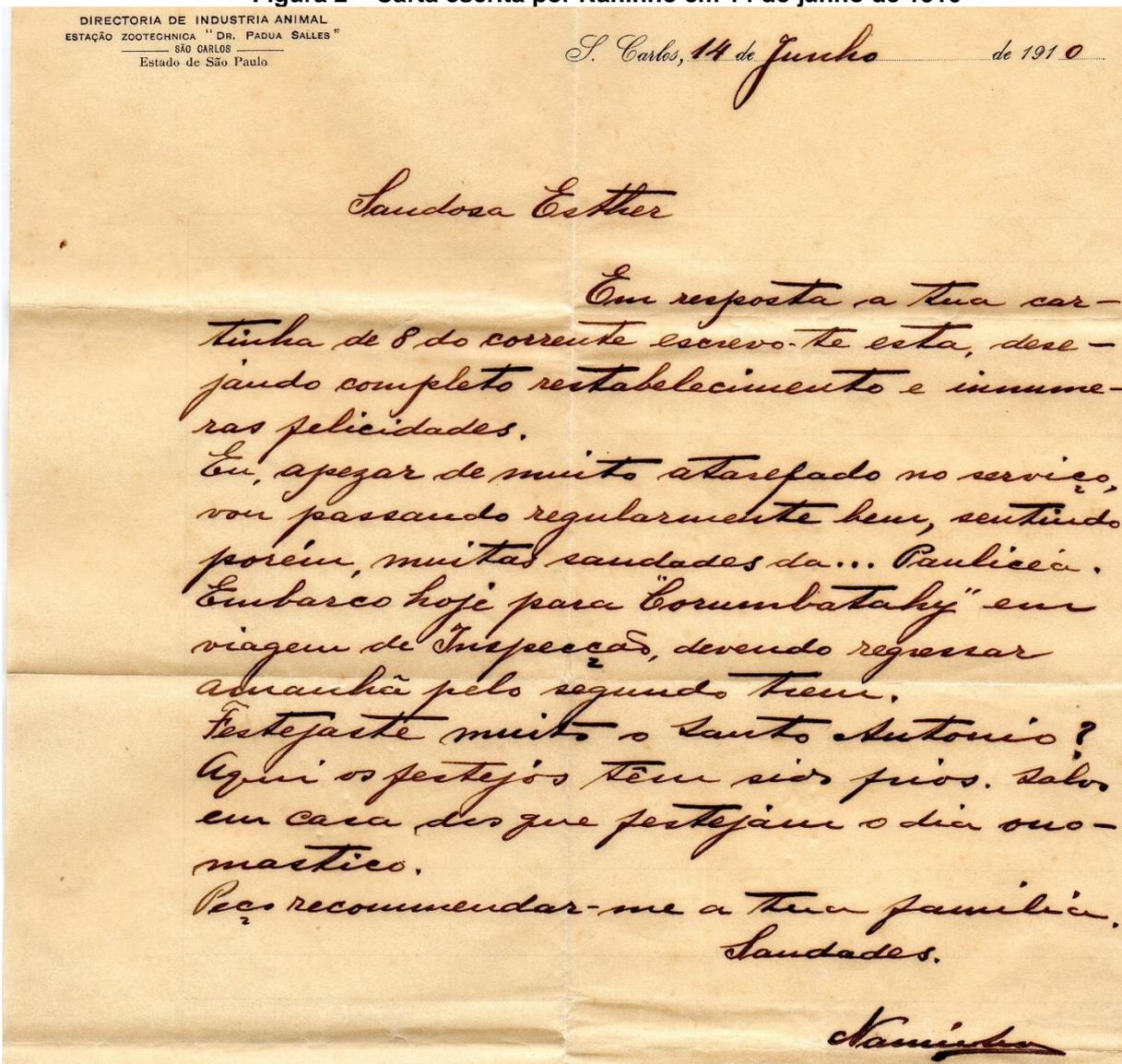
Como destaca Mary Del Priore (2012), os escritos amorosos trocados entre o casal auxiliam a análise do conteúdo das mensagens ao conectar a troca de correspondência com a moda, isto é, com padrões morais que ditavam regras do

namoro e noivado, da vida citadina, da atualização dos sentimentos e das sociabilidades que reinventavam as emoções e os lugares. Os novos estilos modificam trajetórias pessoais; deste modo, pensar masculinidades e feminilidades no contexto estudado implica considerar influências recíprocas da moda nos comportamentos de ambos, pois as roupas desvelam contestações que alteraram os limites estabelecidos avançando fronteiras do comportamento aceitável para ambos os casos. Temas como namoro de longe, corpus nus expostos na mídia, discussões sobre sexualidade, por exemplo, evocam o que a autora considera como “movimento de emancipação de corpos e espíritos” (DEL PRIORI, 2012, p. 6).

As cartas assinadas por Martiniano Medina são escritas em resposta às que recebia de Esther de Figueiredo, sua noiva à época. Os registros indicam como endereços ou destinatários, em um primeiro momento, a Rua São Caetano, número 119 e Rua Monsenhor Andrade, número 123 em um segundo momento, ambos no bairro do Brás, centro da cidade de São Paulo. As nove primeiras cartas datadas do ano de 1910 indicavam o local de trabalho de Martiniano, qual seja, a antiga Estação Zootechnica Regional “Dr. Padua Salles” de São Carlos. Os registros epistolares permitem identificar no escrevente sua devoção ao trabalho e as formalidades em relação ao cargo que ocupava como um distintivo de sua masculinidade:

S. Carlos, 14 de Junho de 1910 / Saudosa Esther / Em resposta a tua cartinha de 8 do corrente escrevo-te esta, desejando completo restabelecimento e inumeras felicidades. / Eu, apesar de muito atarefado no serviço, vou passando regularmente bem, sentindo porém, muitas saudades da... Paulicéa. / Embarco hoje para "Corumbatahy" em viagem de Inspeção, devendo regressar amanhã pelo segundo trem. / Festejaste muito o Santo Antonio? / Aqui os festejos têm sido frios. Salvo em casa dos que festejam o dia onomastico. / Peço recomendar-me a tua família / Saudades. / Naninho. (CARTAS PARA ESTHER, 14/06/1910)

Figura 2 – Carta escrita por Naninho em 14 de junho de 1910



Fonte: CARTAS PARA ESTHER (1905-1919). Arquivo CISGES/UNISA.

A chamada República Velha (1889-1930) ampliou os acessos aos espaços sociais e fez emergir mudanças significativas com o projeto de modernização, o qual rejeitava tudo o que se relacionava ao regime político anterior. De acordo com Albuquerque Júnior (2013), no âmbito das masculinidades, existia um sentimento de medo com relação à difusão dessas novas sensibilidades na sociedade, as quais revelam mudanças ocorridas no fim do século XIX, seguindo até a Primeira Guerra Mundial, em 1914, caracterizado pela industrialização, pelo processo de urbanização e pela inclusão de novos grupos sociais anteriormente excluídos, que emergem financeira e socialmente como responsáveis pela desvalorização do antigo sistema político e econômico, dando lugar a uma “desvirilização da sociedade” (2013, p. 29).

As heranças de classe passam por um processo de assimilação mediante as novas experiências do modelo republicano, que se articula com a noção de moderno e de paulistanidade. Naninho é uma prova desta masculinidade alterada na medida em que demonstra seus sentimentos como os expressos na missiva escrita em maio de 1910:

São Carlos, 19 de Maio de 1910/ Esther/ Após curta permanência em “Nova Odessa” aqui hontem cheguei, tomando logo em seguida posse da direcção do Posto./ Ao voltar à tarde para hotel Accacio, onde estou hospedado, com o fim de jantar, e pegando no “Estado de São Paulo” qual não foi minha surpresa ao lêr a triste notícia do fallecimento de [Iguazinha?]/ Este terrível acontecimento foi immediatamente confirmado por uma carta que recebi de papae, e foi com os olhos a gotejarem lagrimas de dôr que li. / Profundamente pezaroso, recordo-me com saudade de minha querida irmãsinha, que há poucos dias deixei-a tão alegrinha apesar de jáestar atacada da rebelde molestia que a levou para junto de Deus./ Senti immensamente não me terem communicado por telegrama, pois assim teria ido ahi dar-lhe o ultimo beijo e despedir-me para sempre do entesinho querido./ O que mais me acabrunha é o lembrar-me de mamãe, que esta hora coitada, estará banhada em prantos, pois só quem é mãe, é que pode avaliar o quanto doe um funesto acontecimento destes. Enfim, devemos nos resignar com a vontade de Deus./ Bastante entristecido continuo sem novidade desejo saúde aos teus./ Do sempre teu/ Naninho. (CARTAS PARA ESTHER, 19/05/1910)

Figura 3 – Carta escrita por Naninho em 19 de maio de 1910

São Carlos, 19 de Maio de 1910.

Esther.

Após curta permanência em "Nova Odessa" aqui hontem cheguei tomando logo em seguida posse da direcção do Porto.

No voltar a tarde para o hotel Accacio onde estou hospedado, com o fim de jantar, e pegando no "Estado de São Paulo" qual não foi a minha surpresa ao ler a triste noticia do fallecimento de Ignezinha.

Este terrivel acontecimento foi immediatamente confirmado por uma carta que recebi de papai, e foi com os olhos a gr-
tejar em lagrimas de dor que a li.
Profundamente pegavos, recordo-me com saudade de minha queri-

Fonte: CARTAS PARA ESTHER (1908-1919). Arquivo CISGES/UNISA.

Figura 4 – Carta escrita por Naninho em 19 de maio de 1910

da imãzinha, que ha poucos dias ainda deixei-a tão alegreinha apesar de já estar atacada da rebelde molestia que a levou para junto de Deus.

Senti imensamente não me terem communicado por telegramma, pois assim teria ido abençoar-lhe o ultimo beijo e despedir-me para sempre do enteeinho querido.

O que mais me acabaunha é o lembrar-me de mããe, que esta hora coitada, estari bauhada em prantos, pois só quem é mãe, é que pode avaliar o quanto dói um funesto acontecimento destes. Enfim, devemos nos resignar com a vontade de Deus.

Bastante entristecido, de-
continuo com saudade e

seja saude aos teus,
 Do sempre teu
 Naninho

Fonte: CARTAS PARA ESTHER (1908-1919). Arquivo CISGES/UNISA.

A fotografia, existente no antigo formato de apresentação social, torna-se o receptáculo da “roupa-texto” (SIMILI, 2013) e revela a moda masculina como produtora de discursos sociais, os quais, por sua vez, compartilham as subjetividades. A imagem de Martiniano Medina, tratada da dimensão da vestimenta, do traje usado para o momento da perpetuação da imagem, do homem que se pretendia expor, sustentam as análises, pois as roupas “[...] para além de sua dimensão plástica, nos põem em contato com os sistemas de significação, com seus imaginários” (BORGES, 2011, p. 79). A carta revela ainda a construção de uma masculinidade distinta, pois polida, educada, cortês, que também pretendia impressionar sua pretendente.

A retomada do indivíduo na escrita da História, das trajetórias pessoais como reflexos de experiências mais amplas (GINZBURG, 1989), reforçam o entendimento de que o saber é construído por dinâmicas e tensões permanentemente intercambiáveis, dadas a partir de processos que se inscrevem na vida social, cultural, identitária, ideológica, de gênero que fabricam o Outro – ao mesmo tempo em que são fabricadas. Diferente de modelos caracterizados por uma história eminentemente política, que ignora sinais de historicidade particulares, evocados no cotidiano, a narrativa proposta remonta a vida de uma pessoa submersa em um contexto singular da História de São Paulo. A abordagem micro analítica, em sua forma de redizer, de reconstruir, possibilita acessar o sentimento produzido nas diferentes temporalidades, no caso, redimensionar a construções das masculinidades.

1.2 Sinais hierarquizadores: moda, masculinidades e Pauliceia

As inovações tecnológicas proporcionadas pela segunda onda da Revolução Industrial ainda no século XIX possibilitaram a abertura de mercados consumidores, o crescimento ainda mais considerável das cidades, uma grande circulação bens e o aumento dos veículos de produção e comunicação. O cenário da moda, considerada distintivo entre classe, raça e gênero, passa por um processo de readaptação aos novos ambientes de sociabilidade, assume novas funções, tendendo a se converter de acordo com o padrão de uma nova burguesia citadina, pois como permitem considerar os estudiosos:

Os recém-chegados só podem destituir os antigos porque a lei implícita do campo é a distinção, em todos os sentidos do termo: a moda é a última moda, a última diferença. Um emblema da classe (em todos os sentidos do termo) é destituído quando perde seu poder distintivo, isto é, quando é divulgado (BOURDIEU, 1974, p. 5).

As práticas de se vestir obedeciam, desde o século XVIII, a paradigmas propostos por uma elite franco-inglesa, atenta aos signos distintivos que as variações rotineiras das vestes proporcionavam. No contexto econômico capitalista marcado pela ascensão da burguesia industrial e por uma circunstancial mobilidade entre as camadas sociais, a roupa deixou de ser apenas um emblema de classe para ser a expressão da individualidade, bem ao modelo liberal de sociedade.

A moda como um sistema ou linguagem que comunica estruturas sociais, tendências, modos, costumes derivados do desejo e do consumo é, em sua forma mais conhecida, associada ao vestuário, mas o termo em si implica um sistema complexo, amplo e diverso: implica em “Estilos de roupas, acessórios, música, arte e outros elementos de determinada cultura que se tornam prevalentes em dado período (NEWMAN; SHARIFF, 2011).

O entrelaçamento entre gênero, classe social e raça perpassa uma noção de diferenciação social baseada em uma “ordem natural” dos papéis a serem desempenhados (SAFFIOTI, 1987) e foi neste contexto de mudanças intensas que a movimentação do centro de São Paulo influenciou na composição de novos códigos de conduta: enquanto as mulheres (brancas) permaneciam com um guarda-roupa restrito aos interesses de uma sociedade patriarcal, que caminhava da ruralidade para a urbanidade, eram os homens que projetavam as imagens da vida cidadina, da cidade metrópole, de seus movimentos e dos negócios altamente lucrativos, na medida em que “[...] a sociedade não só impõe, a partir de um determinado momento, uma forma feminina e outra masculina, como também se insinua na escolha da mesma” (SOUZA, 1987, pp. 45-46).

Os séculos XIX e XX testemunharam uma mudança no vestuário masculino onde a farda elegante e o traje padrão para negócios da era vitoriana se transformaram na sobrecasaca, que podia ser confeccionada no mesmo tecido ou em um padrão constante, inspirada nos uniformes militares continentais da era napoleônica. Porém, em oposição aos hábitos exibicionistas franceses, os padrões de

elegância masculina ingleses neste período são originários da aristocracia, onde os volumes e cores foram totalmente trocados por tons mais sóbrios e escuros e o traje masculino se tornou alinhado ao corpo. O foco nos acessórios dava conta de diferenciar não só aqueles dotados de poder econômico e posição social elevada – gravata, cartola e relógio de bolso eram fundamentais nos trajes –, como evidenciar as diferentes experiências masculinas e raciais presentes na Pauliceia. Desde o século XIX, os alfaiates ingleses tinham uma reputação internacional por criar roupas com um desenho bem definido. Tirar medidas precisas do corpo permitiu a criação de moldes baseados na compreensão geométrica da anatomia, valorizando aspectos físicos com base em ideologias organicistas (FERLA, 2005).

O homem *dândi*, no cenário paulista da entrada do século XX, se constrói envolto em comportamentos que emergem tanto das novas representações da elite paulistana – que entram em contato com os movimentos culturais europeus – como dessa nova burguesia citadina, que cada vez mais ganha espaço com o processo de urbanização e imigração; expressam, por intermédio da vestimenta, a trajetória das estafantes botas de couro e vestes pesadas para o trabalho e para os desafios do homem do campo, características típicas do “ideal de homem viril e violento das classes trabalhadoras” (MARAMALDO, 2015, p. 25); migram para o conforto e elegância dos tecidos leves, bem modelados e sóbrios como expressão deste novo homem que passa a considerar seu valor intrínseco, sem mais a necessidade de se destacar através da extravagância aparente das roupas, que marcam os séculos anteriores, pois o uso de ombreiras, colarinhos e gravatas inglesas deslocam a desenvoltura corporal e intelectual, demonstrando suas intencionalidades e utilidades sociais ligadas à vida profissional dos novos espaços e das novas classes que emergiam e buscavam adquirir – e adquiriram – uma identidade que se moldava com as atividades da cidade.

Documentos publicitários permitem observar a influência da alfaiataria inglesa na moda paulistana. A determinação da vestimenta masculina, neste período de virada de século XIX para o XX, representa não só uma nova maneira de se relacionar e de se posicionar diante destas novas necessidades do espaço da capital paulista, pensando em uma perspectiva puramente utilitária, mas também a chegada de pensamentos e ideologias estrangeiras. A roupa se articula de maneira a construir ou desconstruir padrões e práticas e, percebe-se na maneira de portar as roupas

masculinas, a respeitabilidade necessária para o novo conceito urbano de vida se relacionadas ao corte e à modelagem e à escolha por tecidos, modelos e acessórios ingleses, como em “Especialidade em Obras de Luxo”.

Figura 5 - Publicidade da Casa Aureli

CASA AURELI

Alfaiataria e Camisaria
 Novidades semanaes em Gravatas e Collarinhos Inglezes

<p>Ternos sob medida desde 45\$000 a 140\$000</p>		<p>Caçemiras Inglezas ESPECIALIDADE em Obras de Luxo</p>
--	--	---

AURELI & IRMÃO
 Rua S. Bento 23^E ☉ Telephone N. 2072
 São Paulo

Fonte: Revista "Correio da Semana", São Paulo, nº 283, ano 7, 07/11/1916, p. 6.

A moda masculina, que no contexto ainda constituía papel central tanto no núcleo familiar como na convenção social e profissional, vinha buscando soluções para o problema da mobilidade e se simplifica progressivamente, tendendo a cristalizar-se num uniforme demonstrando a importância dada ao interesse nas relações que envolviam a vida pública: os cafés, teatros, cabarés e principalmente, às conquistas do mundo do trabalho como o seguinte fragmento escrito por Martiniano Medina em 20 de junho de 1910 permite considerar:

Pretendia chegar até ahi dia 23, onde passaria a S. João e regressaria dia 26 pelo primeiro trem. É porem impossível a realização deste meu intento, devido a um officio que recebi do secretário, pedindo-me para o dia 25 o orçamento das despesas do posto, inventario de tudo quanto aqui existe pertencente ao governo e outras futilidades mais, que vieram somente frustrar meus planos. / Creio que tão cedo não poderei ir à S. Paulo. (CARTAS PARA ESTHER, 20/06/1910)

Figura 6 – Carta escrita por Naninho em 20 de junho de 1910

DIRECTORIA DE INDUSTRIA ANIMAL
 ESTACAO ZOOTECNICA "DR. PADUA SALLES"
 SÃO CARLOS
 Estado de São Paulo

S. Carlos, 20 de junho de 1910

Esther

Foi com grande satisfação que li a tua cartinha de 17, ainda mais ao saber que estais de todo boa.

Pretendia chegar até'ahi dia 23, onde passaria o S. João e regressaria dia 26, pelo primeiro trem! É porém impossível a realização deste meu intento, devido a um officio que recebi do Secretario, pedindo-me para o dia 25 o orçamento das despesas do Posto, inventario de tudo quanto aqui existe pertencente ao governo e outras utilidades mais, que vieram somente frustrar os meus planos.

Creio que tã. cedo não poderei ir a S. Paulo. Fio-me entretanto no velho adagio que diz: "Antes tarde do que nunca".

São muitas as saudades?...
 Aqui termino desejando saúde e felicidades aos tã.

Do que te ama com sinceridade

Naninho

O uso predominante de sobrecasacas, paletós, dos chapéus fedora¹, *boaters*² e panamá; bengalas que, apesar de sua funcionalidade, tornaram-se um acessório de moda indispensável desde o fim do século XIX entre os cavalheiros e os *dândis*³, afinaram a silhueta e a postura masculina em pontos específicos, acentuando uma transformação na concepção ideal da figura masculina onde o homem,

[...] não possui emoções, ou pelo menos não as deixa transparecer publicamente, não expondo suas lágrimas, suas dúvidas e incertezas, suas fraquezas, e em oposição a tais características que nega o homem transparece somente certezas, com opiniões firmes e incontestáveis, corajoso, heroico, desleixado, com sua vaidade e com seu comportamento sem polidez, agressivo, competindo com os outros homens. (MARAMALDO, 2015, p. 21)

O padrão estético da moda masculina representava o cosmopolitismo⁴ anunciado, vale dizer, inseriam ou não os homens (e mulheres) na sociedade paulistana em um contexto de mudanças radicais de vida e trabalho. No fim do século XIX, o Brasil passava por uma transição de sistema político e econômico. As influências desveladas possibilitaram observar mudanças significativas na maneira como os paulistas – sobretudo os paulistanos – se relacionavam, pois as elites intelectuais, paulistas e paulistanas, influenciadas pelo republicanismo “tornaram-se extremamente sensíveis à abertura do mundo, alavancada pelas transformações proporcionadas pela *belle époque* europeia” (SALIBA, 2012, p. 240).

Os importantes avanços científicos e tecnológicos do século XIX como a eletricidade, o transporte, as indústrias químicas, o controle das doenças, as constantes remodelações do espaço urbano, a alteração do mundo visual a partir da invenção e uso da fotografia e a invenção do cinema trouxeram para a sociedade do período alterações profundas e irreversíveis (AZEVEDO, 2010, p. 2).

1

“Chapéu de feltro macio ou veludo, com abas largas, frente em bico, capa em formato C e em geral uma fita ao redor da base da copa.” (NEWMAN; SHARIFF, 2011, p. 76)

² Chapéu com topo achatado e aba, em geral de palha, às vezes com uma fita ao redor da base. Era usado na navegação (daí o nome, que vem de “boat” – barco em inglês) e tornou-se bastante conhecido no fim do século XIX e início do XX. (NEWMAN; SHARIFF, 2011, p. 26)

³ “Termo empregado pela primeira vez no século XVIII para descrever indivíduos que prestam atenção excessiva às roupas elegantes e ao comportamento aristocrático” (NEWMAN; SHARIFF, 2011, p. 65).

⁴ Palavra de origem grega (*kosmopolites*), *kósmos* significando “mundo” e *polites* “cidadão”: cidadão do mundo. Seu conceito é relacionado à hábitos construídos através da troca entre culturas diferentes, e geralmente atribuída aos grandes centros urbanos, onde pessoas de diversos países e culturas convivem e se apropriam de novos conhecimentos e costumes. (DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2022, [s/d]).

O desenvolvimento da ciência e a intervenção artística como a arquitetura e, em específico, a moda, demonstram, além da movimentação industrial e econômica que chegava ao Brasil marcadas pela influência da *Belle Époque*⁵, as novas necessidades, os novos costumes e os processos sociais e históricos ligados às constantes renovações urbanas do período. Estas inovações, essencialmente ligadas às representações, tiveram papel fundamental na modernização do estilo de vida, caracterizando a busca pelo progresso material e pela ascensão social, pois “Os temas invariáveis do industrialismo, abóbadas, túneis, reservatórios de gás, chaminés de fábricas, imprimem-se no subconsciente e o homem também se torna cilíndrico” (SOUZA, 1987, p. 34).

O desenvolvimento cultural de São Paulo balizado pelo estudo da moda masculina e do uso da memória das roupas como fontes primárias – no caso, expressas na imagem fotográfica de Martiniano Medina, utilizada como documento e fonte principal desta pesquisa histórica – amplia a análise do sentimento que então se constituía a paulistanidade, pois como salientam estudos que analisam o tema:

A cidade, produto da cultura, reúne códigos sensíveis de representação desenvolvidos individualmente, que compõem, a partir do pertencimento ao grupo social, a representação maior da cidade. Assim é estabelecida uma mútua relação de construção, onde a representação é criada a partir do real e o real é recriado a partir do imaginário (MAMBELLI, 2015, p. 32).

A apropriação destes aspectos econômicos e sociais introduzidos buscam estas novas experiências através da apropriação dos modos de vestir. Neste contexto de mudanças, a busca por uma classificação na sociedade demonstra a transformação na maneira de se portar e se representar, que busca suprir as demandas da modernização paulistana e que, como cita Gilda de Mello e Souza:

Serve a estrutura social, acentuando a divisão em classe; reconcilia o conflito entre o impulso individualizador de cada um de nós (necessidade de afirmação como pessoa) e o socializador (necessidade de afirmação como membro do grupo); exprime idéias e

⁵ Movimento histórico do vestuário onde a extravagância de uma sociedade elitizada demonstra “Suntuosidade, luxo, beleza, *glamour*, ostentação, são algumas palavras que definem o período que vai da década de 1890 até o início da Primeira Guerra Mundial, em 1914, conhecida como a *Belle Époque* (Bela Época). Paris, a cidade luz, era a capital do luxo e a grande estrela daquela época.” (SILVA; VALÊNCIA, 2012, p. 107).

sentimentos, pois é uma linguagem que se traduz em termos artísticos. (SOUZA, 1987, p. 29)

A materialização desses novos espaços urbanos de São Paulo transformou não só as estruturas físicas da cidade como forjou uma identidade que comunicava a idealização de uma cidade intelectualizada e elitizada “passando pela composição com valores do grupo dominante e desprezo pelos espaços das minorias” (MARTINS, 1994, p. 178). As novas atribuições dos modos de vestir foram alteradas no contexto histórico delimitado. A roupa adquiria sentido classificatório rigidamente estabelecido, pois distinguia as pessoas e os lugares sociais que ocupavam. Afinal, como observa a bibliografia recorrente, “A moda, como sempre, era um reflexo da época” (LAVÉR, 1989, p. 213).

Não só os aspectos políticos e profissionais definiam a aparência do homem cidadão, marcando a ascensão de novas classes, do poder econômico e da supervalorização do status, que alterou a maneira de se vestir e de se apresentar socialmente, mas também o desenvolvimento científico. O vestuário e o estilo de vida do homem no período que compreende 1900 a 1930 em São Paulo são marcados pelo choque entre o estilo de vida do campo e as novas demandas da cidade, e evidenciam o sentimento de sensualidade, praticidade e intelectualidade deste novo homem que se distanciou das tendências extravagantes presentes até o século XVIII, pesada de acessórios, perucas e maquiagens.

Como destacado, o contexto histórico demarcado pela década de 1910 e a cidade de São Paulo evocam uma rápida transformação social do espaço urbano, que alterou a vida e o trabalho das pessoas. Motivada pela industrialização, a cidade recebeu muitos imigrantes e operários de outras regiões do Brasil, que pretendiam ampliar suas possibilidades para além do trabalho em fazendas de café, em condições precárias, presos a regimes de comodato e dominados pela extremada pobreza no campo. Na década de 1910, as capitais brasileiras estavam voltadas para uma mesma perspectiva, qual seja, a modernização. Por meio da monumentalidade de suas construções, característica da arquitetura europeia, as cidades buscavam fixar sua presença na história. São Paulo tem como exemplo o Teatro Municipal e o Anhangabaú, construções que alteraram a antiga representação da cidade, sem os

ares de cosmopolitismo pretendido e alcançado com as reformas urbanas, as quais alteraram a geografia de São Paulo.

A transformação social e econômica que se operou no seio da burguesia do século XIX, teve por consequência uma deslocação dos estados de consciência. O desenvolvimento da indústria, paralelo ao desenvolvimento da técnica, o progresso das ciências que crescia ao mesmo tempo que a necessidade de industrialização, exigia novas formas econômicas racionais. O resultado foi uma transformação da representação que as pessoas faziam da natureza e de suas relações recíprocas [...].” (FREUND, 1976, p. 67, tradução nossa)⁶.

Muitas casas coloniais, antigas ruas, estreitas, foram destruídas em nome da higienização da cidade; o que não impediu que em 1918 a epidemia de gripe espanhola ocorresse em São Paulo, que alcançou cerca 9.000 mortos. Na época, havia uma grande preocupação com a higiene por causa da proliferação de doenças. As habitações populares que se adensavam eram consideradas redutos de doenças; as acomodações precárias e locais frequentadas por trabalhadores, como bares e botequins, eram considerados por médicos e advogados como lugares que deveriam ser eliminados, pois promulgadores dos males sociais: a miscigenação, a prostituição, a criminalidade. Os pobres eram vistos com desconfiança, pois tinham os hábitos higiênicos questionáveis, dadas as condições de vida e trabalho a que estavam submetidos (RODRIGUES, 1997).

A partir de 1910, os operários passaram a ter uma maior assistência como moradia, escola, creche e recreação esportiva por parte de alguns empresários, que constroem as vilas operárias. Por outro lado, os equipamentos resultavam em um maior controle da vida do operariado, pois havia uma forte distinção entre as pessoas, inclusive, expressas pela moda-vestimenta ou “roupa-texto” (SIMILI, 2013). Nesse cenário, o homem passou a ser mais presente na vida pública, tendo uma brandura nas exigências da moda que lhes eram impostas, como revelam os veículos de informação. Os eleitos chegavam às faculdades, alcançavam carreiras ditas

6

“La transformación social y económica que se operó en el seno de la burguesía del siglo XIX, tuvo por consecuencia un desplazamiento de los estados de conciencia. El desarrollo de la industria, paralelo al desarrollo de la técnica, el progreso de las ciencias que crecía al mismo tiempo que la necesidad de industrialización, exigían nuevas formas económicas racionales. El resultado fue una transformación de la representación que la gente se hacía de la naturaleza y de sus relaciones recíprocas.” (FREUND, 1976, tradução nossa)

masculinas, como na Medicina e no Direito. As oportunidades profissionais evocavam cargos de chefia ou decisão promovidas pela formação acadêmica, sobretudo, em São Paulo.

Nesse contexto de intensa remodelação dos espaços urbanos, de desmonte das antigas bases de proteção e referência social, a cidade de São Paulo representava a modernização do país, por seus atributos culturais europeizados, que imprimiam uma noção de superioridade da região paulista e paulistana (WEINSTEIN, 2007; MOTA, 2005) e pelo fortalecimento de sua indústria, pela expansão das ferrovias e pela intensa circulação econômica.

A moda possibilita revelar a simbologia do vestuário masculino suscitando o reconhecimento das apropriações de uma elite em busca de identidade em meio à construção da modernidade que transformou a vida e o cotidiano da cidade de São Paulo. O estudo considera que a idealização e formação da paulistanidade – entendida como uma ideologia que relaciona progresso, modernidade, virilidade, branquitude, sucesso econômico e industrial à região paulista e paulistana –, são representadas na indumentária, no caso masculina, pois simbolizam valores sociais característicos dos processos sociais e culturais vivenciados, inclusive por Naninho, que se trata de um homem estudado, que atua com negócios provavelmente de alta rentabilidade e que compunham o seu perfil de homem bem sucedido.

2 MODA E MASCULINIDADE EM MARTINIANO MEDINA

No decorrer da história, como aponta Albuquerque Jr. (2011), foi atribuído ao homem um comportamento específico, demarcado por características que tinham o intuito de diferenciá-lo do feminino, tais como agressividade, competitividade, ausência de emoções ou fraquezas e a busca de domínio sobre as mulheres. Tais características diferenciam-se do que foi desvelado nas cartas, nas quais Martiniano Medina demonstra um comportamento sensível, sendo capaz de divulgar afetos, fraquezas, angústias, compaixão, isto é, sentimentos historicamente atribuídos à feminilidade. Do mesmo modo, modelos de conduta relacionados à masculinidade – como a força, brutalidade e rigidez –, não estão presentes quando observada a relação entre Martiniano e Esther. Tal posicionamento de Martiniano possivelmente

relaciona-se a sua busca por ascensão pessoal e com alterações na capital paulista, sua cidade de origem, que passa por um processo de europeização e urbanização, situação que tornou menos rígidos os limites entre as classes sociais.

Visto que as representações são historicamente construídas por determinados grupos e, por isso mesmo, sofrem alterações, nesse sentido a pesquisa historiográfica é de grande importância, pois possibilita um olhar mais amplo desses vários comportamentos, inclusive a masculinidade.

Portanto, por meio dos processos históricos é possível vislumbrar que, apesar de existirem permanências, também ocorrem mudanças; ainda que existam padrões impostos de masculinidade considerados como ideais, esses são alterados e, mesmo em momentos históricos específicos, existem variações, existindo formas múltiplas de comportamentos tidos como masculinos nos vários contextos.

2.1 Cartas para Esther: epistolografia e trajetórias pessoais

O texto epistolar (ou epístola) derivam da palavra de origem latina cujo sinônimo é “carta”, portanto, forma de expressão escrita, em geral, com finalidade prática. Os textos epistolares escritos por meio de uma carta possibilitam saber o nível cultural dos interlocutores, as personalidades e os tipos de relações que existiam entre eles. Podemos entender a epístola como uma variante de conversação oral em forma escrita; por isso, o estilo epistolar caracteriza-se por apresentar espontaneidade, naturalidade, sinceridade, cortesia e afeto. São essas as características que marcam as cartas que serviram de material empírico para a investigação ora apresentada.

As cartas e suas características são muitas, pois existem diferentes tipos, que variam de acordo com o seu propósito e conteúdo, bem como para com as pessoas às quais são dirigidas: os destinatários. Cada tipo caracteriza-se por um uso particular da linguagem como, por exemplo, entre amigos, cujo estilo despojado revela familiaridade e afabilidade. Em outras palavras, de acordo com o grau de intimidade que o escrevente estabelece com o destinatário, a carta permite acessar um determinado universo, um momento específico da vida de uma pessoa, de um grupo, ainda que intercambiável.

A carta comercial, por exemplo, apresenta estrutura fixa, estilo breve e cortês e a propagandística, dirigida ao público amplo, aparece em jornais, revistas e outros tipos de publicação. A familiar e/ou amorosa manifesta carinho e afeto – como as que consultamos para esse estudo –, mas existem ainda a informativa, utilizada para comunicar decisões, convocações, acordos; a carta literária, que expressa reflexo dos sentimentos e sensações do autor ou de personagens de uma obra literária; a carta social, na qual se comunica sobre atos sociais, participações de eventos, convites; a de agradecimento, que expressa admiração ou gratidão por um favor realizado; de felicitação, quando se envia por ocasião de bodas, aniversário, formatura ou outro acontecimento feliz; e de pêsames, escrita motivada pelo falecimento de alguém íntimo do destinatário (GOMES, 2004).

O tratamento dado ao destinatário implica na escolha mais adequada ao tipo de relação que se estabelece como, por exemplo, Senhor(a), Vossa Excelência, você, entre outros, ou seja, o grau de cortesia presente no texto informa o tipo de relação que existe entre os interlocutores. As características gerais das cartas permitem reconhecer o remetente, aquele que escreve, bem como o destinatário ou aquele para quem a carta foi escrita; o local e data, isto é, lugar e quando foi escrita, sinais que permitem delimitar os percursos, sobretudo, quando se trata de conjuntos documentais escritos por uma mesma pessoa, como ocorre com as cartas para Esther. Invariavelmente existe a saudação e vocativo, isto é, modo de chamar a pessoa a quem se destina; estes sinais, como o nome do destinatário, auxiliam o estudo das epístolas, pois permitem analisar o conteúdo ou corpo da carta, extrair dela as especificidades, fazer as conexões. Do mesmo modo, o desfecho, despedida ou encerramento localiza os lugares ocupados tanto pelo escrevente, quanto pelo destinatário.

A assinatura é outro indicativo, pois a carta pessoal não usa sobrenome; geralmente, é um texto escrito em papel, fechado em um envelope, que uma pessoa manda à outra, por intermédio de portadores ou via Correios. É um dos meios de comunicação mais antigos e podemos recorrer a ele para contar fatos da vida cotidiana, expresso em um convite, uma felicitação, um agradecimento; enviar alguma informação importante, fazer críticas ou reclamar de algum acontecimento desagradável. Seja como for, as cartas em conjunto com a *Carte de visite*, como as tratadas nesse estudo, permitem remontar não somente comportamentos mas

também como as pessoas se expressavam, bem como estas significavam umas às outras por intermédio da moda, da roupa, da vestimenta.

Ao explorar a epistolografia como fonte, isto é, as cartas como *corpus* da pesquisa, do que se evidencia, a roupa de Martiniano Medina, ambos, tratados como documentos, permitem considerar como a redução da escala de análise permite escrever a História. A metodologia usada no tratamento das fontes dialoga com os aportes propostos pelos estudos que tratam as trajetórias ou Biografia Histórica; porém, destaca-se: o estudo ora apresentado não pretende biografar, explorar a vida pessoal de Martiniano Medina, mas perceber como a sua trajetória permite acessar representações das masculinidades em São Paulo no contexto em análise.

Maria Isaura de Queiroz (1988) indica que esse recurso implica construir textos referentes à história de vida de um indivíduo, construindo, concomitantemente, História. Como esforço de pesquisa, a utilização de documentos epistolares possibilitaram criar uma trama sobre a trajetória de Martiniano Medina como uma possibilidade de acessar as masculinidades na cidade de São Paulo. O estudo das trajetórias na pesquisa em Ciências Humanas propõe lidar com uma análise de uma forma ampla para o objeto de pesquisa – no caso, a partir de um contexto singular da vida de Martiniano Medina, quando escreve para sua pretendente e futura esposa.

De acordo com Schwarcz (2013) a análise da trajetória de um indivíduo considera fatores que extrapolam a sua biografia, uma vez que se preocupa em situar o agente no cenário da sociedade da época, em seu grupo, nos diferentes campos sociais. Nesse percurso, a autora sugere que sejam traçadas as relações de influência e de subordinação inseridas em uma estrutura de poder, demarcando autonomias intelectuais relativas, nas quais se inserem os diferentes personagens, o que permite identificar os jogos de conflito pelo poder entre os agentes envolvidos. O conceito de “trajetória” denotaria a objetivação das relações entre os agentes, considerando também suas forças em campo e buscando a descrição das posições ocupadas de maneira simultânea nesses campos de atuação, representando a trajetória – dessa forma, a atuação e a relevância no espaço social. Assim, o estudo da trajetória serve para entender o social e os aspectos que o envolvem por meio do objeto estudado (ALVES, 2019).

A forma de mensurar o objeto de estudo (as masculinidades) implica considerar as bases teóricas que, no caso, fundamentam as análises de como os discursos são importantes para a compreensão dos fenômenos, para a construção das estruturas ou correlações de força, bem como ocorrem em uma dada sociedade, pois as relações sociais são estruturadas conforme o tempo estudado. Michel Foucault (1979) ressalta que existe um controle mediante os discursos; que este controle funciona como agente transformador da vida humana, e tem como seu aperfeiçoamento a coincidência temporal com o ampliar dos conhecimentos sobre a constituição mesma das sociedades, das relações que se nela se estabelecem. Para o autor, a vida deixa de ser o corpo individual gregário e social para ser vista dentro de um prisma de historicidade humana, mediada pelas técnicas do saber e poder. O corpo foi convertido em campo de intervenção das técnicas políticas; deste modo, cabe analisar, na perspectiva apontada, como esse jogo de poder ocorre: através de quais práticas discursivas são detectáveis, quais relações de poder interferem nas construções do masculino, como a “roupa-texto” de Martiniano Medina permite acessar essa representação.

A transformação em relação à fonte documental e até mesmo uma ideia de revolução quanto ao seu uso deve ser pensada como acontecendo de modo paulatino, ainda mais em relação ao uso das escritas epistolares, inclusive escritas por e entre pessoas comuns, pois o paradigma da História tradicional apresentava uma História objetiva, com apenas uma narrativa dos fatos apresentada ao leitor, baseada em documentos oficiais, mesmo que esses registros oficiais representassem apenas um ponto de vista, ou seja, o "oficial", emanado do centro, do poder, apresentando uma história vista de cima. No entanto surgiam outros movimentos intelectuais, com objetivo de renovar essa historiografia e expandir as possibilidades de novos pontos de vista.

Como salientado, a nova história está associada a Lucien Febvre e a Marc Bloch, que fundaram a revista *Annales* em 1929 para divulgar sua abordagem, e na geração seguinte, a Fernand Braudel. Na verdade, seria difícil negar a importância do movimento para a renovação da história, liderado por esses homens. Todavia, eles não estavam sozinhos em sua revolta contra os rankeanos. Na Grã-Bretanha dos anos 30, Lewis Namier e R.H. Tawney rejeitaram ambos a narrativa dos acontecimentos para alguns tipos de história estrutural. Na Alemanha, por volta de 1900, Karl Lamprecht tornou-se impopular, expressando seu desafio ao paradigma tradicional. A desdenhosa expressão *histoire événementielle*, “história centralizada nos

acontecimentos”, foi inventada nessa ocasião, uma geração antes da época de Braudel, Bloch e Febvre. Expressa as idéias de um grupo de estudiosos concentrados em torno do grande sociólogo francês Emile Durkheim e sua revista *Année Sociologique*, publicação que ajudou a inspirar os *Annales*. (BURKE, 1992, p. 17).

Assim, embora o documento oficial usufrísse de certo destaque e teor de verdade absoluta com os pressupostos pensamentos da Escola Metódica, de Leopold von Ranke, e ainda do Positivismo, de Augusto Comte, já se podia ouvir um leve ressoar das ideias de renovação na História, que trariam transformações que, por sua vez, atingem o nosso ponto central: as fontes, a nova forma de interpretação dos documentos, a possibilidade de interpretação dos documentos oficiais, iniciada já nos anos de 1900, conforme aponta Burke; uma geração antes dos *Annales*, mas é com essa Escola que a ideia vai se fortalecer. A ideia de interdisciplinaridade trazida por Lucien Febvre e March Bloch, que acreditavam que a História isolada não produziria mais que um conhecimento parcial, daí a importância desse paralelo com as Ciências vizinhas como a Filosofia, Sociologia, Geografia, Antropologia, Psicologia, entre outras. Essa mudança na correlação entre as Ciências Humanas colaborou para ampliação das metodologias e das fontes.

A fonte documental utilizada com o desígnio de interpretar fatos do passado sofreu diversas transformações ao longo do tempo histórico, notadamente tanto em relação à noção do que pode ser considerado, ou não, como fonte dotada de historicidade, assim como também em relação à transformação do termo “documento”. O termo latino *documentum*, derivado de *docere* ou ensinar evoluiu para o significado de prova, amplamente usado no vocabulário legislativo. É no século XVII que se difunde, na linguagem jurídica francesa, a expressão *titres et documents* e o sentido moderno de testemunho histórico data apenas do início do século XIX.

A documentação então apresenta uma transformação ambígua: por um lado, em relação ao seu termo, que deriva da palavra ensinar; em transfiguração, adquire o sentido de prova – mas ainda usado apenas na linguagem legislativa –, sucessivamente acaba por se difundir na linguagem jurídica da França, em meados do século XVII, antes de ter o sentido de testemunho histórico, que conhecemos hoje. Por outro lado, esses pressupostos do documento no sentido histórico nos dão a possibilidade de reconstruir os fatos do passado, tarefa que no ofício do historiador não é simples: para estudar acontecimentos do passado se faz necessário a(s)

fonte(s) e problematizar, pesquisar e criticar essas fontes são o que permite ao historiador ter uma ampliação no seu ponto de vista, embasar sua teoria em relação ao tema estudado e, mais do que isso, pode ser a única maneira a permitir-se ter a memória de fato, visto que o passado nos é inacessível e cada acontecimento; é ímpar, vale dizer, não é possível reconstruí-lo exatamente da forma que ocorreu.

Um fato pode ser interpretado, refeito de diversas maneiras, com diferentes pontos de vista, inclusive usando fontes documentais específicas: por esse motivo, a História não tem fim. O documento é então dotado de historicidade, é subjetivo – ainda que nem todos o abordem dessa maneira – e, sobretudo, é dotado de memória; permite, através das interpretações, reconstruções, reflexões e estudos sobre o passado, interpretá-lo e recriá-lo. O Positivismo do século XIX afirmava que o documento era guarnecido de uma devoção pela Ciência, de uma determinação de que a verdadeira História estaria nos documentos oficiais, escritos por homens do governo no poder, gerando com uma História apenas eminentemente política, julgada como relevante para ser pesquisada.

A definição de história da Escola Metódica, de alguma forma somada depois ao Positivismo, considerava que o documento escrito trazia em seu conteúdo a verdade dos fatos e por isso era descrito de forma fiel, não sendo de forma alguma comparado e problematizado. A classificação que limitava o documento apenas à sua forma escrita como fontes emanadas do centro, que narravam o exercício do poder, foi defrontada pelos novos ares trazidos pelos *Annales*, que moviam novas ideias, inclusive a de que o historiador, além dos documentos escritos, poderia se dispor de uma pluralidade de fontes que, além da escrita, representassem uma experiência, um acontecimento, uma narrativa, portanto, que simbolizasse um fato.

Nesse processo, outros tipos documentais emergem como a própria escrita epistolar, escrita não apenas por pessoas poderosas, detentoras do poder, centrada visão tradicional da História, escrita pelos vencedores, mas o uso de correspondências escritas por anônimos: pessoas comuns, que vivem em um ambiente e, muitas vezes, transformam esse ambiente e o percebem e, quando o relatam através da escrita, nos permitem a possibilidade de uma análise baseada na empatia; de nos inserirmos naquele passado e interpretá-lo de acordo com o que está exposto naquela escrita:

[...] As práticas de escrita de si podem evidenciar, assim, com muita clareza, como uma trajetória individual tem um percurso que se altera ao longo do tempo, que decorre por sucessão. Também podem mostrar como o mesmo período da vida de uma pessoa pode ser "decomposto" em tempos com ritmos diversos: um tempo da casa, um tempo do trabalho etc. E esse indivíduo, que postula uma identidade para si e busca registrar sua vida, não é mais apenas o "grande" homem, isto é, o homem público, o herói, a quem se autorizava deixar sua memória pela excepcionalidade de seus feitos. Na medida em que a sociedade moderna passou a reconhecer o valor de todo indivíduo e que disponibilizou instrumentos que permitem o registro de sua identidade, como é o caso da difusão do saber ler, escrever [...] (GOMES, 2004, p. 13)

Identificamos então que, de certa forma, a escrita epistolar é um documento com múltiplas temporalidades e ritmos, e que esse registro guarda a experiência do autor, fala de seus feitos, independentemente de quais sejam esses feitos; a escrita de si não faz juízo de excepcionalidade, sendo assim, esse documento é guarnecido de vestígios culturais, nos fazendo pensar, então, que as correspondências relatando diferentes contextos nos permitem interpretar aquele período descrito. Mas como podemos e/ou devemos organizar essas escritas? Como extrair delas um recorte do passado? Se não na finalidade de responder às questões levantadas, esse estudo busca ao menos possibilitar um passeio por entre as teorias históricas que possibilitam pensar por esse ângulo: da escrita epistolar como fonte influente e privilegiada para se pesquisar e interpretar fatos do passado.

A escrita de cartas é motivada pela ausência. A troca de cartas, cuja origem se perde na antiguidade, teve seu ápice na Europa Ocidental, durante os séculos XVIII e XIX. Pode se escrever uma carta por variadas razões: conversar, desabafar, agradecer, pedir, informar; todavia, elas seguem um padrão e têm seu próprio ritmo de tempo, como nos moldes das cartas escritas no início da década de XX que demoravam a chegar ao destinatário, tanto quanto para que uma resposta fosse dada ao remetente. Seja como for, as cartas não só aproximam quem está longe, mas nos dizem a respeito de quem as escreveu e revelam sempre algo sobre quem as recebe; nesse ponto, nos permitem supor a intensidade do relacionamento entre as partes (BASTOS; CUNHA; MIGNOT, 2002).

As cartas passaram a ser instrumento de trabalho importante para o historiador, aguçando o interesse do leitor, ansiosos em desvendar o outro em atos puramente humanos. Temos hoje algumas obras onde o objetivo é mostrar personalidades da

História em momentos de intimidade, o que só é possível através dessas cartas. Há trabalhos também em que o objetivo é mostrar o cotidiano anônimo, comum, mas cuja circularidade cultural dos valores impressos nos permite ampliar a escala de análise e perceber como as singularidades expressas nas cartas atingem as demais pessoas – no caso do presente estudo, a representação do masculino em interface com a moda masculina, em outras palavras, como a “roupa-texto” (SIMILI, 2013) evoca a masculinidade paulistana no início do século XX.

As cartas sempre têm um destino a seguir, uma pessoa a quem são endereçadas e, por isso, são de caráter privado. Talvez por essa razão elas se tornaram fontes históricas, pois nelas contêm fatos que seus remetentes e destinatários preferiam manter em segredo. Mesmo sendo uma fonte rica para o estudo do privado, a escrita epistolar não foi ainda devidamente estudada e aproveitada. As fontes que nutrem esse trabalho – as Cartas para Esther – evidenciam algumas pistas que permitem traçar a personalidade de Martiniano Medina e assim não só desvendar parte da história de vida de um homem que viveu o contexto delimitado em São Paulo, mas descobrir aspectos sobre a vida dos homens à época, perceber a representação das masculinidades expressas tanto nas cartas, quanto na roupa do escrevente.

Naninho, como se assinava, ao responder às cartas de Esther, revela traços de sua personalidade e as relações de gênero que emanam dos arranjos amorosos que levaram ao casamento. A partir do modo com que ele responde às suas cartas, dos meios que utiliza para apaziguá-la em momentos em que Esther sugere estar aflita – o que é sutilmente realizado por meio dos elogios, considerações de afeto –, sugere como a mulher deveria ser vista e como deveria se portar na relação entre os gêneros. Na carta datada em 22 de outubro de 1910, Martiniano exalta a figura da mulher declarando o homem como o sexo forte “talhado para o sofrimento” e, para enfatizar isso, faz menção ao papel da mulher como consoladora ou a que suaviza e faz a vida do homem mais doce com seu modo meigo e palavras ternas. Por mais que sofra, a mulher deve fazer com que o homem tenha horas alegres quando por ela acariciado, pois Deus a fez desse modo puro e cândido.

Figura 7 – Carta escrita por Naninho em 22 de Outubro de 1910

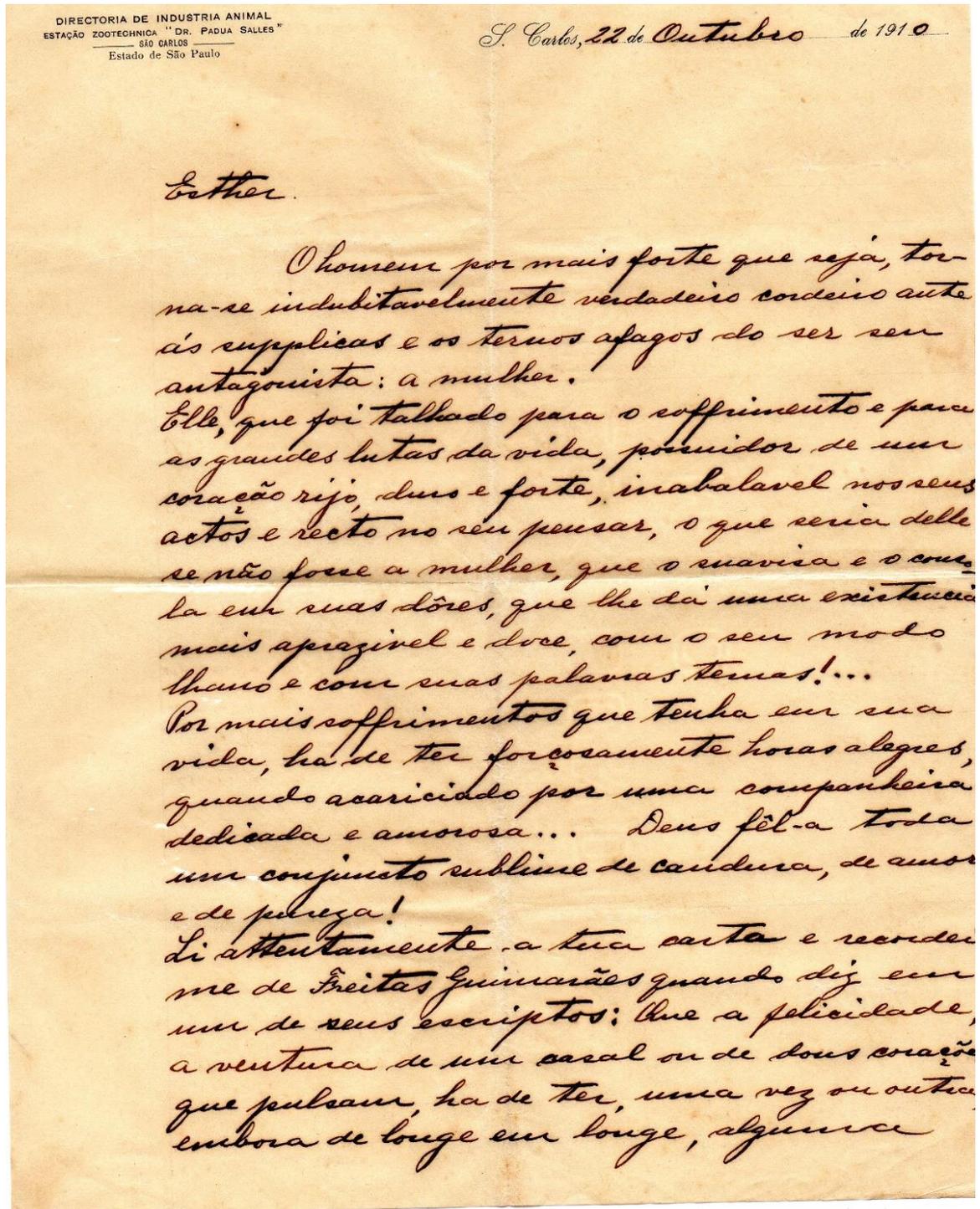
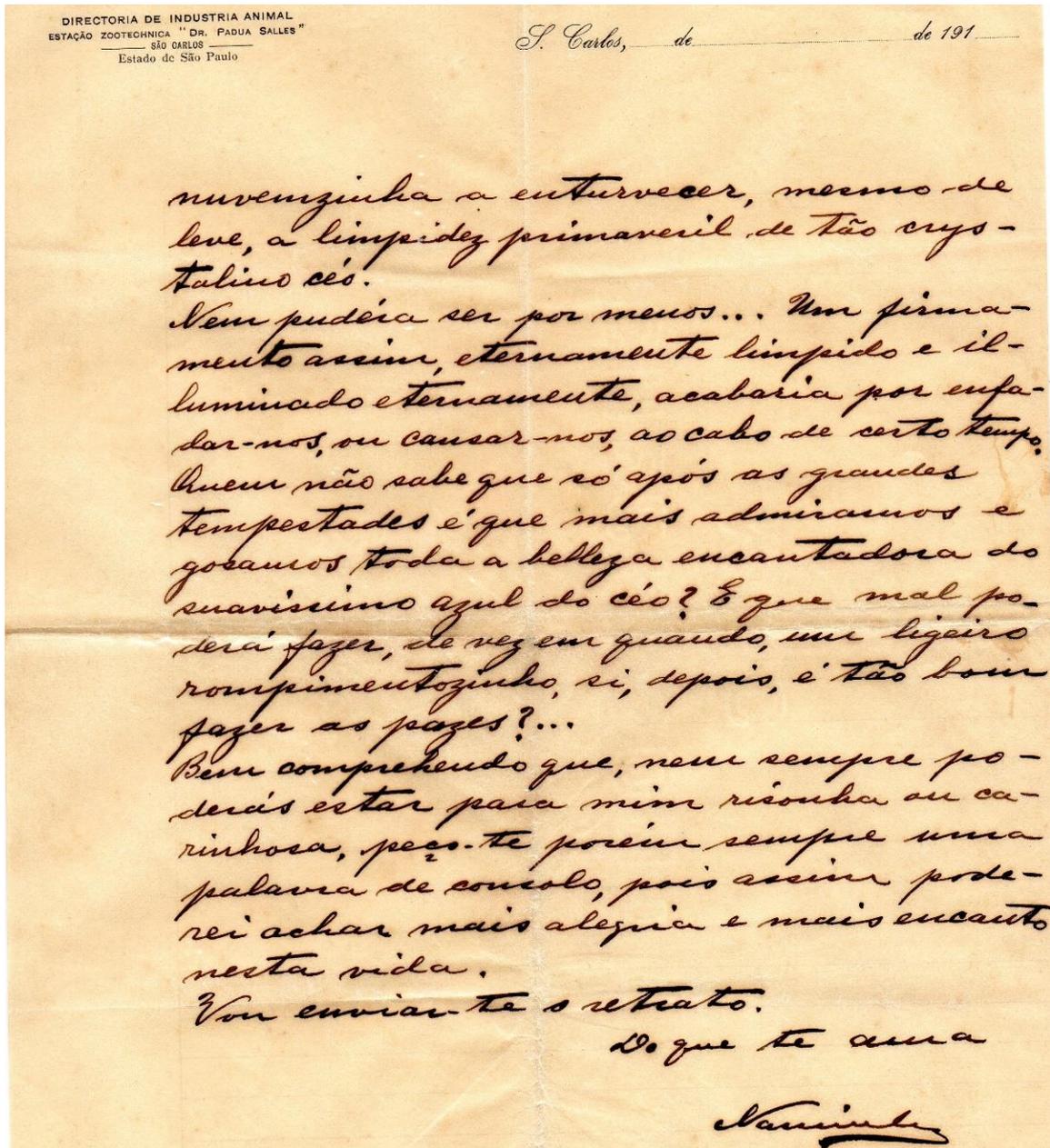


Figura 8 – Carta escrita por Naninho em 22 de Outubro de 1910



Fonte: CARTAS PARA ESTHER (1908-1919). Arquivo CISGES/UNISA.

Deste modo, ao significar mulheres e homens, o escrevente, ao mesmo tempo em que atribui os lugares sociais dos gêneros, tratados binariamente, permite considerar que sua masculinidade inclui o sentimento. Após ler uma carta de Esther, em resposta, cita um verso de Freitas Guimarães:

Li atentamente a tua carta e recordei-me de Freitas Guimarães quando diz em um de seus escriptos: Que a felicidade, a ventura de um casal ou de dois corações que pulsam, ha de ter, uma vez ou outra, embora de longe em longe, alguma nuvemzinha a enturvecer, mesmo de leve, a limpidez primaveril de tão crystalino céu. (CARTAS PARA ESTHER, 22/10/1910).

A carta permite entender que o casal passou por algum desentendimento, pois Naninho se mostra compreensivo, dizendo que é normal haver desavenças entre casais, o que considera algo positivo para os arranjos amorosos, inclusive para poder se fazer as pazes. Apesar de entender que Esther nem sempre se mostrará alegre e risonha, ele pede que mesmo assim tenha sempre alguma palavra de consolo. As cartas evidenciam o convencimento de Naninho, e impunham uma representação acabada da mulher considerada ideal para um homem que assumia a posição na qual se encontrava: um representante da elite intelectual, pois diretor de um órgão público, homem de negócios, qual seja, fundador do Hippodromo Derby-Club Sancarlense e muito bem relacionado, como vemos na passagem abaixo.

Não sei quando poderei até ahi chegar, visto ao muito serviço que tenho e terei nestes mezes aqui na Estação Zootechnica. O acumulo de trabalho é enorme. Estou contentíssimo aqui em S. Carlos, pois o povo todo sympathizou-se comigo, sendo alvo dos maiores elogios, apesar de não os merecer. Todos me tratam com muita distinção. Para maior garantia minha, sou amigo intimo do Presidente e Prefeito da Camara. Estou certo que tudo conseguirei d'elles. (CARTAS PARA ESTHER, 06 de Junho de 1910).

Figura 9 - Carta escrita por Naninho em 06 de Junho de 1910

DIRECTORIA DE INDUSTRIA ANIMAL
 ESTAÇÃO ZOOTÉCNICA "DR. PADUA SALLES"
 SÃO CARLOS
 Estado de São Paulo

S. Carlos, 6 de junho de 1910

Esther.

Faço sinceros votos de excellente saúde e peregrinas felicidades.
 Eu continuo ainda adocentado não receiando porém, gravidade alguma.
 Dou-te os parabens pela resolução que tomastes entrando para a congregação das Filhas de Maria. Não sei quando poderei até ali chegar, visto ao muito serviço que tenho e terei nestes mezes aqui na Estação Zootécnica. O acumulo de trabalho é enorme.
 Estou contentissimo aqui em S. Carlos, pois o povo todo sympathizou-se comigo, sendo alvo dos maiores elogios, apesar de não os merecer. Todos me tratam com muita distinctão.
 Para maior garantia minha, sou amigo intimo do Presidente e Prefeito da Camara. Estou certo que tudo conseguirei d'elles.
 Creio que a Thozinha não está aqui, sendo já teria me visitado. Que pena!...
 Obvio com toda a certeza já está ali em gozo de férias. Peço dizer-lhe que quando for para Piaçicaba, não se esqueça de chegar até aqui, pois preciso muito fallar-lhe.
 Recomenda-me aos teus.

Saudade de

Naninho

Formado na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, trabalhava na Directoria de Industria Animal, da Estação Zootechnica "Dr. Padua Salles", e além de assumir tal cargo, juntamente com três amigos, fundou na cidade o Hippodromo Derby-Club Sancarlense. Na cidade de São Carlos, interior de São Paulo, de onde eram postadas a maioria das cartas enviadas para Esther, pois, muitas vezes, Martiniano Medina escrevia de outras cidades.

Como com certeza lestes no "Estado" de hoje serei futuramente proprietário de um hippodromo que eu e mais tres amigos iremos crear aqui em S. Carlos. [...] capital de 20:000.000, que nos renderá pelo mínimo, segundo calculos feitos, 2:400.000 mensalmente livres de despesas, [...]. É alto negocio e magnifico de ca-capital: não achas? Si o café manter-se no preço que está actualmente, será então uma verdadeira mina, porque a fazendeira da toda, com o enttusiasmo que tem por este genero de sport, arriscara boa parte de cobre em apostas e compras de poules. O hippodromo é assumpto predileto de S. Carlos, mesmo entre as gentis senhoritas. Queira-me bem como eu te quero. / Naninho /14/12/910 (CARTAS PARA ESTHER, 14 de Dezembro de 1910)

Figura 10 – Carta escrita por Naninho em 14 de Dezembro de 1910

Esther, - Eu reporto a tua ultima car-
 timba, e como de este, mesmo
 tempo perdoores a minha demora em
 escrever-te. Creio que perdoores, pois esti-
 ve bem doente, achando-me actualmente
 bem melhor. Como com certeza lentes
 no "Estado" de hoje sera futuramente
 proprietario de um hippodromo que
 eu e mais tres amigos iremos crear aqui
 em S. Carlos. Empataremos um capital
 de 60:000.000, que nos rendera pelo
 minimo, segundo calculos feitos, 2:400.000
 annualmente livres de despesas, percentagem
 a postar em cada um de nos 600.000 annua.
 E' alto negocio e magnifico emprego de ca.

Fonte: CARTAS PARA ESTHER (1908-1919). Arquivo CISGES/UNISA.

Figura 11 – Carta escrita por Naninho em 14 de Dezembro de 1910

pitul: nel' obras? Si o café manteu-
 se no preço que está actualmente,
 será então uma verdadeira miséria,
 porque a fazendeira de Toba, com o
 entusiasmo que tem por este

 Martiniano Medina

~~ENGENHEIRO AGRÔNOMO~~
 Genuino de sport, arisca e bon
 parte de cobra em apostas e corpos
 de poules. O hipódromo é assumpt
 predilecto de S. Carlos, mecum entre SÃO PAULO
 os gentis senhoritas, Aveira. me bem com
 en te quem. O Avirho 14/12/1910.

Fonte: CARTAS PARA ESTHER (1908-1919). Arquivo CISGES/UNISA.

Na carta acima, Naninho compartilha com Esther a notícia publicada de que futuramente seria dono de um hipódromo que, em parceria com três amigos, criaria em São Carlos. Nesta passagem, podemos considerar a sociedade em que Naninho estava inserido. Devido aos valores citados como investimentos e lucros do empreendimento, é possível supor que se tratava de um homem de negócios.

A' Esther Quer como filha, como irmã ou como noiva, sempre admirei em ti, um simbolo de honestidade e virtude. Sê modesta, bôa e virtuosa, para seres neste mundo o emblema augusto da digna e virtuosa esposa. Se me compreenderes descobriras por certo os sentimentos de meu coração. Veras então que estas errada quanto a modo de me julgares. Abandona a desconfiança pois isso poderá nos trazer algum sofrimento. Tenha fé em Deus e em mim se quiseres a felicidade. E'tão grande o amor que te consagro que jamais poderei te esquecer um só momento. Longe ou perto o meu pensamento sempre se voltará para o teu lado. Se algum dia eu faltar neste mundo, lá na outra, se por ventura exista um outro mundo, ainda tu serás lembrada com a mesma afeição intima com que foste neste. De teu noivo Naninho. (CARTAS PARA ESTHER, 07 de Fevereiro de 1916)

Figura 12 – Carta escrita por Naninho em 07 de Fevereiro de 1916

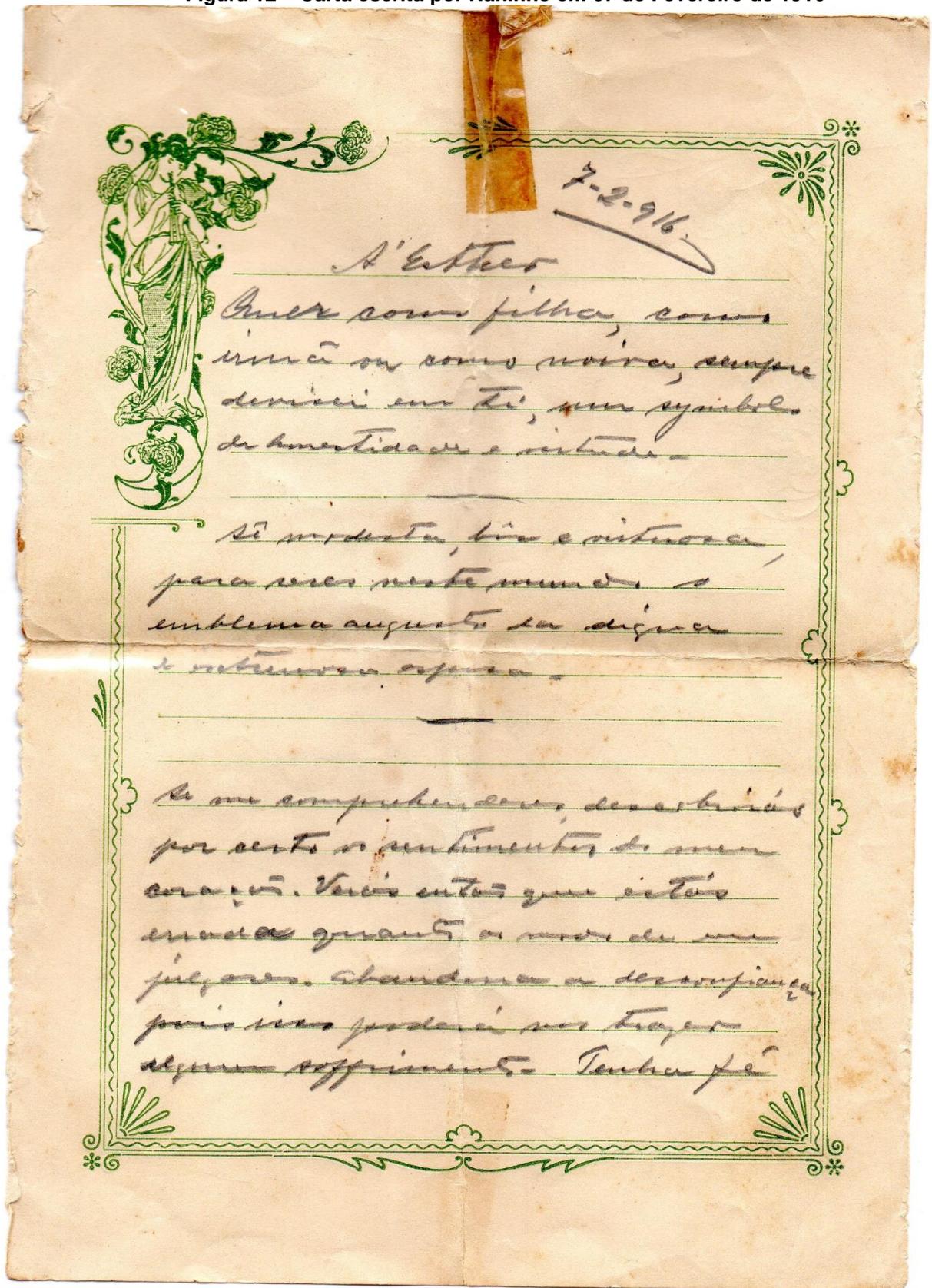
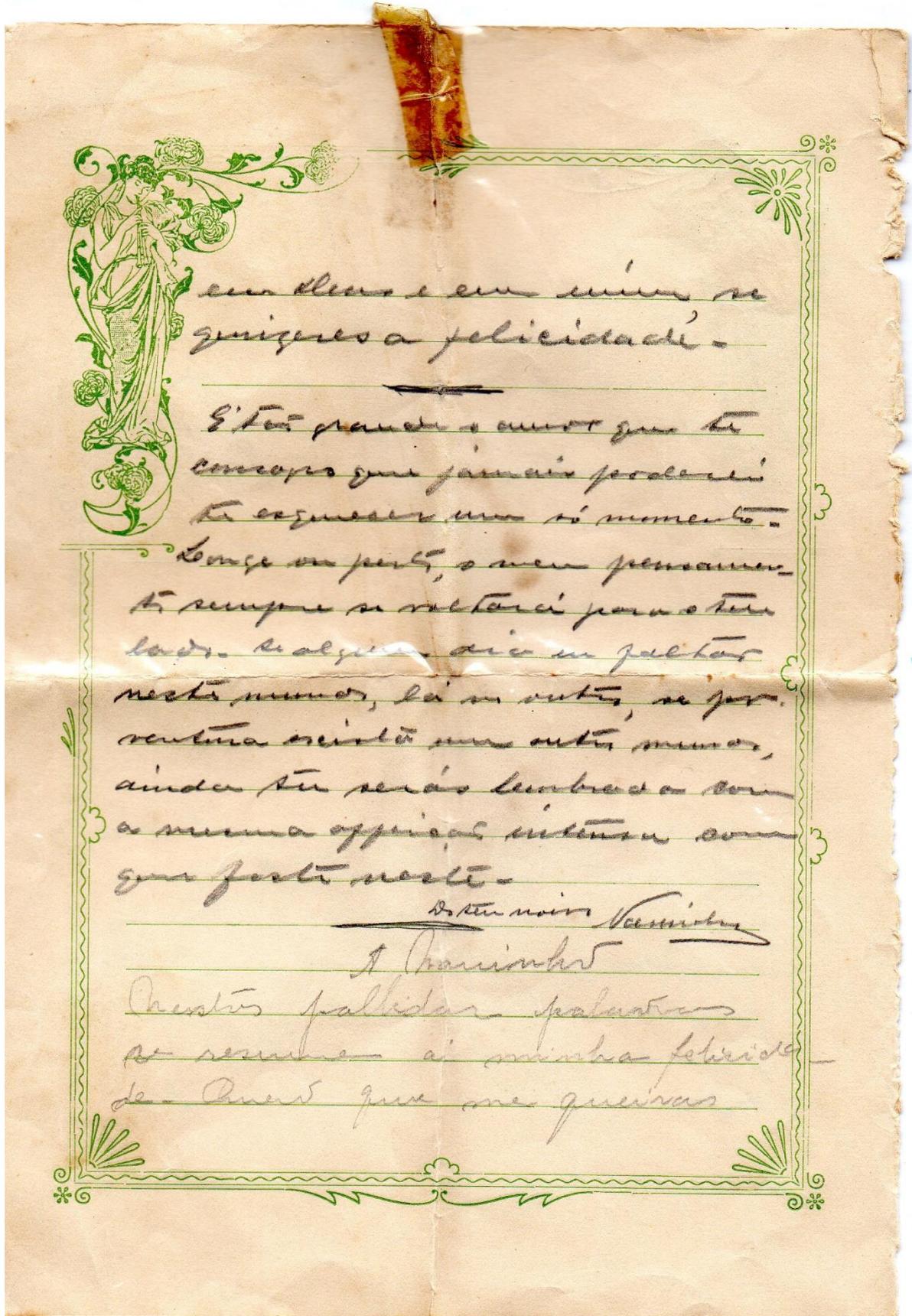


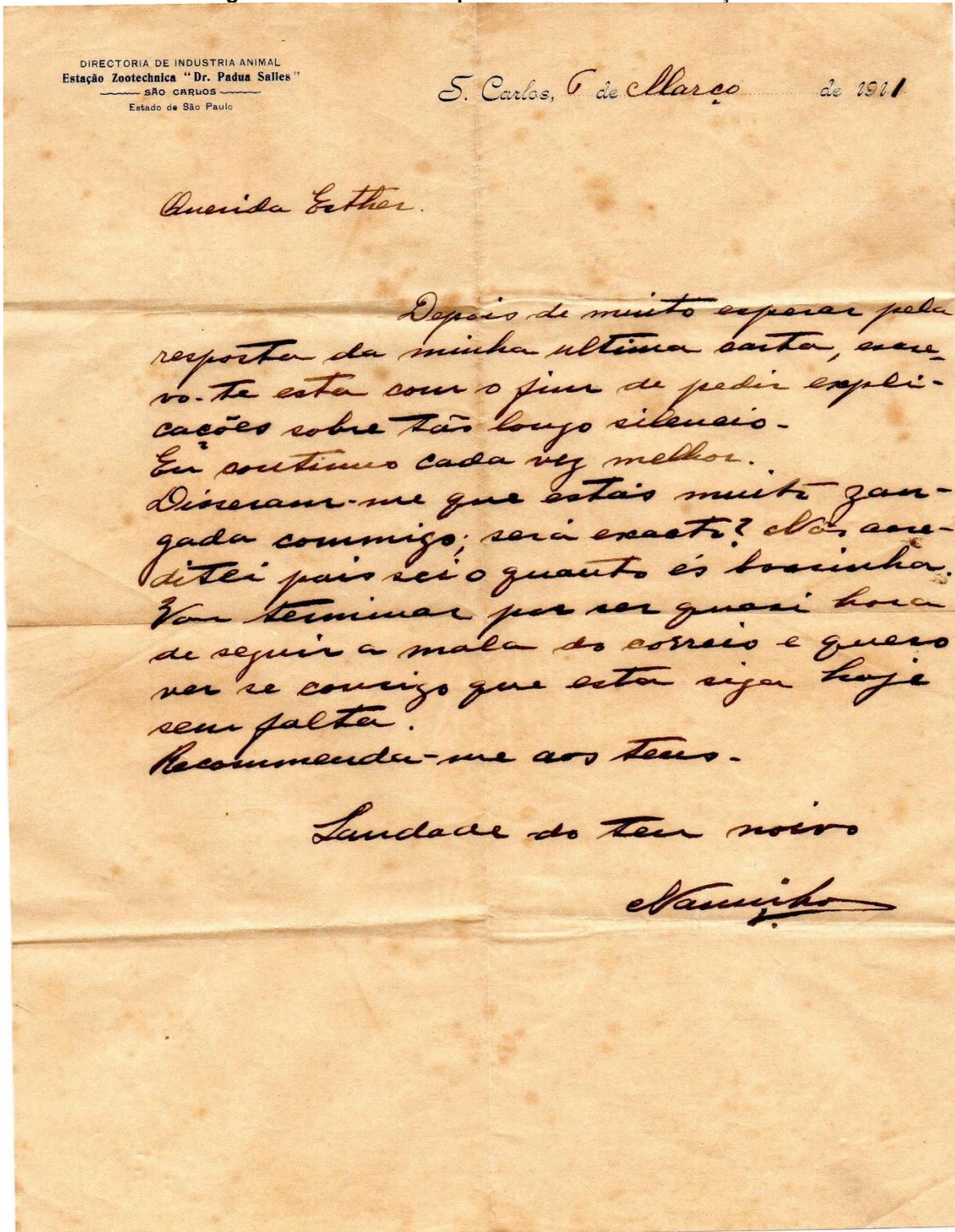
Figura 13 – Carta escrita por Naninho em 07 de Fevereiro de 1916



Na carta de 07 de fevereiro de 1916, quando Naninho enaltece Esther – caracterizando-a como virtuosa, digna e honesta –, como maneira de conquistar sua noiva, o escrevente acaba por traduzir uma imagem de Esther, que se mostra vaidosa e orgulhosa, além de parecer em alguns momentos ciumenta, ao desconfiar da fidelidade e sentimentos de Naninho. O escrevente continua a expressar o seu amor dizendo que para sempre continuará a amá-la, sempre lhe fazendo acreditar na fidelidade e imensidão de seu amor. O resultado positivo aparece no final dessa carta, na qual Esther escreve, na mesma carta, ao final da escrita de Naninho, sobre o quanto está feliz com o relacionamento e que o ama, dizendo ao seu noivo “Nestas palidas palavras se resume a minha felicidade. Quero que me queiras bem, tanto quanto te quero. Da tua Esther” (CARTAS PARA ESTHER, 07/02/1916).

Remontando às missivas, em carta enviada na data de 06 de março de 1911, Naninho inicia o texto pedindo explicações devido ao prolongado silêncio de Esther. Diz que ficou sabendo que ela estava com raiva dele, como segue: “Depois de muito esperar pela resposta da minha última carta envio-te está com o fim de pedir explicações sobre tão longo silencio. Eu continuo cada vez melhor. Disseram-me que estais muito zangada comigo; será exato? Não acreditei pois sei o quanto és boasinha. (CARTAS PARA ESTHER, 06/03/1911).

Figura 14 – Carta escrita por Naninho em 06 de Março de 1911



Fonte: CARTAS PARA ESTHER (1908-1919). Arquivo CISGES/UNISA.

Em outra carta de 30 de maio de 1911, reitera a imagem de Esther ao delineá-la a partir de adjetivos que a qualificam como bondosa, caridosa, que perdoa. A mulher nesse momento é representada pela passividade: “São bem justos os motivos pelos quaes não te escrevi logo que aqui cheguei, que mesmo sem enumera-los certo estou que obterei o teu perdão. És boazinha e desculparás as faltas por mim cometidas. Não é assim?” (CARTAS PARA ESTHER, 30/05/1911).

Figura 15 – Carta escrita por Naninho em 30 de Maio de 1911

DIRECTORIA DE INDUSTRIA ANIMAL
Estação Zootécnica "Dr. Padua Salles"
SÃO CARLOS
Estado de São Paulo

S. Carlos, 30 de Maio de 1911

Saudosa Esther

Escrevo-te esta além de cumprir um dever para contigo, vou dar notícias da minha esquecida e insignificante pessoa e colher ao mesmo tempo, pela volta do correio, novas tuas e dos teus.

Quando dahi parti como sabes, na sexta-feira, dirigi-me a Piracicaba, onde, pretendendo ficar somente aquelle resto do dia e o sabbado, tive que lá permanecer até segunda-feira, embarcando para Pir. Blas. neste mesmo dia, onde por ter perdido o trem, tive que pernoitar; chegando aqui em S. Carlos na quarta-feira à noite.

Ben vêes que a viagem foi longa e os muitos negocios que urgentemente tinha que liquidar, fizeram com que me atropasse em te escrever. Nos motivos justos, não achas?

Pensei que me escreverias antes de receber qualquer communicação minha, mas és muito caprichosa e parecias sem duvida toda o resto do anno neste mesmo silencio! As mulheres perdes todas assim? Creio que não.

Recomende-me as tuas
embarcações e S. Carlos
abraço - te com saudade e teu
Naninho

Ao usar de predicados como boazinha para assim amenizar a suposta raiva que sua noiva estaria sentindo, Naninho revela o que seria uma qualidade da mulher ou que ela deveria ter. Todavia, essa representação contrasta com a carta de 30 de maio de 1911.

Escrevo-te esta, além de cumprir um dever para contigo, vou dar notícias da minha esquecida e insignificante pessoa e colher ao mesmo tempo pela volta do correio, novas tuas e dos teus. Quando dahi parti como sabes, na sexta-feira, dirigi-me a Piracicaba, onde pretendendo ficar somente aquelle resto do dia e o sabbado, tive que la permanecer até segunda-feira, embarcando para Rio Claro neste mesmo dia, onde por ter perdido o trem, tive que pernoitar; chegando aqui em S. Carlos na quarta-feira a noite. Bens vês que a viagem foi longa e os muitos negocios que urgentemente tinha que liquidar, fizeram com que me atrasasse em te escrever. São motivos justos, não achas? Pensei que me escrevias antes de receber qualquer communicação minha mas és muito caprichosa e passaria sem duvida todo o resto do ano neste mesmo silencio! As mulheres são todas assim? Creio que não. (CARTAS PARA ESTHER, 30/05/1911).

Nesta carta, Naninho demostra o sentimento de dever em escrever e dar notícias a Esther, tanto por ir ao Correio, como para receber. Novamente manda justificativas pela demora em escrever, pois teve uma sequência de viagens a trabalho. A contradição se mostra no fato de Esther ser traduzida como orgulhosa ao não escrever para Naninho, possivelmente como uma forma de puni-lo pela demora em escrever-lhe. Percebe-se o descontentamento de Naninho pela forma em que Esther o trata, ao afirmar que sabia que ela seria capaz de ficar sem escrever por todo o resto do ano por ser caprichosa, e deixa explícito saber que nem todas as mulheres são assim, insinuando sua infelicidade com os caprichos e vaidades de sua amada.

As cartas expressam informações ditas no privado, lidas no recôndito de espaços íntimos, que interessam aos historiadores. Escrever cartas exige tempo, reflexão, disciplina, pois é uma forma de compartilhar vivências pessoais, íntimas, mundanas como conversar, seduzir, desabafar, agradecer, pedir, segredar, informar, registrar, vender, comprar, desculpar e desculpar-se, falar da vida (BASTOS; CUNHA; MIGNOT, 2002, p. 5). Dessa forma, o uso da correspondência possibilita o acesso a áreas que não seriam possíveis de outro modo, visto que possui uma escrita descontraída, intimista, que permite a exposição de si e acesso ao outro; logo, uma prática relacional, que possibilita o estreitamento dos laços.

Nessa perspectiva, é expressivo o fato de que a decisão de preservar estes documentos cabe a quem os recebe. Assim, por escrita epistolar entendemos a escrita de si, a partir da qual, juntamente com outras espécies de documentos – como diários, biografias, autobiografias e coleções – o indivíduo busca constituir para si uma identidade. Dessa forma, a escrita de si serve para organizá-la, tornando-a contínua e harmônica em oposição à multiplicidade e fragmentação do “eu” do indivíduo, resultado de sua singularidade. Ângela de Castro Gomes (2004) aponta que, ao utilizar tal documentação, “[...] O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. [...]” o que significa dizer que não se busca uma verdade factual, mas sim quais significados são expressos pelo autor através da escrita. Por esse ângulo, a autora assinala que a verdade passa a ter um caráter individual quando se vincula à subjetividade de quem escreve, pois busca, ao exprimir dimensões mais profundas e íntimas, ser sincero.

Segundo Gomes (2004) os estudos sobre escrita epistolar apontam algumas advertências quanto ao seu uso: deve-se evitar supor a existência de uma identidade coerente e contínua no documento, atitude comumente tomada em vista da sinceridade expressa nas cartas que dão um efeito de verdade ao que é narrado; nesse sentido, também deve-se evitar tomar o conteúdo das cartas como o que de fato ocorreu; a relação entre o texto e o autor deve ser tomada como recíproca, visto que o processo de escrita de si é constitutivo da identidade de ambos, sendo assim, se inventam mutuamente e, nesse sentido, quem escreve pode ser melhor caracterizado como editor e não autor (GOMES, 2004); indica-se a existência de um distanciamento entre quem escreve e o sujeito da narrativa, assim, enquanto a escrita de si permitiu a expressão de sentimentos, de forma efusiva e informal, isto não ocorreu sem que fossem submetidas a dispositivos de controle e aceitação social, representados pelos vários modelos de escritura de cartas e outros documentos, representando um equilíbrio entre a expressão e contenção de si. Para além dessas advertências, a autora aponta que a utilização de correspondência como fonte implica responder a algumas questões:

[...] Quem escreve/lê as cartas? Em que condições e locais elas foram escritas? Onde foram encontradas e como estão guardadas? Qual ou quais o(s) seu(s) objetivo(s)? Qual o seu ritmo e volume? Quais as suas características como objeto material? Que assuntos/temas envolve? Como são explorados em termos de vocabulário e linguagem? Essas questões podem se multiplicar, chamando a

atenção do analista para as importantes relações estabelecidas entre quem escreve, o que escreve, como escreve e o suporte material usado na escrita (GOMES, 2004, p. 21)

Nesse sentido, o conjunto documental analisado na presente pesquisa é formado por 19 cartas escritas por Martiniano Medina, Engenheiro Agrônomo que tem possivelmente suas origens na capital paulista, visto que demonstra afeição à cidade e que sua família ali residia. Postadas do interior de São Paulo, principalmente da cidade de São Carlos, as cartas eram remetidas para sua noiva e futura esposa Esther de Figueiredo, que residia na capital do Estado. Mesmo que o conjunto de cartas esteja incompleto, visto que a coleção possui longos períodos sem nenhuma correspondência, a proximidade entre algumas datas, os questionamentos e justificativas quanto à demora nas respostas são expressivos da regularidade da troca de cartas. Nessa lógica, tal frequência é sugestiva da intimidade entre os missivistas como também seu conteúdo que, com uma linguagem informal, aborda temas cotidianos como trabalho, saúde, clima, relações sociais, família, mas igualmente sobre sentimentos e ponderações sobre seu relacionamento amoroso.

Na perspectiva histórica contemporânea, como aponta Ângela de Castro Gomes (1998), seus usos assumem maior destaque nos anos de 1970, nos quais passou-se a ter um maior interesse por arquivos privados, utilizados especialmente por historiadores da arte, fato possibilitado por transformações no campo historiográfico que permitiram a incorporação de novos objetos e fontes. Nesse sentido, a autora ressalta a importância da História Cultural para tais modificações, quando esta assume um enfoque que valoriza o papel do indivíduo como agente histórico para a compreensão dos processos sociais.

2.2 Um olhar interdisciplinar: a roupa de Martiniano Medina na Carte de Visite

Diferentemente da cultura dos séculos passados, a moda não se apega à tradição, mas às inovações ao se reinventar todo o tempo. No período histórico delimitado, a moda se apresenta como maneira de distinguir pessoas e lugares sociais que ocupavam. Como afirma Diane Crane, as roupas e os acessórios são artefatos que produzem significados por intermédio de “sua capacidade de impor identidades sociais e permitir que as pessoas afirmem identidades sociais latentes” (2006, p. 22).

A moda revela mudanças vertiginosas no século XX, como parte das mudanças dos novos tempos. Márcia Pinna Raspaní indica que, no contexto, a moda precisou tornar-se mais prática e barata para atender os trabalhadores e trabalhadoras, e acrescenta:

Mesmo que, após o século XIX, a roupa masculina tenha trilhado o caminho da simplicidade, isto não significou abrir mão de uma série de artifícios usados para melhorar a aparência. Os modelos de beleza e virilidade variaram ao longo do tempo, mas a moda sempre foi –e continua a ser –um instrumento usado pelo homem para definir a sua posição perante os outros e perante si mesmo. (2013, p. 207)

Na imagem congelada de Martiniano Medina, o fragmento da fotografia revela que usava uma camisa branca de colarinho alto. Essa peça da vestimenta masculina tem sua origem no Egito Antigo, no uso das chamadas *Kalasis*, que se constituía de uma peça única feita de tecidos elásticos com o corte para a passagem da cabeça que podia ter mangas ou não, essas poderiam ser curtas ou longas (KOHLENER, 1993). Durante a Idade Média, após diversas alterações, a mesma passou a ser usada como roupa íntima. No século XIX, a peça continuou a ser usada como uma peça de baixo sobreposta pelo terno.

As golas altas, afirma James Laver, “eram um eco, podemos dizer, das golas com barbatanas dos trajes femininos” (1989, p. 222). Como a gola da roupa da Naninho, colarinhos engomados, altos, retos ao pescoço, são sinais dessa mudança que os homens passaram a expressar, cujo hábito redimensiona os sentidos do masculino e confere outro lugar de fala. Em consonância com as tendências da moda, o orientalismo das golas altas, usadas em conjunto com presilhas de pano que asseguram a elevação do colarinho (NEWMAN; SHARIFF, 2011) indicam que houve uma mudança fundamental nos modos de se vestir, nas roupas masculinas. Seus usos refletiam a vida social projetada para a cidade.

A gravata, que remonta os uniformes militares masculinos desde a antiguidade, incorporada pelos franceses ainda no século XVI após o contato com os soldados croatas (SHITARA, 2009) seguiu sendo um acessório indispensável do guarda-roupa masculino nos séculos XIX e XX. No contexto paulistano, a nova burguesia incorpora esse adereço como símbolo de sua profissionalização e ascensão social. O uso da gravata indicava tratar-se de um homem de negócios, com poder de decisão, distinto

dos demais; revelava posição social de destaque, de mando, direção. A alfaiataria masculina instaura o conjunto calça-paletó-camisa, composto por gravatas, coletes, casacos, como parte da indumentária dos “homens de Ciência”.

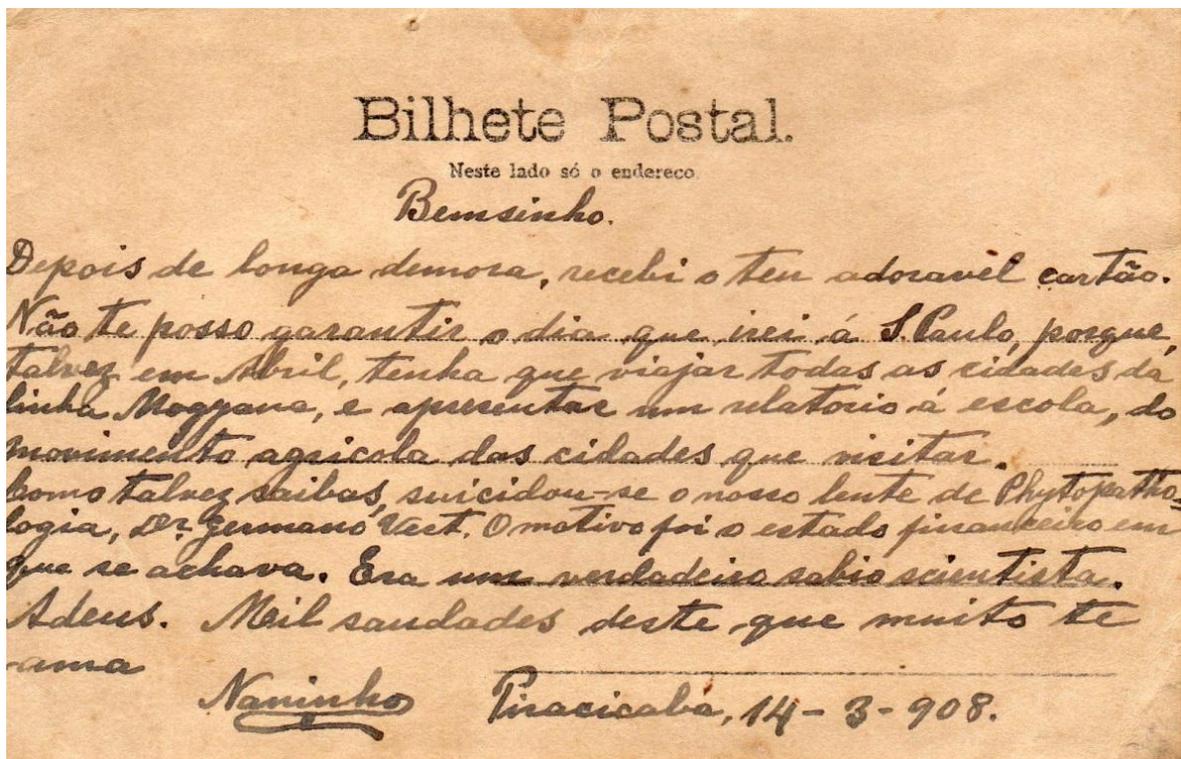
O colete ou veste sem abas e sem mangas que vai até a cintura remonta às armaduras metálicas desenvolvidas no final do século XII. Projetado para realçar as partes separadas do corpo masculino, possibilita visualizar a forma completa do torso, dos braços e das pernas. Em conjunto com o paletó de cores escuras usado por cima do colete, simplifica o vestuário masculino “[...] tendendo a cristalizar-se num uniforme” (SOUZA, 1987, p. 64). Seus usos estão relacionados à esfera profissional de Naninho, como afirmação de sua posição social destacada, pois mesmo que a imagem não mostre o colete, suas características e combinações estéticas nos possibilita presumir seu uso. No período, os usos das gravatas mais finas, coletes e paletós simbolizavam não mais a necessidade das extravagâncias das roupas dos séculos passados, mas o poder e elegância intrínsecos do homem moderno. A roupa usada por Martiniano Medina em sua *Carte de Visite* torna-se sintomática se pensada nos sentidos atribuídos à cidade de São Paulo.

Figura 16 - Frente da *carte de visite* de Martiniano Medina (1908)



Fonte: CARTAS PARA ESTHER (1908-1919). Arquivo CIGES/UNISA.

Figura 17 - Verso da carte de visite (1908)



Fonte: CARTAS PARA ESTHER (1908). Arquivo CISGES/UNISA.

No final do século XIX, “A emergência das grandes metrópoles [...] seus ritmos desconexos, sua escala extra-humana e seu tempo e espaço fragmentários, sua concentração de tensões, dissiparam as bases de uma cultura de referências estáveis e contínuas (SEVCENKO, 1992, p. 32). A República Velha (1889-1930) trouxe para a cidade de São Paulo um adensamento populacional sem precedentes no Brasil, composto por uma diversidade de encontros e movimentos que redimensionaram o mundo social, suas estruturas, transformando a cidade capital provinciana em um espaço com ares de um cosmopolitismo desejado.

O século XX chegou transformando tudo, inclusive a indumentária. A silhueta se simplificou e as roupas tornaram-se mais práticas. Os homens também abandonaram o uso somente das calças e casacas escuras, passando a adotar tecidos mais leves e de cores claras (principalmente o linho); a cartola foi substituída pelo charmoso chapéu-panamá, de palha clara, enfeirado por uma fita preta (RASPANTÍ, 2013, p. 220).

A análise das fontes epistolares e das imagens permitiram trazer à tona lembranças, novas dimensões de análise e valor historiográfico. Com as transformações do olhar sobre a História, seus novos horizontes de pesquisa e ampliação da percepção, os equívocos metodológicos da História universal passam por mudanças significativas de olhar e embasam novas estratégias de pesquisa e análise que, com a Nova História (1970) e a onda cultural dos anos 80, dão lugar para consideração de acontecimentos cotidianos como novos elementos da História, quebrando a concepção de uma História pronta e linear, estritamente relacionada aos grandes acontecimentos selecionados e rigorosidade cronologicamente datada. Estas renovações historiográficas ganham visibilidade inicialmente com o surgimento da *Escola dos Annales* em 1929 por Lucien Febvre e March Bloch:

O primeiro número surgiu em 1 de janeiro de 1929. Trazia uma mensagem dos editores, na qual explicavam que a revista havia sido planejada muito tempo antes, e lamentavam as barreiras existentes entre historiadores e cientistas sociais, enfatizando a necessidade de intercâmbio intelectual (BURKE, 1992, p. 23)

Com a revolução historiográfica da *Revue des Annales* – revista, movimento ou escola histórica, fundada em 1929 por Lucien Febvre e Marc Bloch –, os antigos paradigmas que rondavam o ofício dos historiadores e que consideravam os aspectos culturais e sociais somente como resultados dos processos produtivos, possíveis de

se tornarem material histórico apenas pela narrativa dos documentos escritos e oficiais, a abertura para diferentes perspectivas na pesquisa em História e no seu âmbito metodológico possibilitam compreender as transformações dos modos de vestir como elementos dos novos códigos de conduta da sociedade (seja da elite política ou não, assim como das diferentes culturas, no caso dessa nova São Paulo republicana, influenciada pela movimentação europeia). Esse foi um período de reinvenção das formalidades e a moda entra em evidência como reflexo destes novos interesses e convicções.

Considerando a influência desta revista e escola histórica na relação entre fonte e metodologia, a pesquisa buscou utilizar-se de conceitos e métodos presentes na Antropologia Histórica e na Sociologia implicadas na microanálise, vertente metodológica que emerge na Itália durante o período que se denomina como a terceira geração da *Revue des Annales*; identifica-se as relações vivenciadas através da moda, das roupas, do comportamento do vestuário e seus códigos de representação. Presente em sua *carte de visite*, os vestígios da moda estabelecem, assim, uma possibilidade micro-analítica sobre estes significados e suas relações com as transformações da cidade de São Paulo e as posturas sociais presentes neste recorte, na medida em que:

Toda a fotografia é um resíduo do passado. Um artefato que contém em si um quadro determinado da realidade do século XX e registrado fotograficamente. Se, por um lado, este artefato nos oferece indícios quanto aos elementos constitutivos (assunto, fotógrafo, tecnologia) que lhe deram origem, por outro o registro visual nele contido reúne um inventário de informações acerca daquele preciso fragmento de espaço/tempo retratado. O artefato no seu todo, assim como o registro visual na sua individualidade, constituem fonte histórica. É cristalina, pois, a dupla condição da fotografia: fonte histórica que é ao mesmo tempo artefato (seja uma objeto-imagem de primeira ou segunda geração) e registro visual (meio de informação multidisciplinar, inclusive estética). (KOSSOY, 2001, pp. 29-31)

O conhecimento científico passou por diversas (re)descobertas ao longo da História. A Nova História traça o fio da redefinição do fazer historiográfico, compreendendo a complexidade do sentir, do agir e do pensar na trajetória da humanidade. Por meio da interpretação dos acontecimentos, reconfiguram-se os significados dados aos documentos históricos, que deixam de ser apenas os escritos oficiais, passando o historiador a ter um alcance mais amplo, pois além de reconhecer

que quem escreve a História também é influenciado pelo contexto social em que vive (BURKE, 1992), permitiu a compreensão da relação entre a História e as outras áreas do conhecimento. E, para que a interdisciplinaridade aconteça, é necessário a integração das áreas do conhecimento, numa organização dentro de um programa que é uma condição inicial para sua efetivação, podendo visar novas problemáticas.

A interdisciplinaridade, como afirma Alzira Lobo de Arruda Campos (2013) sem pretensão de ser, é uma ação exercida desde a civilização grega e que compreende a construção do pensamento científico ocidental. Da antiga civilização grega ao Iluminismo, os intelectuais arquitetaram o conhecimento sem a preocupação com uma divisão dos conhecimentos em espaços compartimentados. O formato das definições científicas, do conhecimento hiper especializado como o conhecemos hoje, se consolidou no século XIX e foi predominantemente representado pelos interesses políticos, econômicos e de seus protagonistas.

Do conservadorismo da Escola Metódica de Leopold Von Ranke ao Positivismo de Auguste Comte destaca-se a relevância dada aos grandes acontecimentos, aos grandes homens e à narrativa linear dos fatos que limitava o progresso científico, transformando-o em um processo de reprodução do conhecimento acabado ou “positivo”, pois se preocupam somente com a grandiosidade acadêmica e intelectual e com a manutenção das estruturas de poder (CAMPOS; GOMES; BRANDÃO, 2018). Através da redefinição da noção do tempo e do espaço no século XX e de uma crise dessa estrutura hierarquizada (JAPIASSU, 1976) proporcionada pela identificação de novas dimensões presentes na interpretação das relações em rede, os estudos interdisciplinares se expandem como teoria e como método científico, pois além de permitirem a interpretação dos fatos dentro de um contexto específico, evidenciam os novos significados atribuídos pelas e para as relações associadas ao cotidiano e aos problemas sociais que são vestígios da Era Planetária (MORIN; CIURANA; MOTTA, 2003).

Para Edgar Morin a solução para os problemas do mundo está na ação, em caminhos inovadores e o pensamento complexo envolve a experiência da ação, do fazer, do ensaiar (2003, p. 18). O ensaio como um entendimento provisório, uma forma de reflexão acerca de determinado fenômeno que passa pela experiência compartilhada da vida e, conseqüentemente, da formação dos saberes. Dessa forma,

a complexidade do pensar entendida como uma rede de interações e aleatoriedade de eventos que constituem e congregam o mundo prático, experimental; as incertezas e a impossibilidade de se conceber uma lei universal; uma verdade absoluta ao mesmo tempo em que expõe as contradições presentes no mundo.

Assim, o conhecimento interdisciplinar permite a compreensão dos problemas da vida real, pois propõe a resolução desses problemas de forma que novos temas de estudo, que não são encerrados em si mesmos (JAPIASSU, 1976), sejam explorados. Toma lugar de relevância, tornando-se necessário para a compreensão de problemas de grande complexidade, que vão além das relações políticas e econômicas, pois se baseia nas trocas teóricas e metodológicas entre os saberes como forma de responder questões que ultrapassam as fronteiras impostas pelas disciplinas curriculares e que residem no questionamento de verdades pré-concebidas e na investigação das transformações que dialogam simultaneamente, sem se tornar um processo de soma dos saberes, mas sim no entrecruzamento de informações. Como ação frente ao conhecimento estruturado e compartimentado, a interdisciplinaridade quebra a ideia de um modelo único do saber e oferece possibilidades de integração dos conhecimentos, experiências e visões de mundo (FAZENDA, 2011).

Neste sentido, masculinidades não resultam de uma identidade inalterada; ao contrário, refletem determinado tempo, estão inseridas em um espaço geográfico, são caracterizadas por processos históricos, sociais, antropológicos. O estudo concreto dos homens e do masculino mostra que os homens estão longe de ser um grupo ou uma classe homogênea, e que o que faz deles um grupo social, uma classe (os privilégios atribuídos aos homens, a aspiração de se igualar aos homens, tidos como superiores, as representações e práticas comuns...) não é suficiente para dar conta das relações entre eles.

A historiografia destaca as masculinidades como tabus, pois "a história dos homens não é só feita de conquistas e atos heroicos, mas também de sofrimento, dores e humilhações que os condenam a sofrer calados" (DEL PRIORI; AMANTINO, 2013, p. 10). O conceito masculinidade não pode ser pensado de forma hegemônica mas sim na dimensão de seus movimentos históricos, dos constructos políticos de gênero ou ainda "como os homens se posicionam através de práticas discursivas."

(CONNELL; MESSERSCMIDT, 2013, p. 257). Desta forma, construídos por intermédio da interação com o mundo externo, os arquétipos mudam ou são transformados no processo infinito, dialético e complexo que redimensiona o real, o vivido, sucessivas vezes.

Porém, de modo tóxico e contraproducente, também permanecem no universo social representações únicas que atribuem à noção de masculino e masculinidade uma imagem fixa, que deslinda homens viris, superiores em força, em coragem, competitivos entre si, violentos, sem sentimentos; caso contrário, são tratados como fracos, associados ao universo feminino, assimilados como homossexuais, como se estes também compusessem uma identidade hermética. O pensamento fixista gera estereótipos não correspondentes com a realidade histórica que muda, mas que também permanece.

A análise dos registros permite considerar que, para Naninho, o homem é o sexo forte ou, como mesmo explicita, “talhado para o sofrimento”; dessa forma a mulher é vista como seu oposto e única capaz de suavizá-lo e de completar seus desígnios. Tais características ficam evidentes na passagem da carta escrita em 22 de outubro de 1910:

O homem por mais forte que seja, torna-se indubitavelmente verdadeiro cordeiro ante ás supplicas e os ternos afagos do ser seu antagonista: a mulher./ Elle, que foi talhado para o soffrimento e para as grandes lutas da vida, possuidor de um coração rijo, duro e forte, inabalável nos seus actos e recto no seu pensar, o que seria delle se não fosse a mulher, que o suavisa e o consola em suas dores, que lhe da uma existência mais aprazível e doce, com o seu modo manso e com suas palavras ternas!... (CARTAS PARA ESTHER, 22/10/1910)

Ainda que pertencentes ao homem, características como dureza e força, Martiniano aparece nas cartas com um comportamento que contrapõe tal representação, apontada por autores como Albuquerque Jr (2011) como predominante na sociedade ocidental. Assim, em seus escritos predomina um modo de se relacionar amoroso e delicado, no qual são constantes as declarações de amor, elogios, demonstração de saudade, aspectos destacados na carta datada de 7 de fevereiro de 1916:

E'tão grande o amor que te consagro que jamais poderei te esquecer um só momento. Longe ou perto o meu pensamento sempre se voltará para o teu lado. Se algum dia eu faltar neste mundo, lá no outro, se

por ventura exista um outro mundo, ainda tu serás lembrada com a mesma afeição íntima com que foste neste. (CARTAS PARA ESTHER, 07/02/1916)

Nessa perspectiva, são significativos os apontamentos de Gomes (2004), que assevera que não se deve tomar o documento como verdade. Assim, tais declarações não devem ser interpretadas apenas como a expressão dos sentimentos que possuía por Esther, mas também como discursos construídos, consciente ou inconscientemente, para balizar a relação dos noivos. Para além das declarações explícitas de carinho, as cartas sinalizam outros aspectos que denotam um comportamento que valoriza a demonstração de afeto e intimidade como, por exemplo, o uso de adjetivos e nomes amorosos para designar Esther como “modesta, bôa e virtuosa” (CARTAS PARA ESTHER, 07/02/1916).

A transcrição de poemas, a assinatura como Naninho, na maior parte das cartas, remetem a uma relação de intimidade. Tais sentimentos aparecem também direcionados a outros, como seu filho Zézinho, sua mãe e outros parentes seus e de Esther, variando, no entanto, a intensidade de acordo com a intimidade que mantinha com essas pessoas. Mesmo em situações em que envolviam algum conflito com Esther, Naninho, ainda que evidenciasse seu descontentamento – e postula-se o comportamento que acreditava adequado –, o fazia de forma delicada, caracteres possíveis de observar no trecho da carta de 19 de outubro de 1910, em que discute o relacionamento com Esther.

Pela leitura que fiz da tua carta, aliás bem desagradavel para mim, vejo o quanto estás aborrecida commigo. Escreverte-a talvez em algum momento de indignação, pois as phrases com que te exprimes são um tanto fortes para mim, que mal algum te fiz! Dizes que estas certa que nao sou sincéro; e com certa seneridade acrescentas: "se não quizeres que te escreva manda-me dizer, não mais tornarei importunar-te." / Talvez Esther, seja isto oque almejas! Quem sabe se não seja para ti enfadonho, perturbador da tua paz e da tua felicidade? / Quem sabe se ja mudaste o teu medo de pensar e sem duvida, me aches indigno ou incapaz de fazer a tua felicidade? / Não quero ser causador de tantas infortunios, e espero com as linhas que escrevo, causarte somente satisfação e alegria./ Peço resolveres tão sério assumpto escrevendo-me com sinceridade (agora sou eu quem digo), se ainda sou digno do teu amor; pois ao contrario procurarei esquercer-te e não mais te importunarei com as minhas enfactidiosas cartas./ Felicidade é o quanto a ti desejo. [...] (CARTAS PARA ESTHER, 19/10/1910)

Figura 18 – Carta escrita por Naninho em 19 de outubro de 1910

DIRECTORIA DE INDUSTRIA ANIMAL
 ESTAÇÃO ZOOTÉCNICA "DR. PADUA SALLES"
 SÃO CARLOS
 Estado de São Paulo

S. Carlos, 19 de Outubro de 1910

Esther.

Desejando-te e a todos os que te são caros saúde e mil venturas, escrevo-te esta em resposta a tua carta de 16 do corrente. Eu continuo a passar bem e em paz. Pela leitura que fiz da tua carta, aliás bem desagradável para mim, vejo o quanto estás aborrecida connigo. Escreveste-me talvez em algum momento de indignação, pois as phrases com que te expriimes são um tanto fortes para mim, que mal algum te fiz! Dizes que estás certa que não sou insensível; e com certa serenidade acrescentas: "Se não quizeres que te escreva manda-me dizer, não mais tornarei importunar-te." Talvez Esther, seja isto o que almejas! Quem sabe se já ~~estás~~ ^{estás} para ti enfadonha, perturbador da tua paz e da tua felicidade? Quem sabe se já mudaste o teu modo de pensar e sem duvida, me achas indigno ou incapaz de fazer a tua felicidade? Não quero ser causador de tantos infor-

Sua expressão de sentimentos não se limitava a amor, carinho e outros sentimentos tidos como bons mas também expressava emoções que denotavam fraqueza na concepção tradicional de masculinidade, como é o caso da tristeza expressa no momento da morte de sua irmã, exposta a Esther em carta de 19 de maio de 1910, quando escreve “Este terrível acontecimento foi imediatamente confirmado por uma carta que recebi de papae, e foi com os olhos a gotejarem lagrimas de dôr que li”. Nesse sentido, também demonstrava ser capaz de expor suas fraquezas ao narrar em várias situações em que passou doente, ou com medo de ficar, como é o caso do relato de 07 de julho de 1911:

Não muito extensa e nem lacônica demais, começarei dizendo que estou bem de saúde e com menos medo da terrível varíola, que graças ao bom Deus, esta quase que extincta, resumindo-se apenas nos vinte e quatro casos, que são vinte e quatro victimas, que lá estão no isolamento, pedindo salvação e misericórdia divina. (CARTAS PARA ESTHER, 07/07/1911)

Figura 19 – Carta escrita por Naninho em 07 de julho de 1911

DIRECTORIA DE INDUSTRIA ANIMAL
Estação Zootécnica "Dr. Padua Salles"
SÃO CARLOS
Estado de São Paulo

S. Carlos, 7 de julho de 1911

Esther

Foi com imensa satisfação que recebi o teu
minúsculo cartão de 6 de corrente, e, em resposta
creio-te esta, com vivo amor e cheio de saudade.
Não muito extensa e nem lacrimosa demais, come-
cei dizendo que estou bom de saúde e com
menos medo da terrível varíola, que graças ao
bom Deus, está quasi que extinta, regimin-
do-se apenas nos vinte e quatro casos, que são
vinte e quatro victimas que li estás no insola-
mento, pedindo salvação e misericórdia divina.
A cidade calma e tristonha, sem aquelle
movimento e alegria de sempre, dispecta
somente melancolia e saudade, moimemente
naquellas que seinhos vivem, distantes da
pessoa amada!

Recebi o Carneiro e peço agradecer os tm. Fiquem
dizendo-lhe que estou tratando de arranjar
o encantado caelero, que provavelmente ha de
ser uma preciosidade. Amim o expresso.

Terminando estas poucas linhas, peço recomen-
dador-me aos teus e aceitar um seu-
do e sincero abraço do teu noivo

Naninho

Escreva-me sempre -

Outro aspecto que é recorrente nas cartas é sua percepção do envio das cartas como um dever a ser cumprido principalmente com Esther e também com sua mãe. Dessa forma, são vários os trechos que aparecem explicitando tal concepção ou justificando quando não a conseguiu cumprir devidamente, como é possível observar no seguinte fragmento da carta de 30 de maio de 1911:

Escrevo-te esta, além de cumprir um dever para contigo, vou dar noticias da minha esquecida e insignificante pessoa e colher ao mesmo tempo pela volta do correio, novas tuas e dos teus. / Quando dahi parti como sabes, na sexta-feira, dirigi-me a Piracicaba, onde pretendendo ficar somente aquelle resto do dia e o sabbado, tive que la permanecer até segunda-feira, embarcando para Rio Claro neste mesmo dia, onde por ter perdido o trem, tive que pernoitar; chegando aqui em S. Carlos na quarta-feira a noite. / Bens vês que a viagem foi longa e os muitos negocios que urgentemente tinha que liquidar, fizeram com que me atrasasse em te escrever. São motivos justos, não achas? (CARTAS PARA ESTHER, 30/05/1911)

Podemos perceber um comprometimento e uma fidelidade ao relacionamento, a importância de se manter o outro informado quanto a seu dia a dia. Também é possível inferir um equilíbrio na relação, visto que, da mesma forma que Naninho requisita notícias de Esther, este se vê na obrigação de fornecer novidades suas, comportamento que destoa da representação tradicional de masculinidade, em que o homem é tido como dominador e em busca de todo o poder em suas relações. O trabalho também é assunto recorrente nas cartas, demonstrando sempre estar muito atarefado, tanto com o cargo de Engenheiro Agrônomo como com o Hippodromo: se utiliza muitas vezes dessas atividades para justificar suas faltas quanto ao envio de cartas ou as idas a cidade de São Paulo. Tal apego ao trabalho o afasta de suas características que o remetem à elite, pois, ainda que o Hippodromo o aproxime das características da elite citadina enquanto empreendimento financeiro, sua preocupação constante com a vida profissional difere de uma cultura que tradicionalmente está associada à elite que é educada não para o labor, mas para o conforto. Nesse sentido, é significativo o seguinte fragmento de 19 de outubro de 1910:

Quanto a demora em escrever-te não foi por esquecimento ou por proibição de alguém como julgas, mas, pelo grande accumulo de serviço motivado pelos dias que ahi estive e por ter feito durante este mez, cinco viagens de inspeção./ Compreendes perfeitamente que viajar seis ou cinco leguas a trolly ou á cavalo, não é obra de um momento; e além disso, o canção que se tem depois de uma destas

longas viagens torna-nos exaustos, e apesar ainda disto sento-me ainda á mesa de trabalho e escrevo até alta noite com o fim de fazer o relatório, para remettel-o no dia seguinte, a Secretaria da Agricultura./ Emfim, desculpo-te porque não podes imaginar o que isso seja, mas que digo é pura verdade. (CARTAS PARA ESTHER, 19/10/1910)

É possível observar nas cartas não uma concepção de homem harmônica ao padrão considerado – por exemplo, por Albuquerque Jr (2011), presente na idealização do comportamento do homem – como forte e rústico, mas conflituosa em relação a esse padrão de masculinidade, pois se revela gentil e sensível. Fruto de uma São Paulo em constante mudança, que buscava uma europeização dos costumes, Martiniano aparece com características que o aproximam de uma nova masculinidade ligada ao cidadão burguês; no entanto, este se afasta de tal concepção ao considerar sinais que o aproximam de uma classe em ascensão ainda distante dos estratos mais elevados da sociedade.

S. Carlos 28 de Março de 1911 / Saudosa Esther / Depois de 19 dias no alvices, escrevo-te está em resposta, a tua cartinha de 9, do corrente. Os motivos que iria allegar para justificar meu silencio seriam tantos que não me, atrevo a mencional-os, ficando portanto ao teu criterio, (aliás sempre justo), a remissão ou não dos meus pecados, se por ventura julgas que fui infractor das Leis... Divinas perante, a tua bondade. / Se te queixas, o mesmo deve suceder lá por casa e com Thidinha, pois desde que d'ahi parti ainda não me foi possível escrever. / Sómente escrevi ha dias, a mamãe felicitando-a pelo anniversario e ao Arthur sobre a inauguração do hippodromo. Bem vês, que sou franco, não achas? / Sou injusto dizem uns; sou bondoso dizem outros. Não sei qual dos partidos tem razão mórmente depois de ter examinado arithimetica e Algebra na Escola Normal, é que sei quanto sou admirado por uns e repudiado por outros. Quanta cartinha de candidata bonita recebi, pedindo-me proteção, misericórdia!... Mas estou contente porque percebi com a máxima imparcialidade, approvando sómente as que mereceram pelo seu saber, pondo de parte as taes cartas de... adulação. / O hippodromo, ás corridas, o sport hippico, eis o que mais interessa actualmente o povo desta cidade. Dia 2 realizar-se-á a segunda corrida no Derby-Club Sancarlense. / Que entusiasmo! Que festança! / Só faltaria a tua pessoa para completar a minha... alegria./ Adeus. Já estou massante./ Recomenda-me aos teus e abraça-te com amor e sincero noivo. / Naninho / 28/3/911. (CARTAS PARA ESTHER, 28/03/1911)

Figura 20 – Carta escrita por Naninho em 28 de março de 1911

DIRECTORIA DE INDUSTRIA ANIMAL
Estação Zootécnica "Dr. Padua Salles"
SÃO CARLOS
Estado de São Paulo

S. Carlos, 28 de Março de 1911

Saudosa Esther.

Depois de 19 dias no olvido, escrevo-te esta em respeito a tua cartinha de 9 do corrente. Os motivos que iria allegar para justificar o meu silencio seriam tantos, que não me atrevo a mencioná-los, ficando por tanto ao teu critério, (aliás sempre justo), a remissão ou não dos meus peccados, se por ventura julgas que fui infractor das Leis... Divinas perante a tua bondade.

Se te queiras, o mesmo deve succeder lá por casa e com Mídiuha, pois desde que d'ahi parti ainda não me foi possível escrever. Somente escrevi ha dias a Mamãe felicitando-a pelo anniversario e ao Arthur sobre a inauguração do Hippodromo. Bem vês que sou franco, não achas?

Sou injuncto dizem uns; sou bondoso dizem outros. Não sei qual dos partidos tem razão. Mormente depois de ter examinado Arithmetica e Algebra na Escola Normal, e que sei o quanto sou admirado por uns e repudiado por outros. Quanta cartinha de candidata bonita não recebi, pedindo-me protecção misericordia!... ellas estão contentes porque procedi com a maxime

A escrita epistolar, o uso das cartas como fonte, encontra ressonância nos estudos interdisciplinares. Por expressarem determinado gênero do discurso, as cartas permitem informações muitas vezes impossíveis de serem acessadas por outras fontes ou outros enunciados; em determinados casos, permitem identificar como as pessoas pensam de modo mais livre, com enunciados escritos no recôndito, na vida privada, no segredo. Os estudos que se utilizam da correspondência como fonte para pesquisa acabam por avaliar aspectos individuais, processos vivenciados na intimidade de relações culturalmente estabelecidas. Sigilosas, endereçadas, íntimas ou não as cartas informam, contam, evidenciam, documentam. Mesmo considerando intencionalidades e função social do gênero discursivo, revelam as formas de pensar, agir e sentir das pessoas, mas também seu entorno.

No caso das Cartas para Esther, evocam um contexto de intensas transformações sociais, pois remontam à passagem do trabalho escravo para o trabalho livre; a formação de um novo sistema de governo fundado na ordem e no progresso, na urbanização e industrialização que redistribuiu poderes e reordenou o espaço social e geográfico da cidade. São Paulo como parte do processo de reconfiguração da visibilidade nacional, da imagem construída para o Brasil República, assim como em outras grandes cidades do Brasil.

O uso da correspondência como fonte de pesquisa em História Cultural permite encontrar ressonância com a micro-história. Apesar de não estabelecer um texto ou manifesto fundador, a perspectiva historiográfica de Giovanni Levi, Edoardo Grendi e Carlo Ginzburg são essenciais para a construção das acepções micro-analíticas, pois precursores dos conceitos de redução de escala de análise, excepcional normal e paradigma indiciário (REVEL, 1998). A microanálise ganha espaço acadêmico com a trajetória da história das mentalidades com a qual foi muitas vezes confundida. Os estudos micro-analíticos não destacam o fragmento por ele mesmo, tampouco rejeita generalizações históricas, mas leva a repensá-las (VAINFAS, 2002).

Os estudos micro-analíticos não pretendem ensimesmar o objeto estudado, mas redimensionar o lugar dos acontecimentos e pequenos enredos que permitem conexões mais amplas e atravessam todo o tecido social. Jacques Revel (1998) define a prática historiográfica como decorrente da redução da escala de observação e redimensiona pressupostos historiográficos ao se concentrar em procedimentos de

nominação de envolvidos, na caracterização de perfis coletivos ou individuais de personagens desconhecidos, propostos no paradigma indiciário. Ainda que não despreze dimensões mais amplas, a micro-análise implica a supervalorização das atitudes individuais na análise de dilemas e impasses de personagens centrais, em específico, anônimos da história, mas no estudo dos sinais. (GINZBURG, 1989).

A gênese do paradigma indiciário se encontra no pensamento de Giovanni Morelli, que publicou entre 1874 e 1876 uma série de artigos sobre pintura italiana sugerindo um método novo de atribuição de autoria para obras não assinadas. Tal método consiste em atentar para os pormenores, os detalhes, como possibilidade de identificação do autor da obra. O paradigma indiciário propõe um método centrado nos sinais, indícios, nos dados postos à margem, evidências infinitesimais que possam oferecer pistas para o estabelecimento de análises mais amplas. Para tanto, valorizam-se as especificidades de cada objeto a partir de especulações acerca do tema. Considerado como conjunto de princípios e procedimentos apresentados pelo método heurístico centrado no detalhe, o sistema explicativo micro-analítico valoriza as especificidades, o reconhecimento da subjetividade do conhecimento, o uso de inferências, conjectura e imaginação criativa durante a análise e pesquisa. No que concerne aos procedimentos, o paradigma indiciário exige erudição, implica uma prática interpretativa interdisciplinar e documental, consultada de forma exaustiva. A correspondência viabiliza os sinais, que nas correspondências assume lugar privilegiado.

As cartas e a *carte de visite* permitem considerar que, como resultado desse contexto, Naninho constrói sua masculinidade com características dessa classe que almeja alcançar com seus esforços profissionais, a elite, mas também com particularidades ligadas à classe à qual pertenceu originalmente, demonstrando as inúmeras possibilidades de construção da representação do masculino no período. A moda masculina representa o novo homem projetado pelos discursos da modernidade que, minimalista, transmite elegância e intelectualidade. O estilo de vida, o modo de vestir e portar-se remete para o desenvolvimento da indústria têxtil, da arquitetura, do urbanismo, da comunicação e a entrada no século XX marca esse desejo de modernidade. Logo, o vestuário e seus códigos de uso refletem as transformações vividas e construídas na cidade de São Paulo.

3 MODERNOS E SUPERIORES: PAULISTANIDADE E MASCULINIDADE

A paulistanidade como uma identidade regional socialmente concebida vem sendo historicamente construída pela intelectualidade paulista, vale dizer, a elite oligárquica paulista e paulistana, desde a segunda metade do século XVIII. Partindo de diferentes abordagens, ainda assim, com um propósito em comum e a partir da valorização de certas características específicas baseadas em pressupostos econômicos e políticos, buscou-se, além de atribuir a São Paulo um status de superioridade em relação aos demais entes federativos, utilizar-se desse discurso com o intuito de legitimar os objetivos da oligarquia paulista na busca pelo poder central em um momento da descentralização republicana que ocorreu com a federalização no Brasil.

Esse movimento de busca pelo protagonismo político foi pautado em uma ideologia que elencava como indispensável ao progresso da sociedade brasileira não só o crescimento econômico – que era uma realidade nas cidades paulistas graças à produção do café –, mas ao seu sucesso como resultado de uma suposta distinção racial e cultural de sua população caracterizada, principalmente, pela sua ligação com os bandeirantes que eram, em sua maioria, paulistas.

Heróis desbravadores e ávidos pelo progresso e pela regeneração de uma sociedade miscigenada, a construção da narrativa desses personagens históricos possibilitou o surgimento de uma noção em torno de uma “raça de gigantes” (SOUZA CAMPOS; BLOIS, 2020). Sendo assim, a modernização e a urbanização da cidade de São Paulo entre os anos de 1900 e 1930, período delimitado para este estudo, transformaram não só as estruturas físicas da cidade, mas refletiam essa idealização de uma identidade singular que, baseada nos desejos de uma nova elite cidadina europeizada, carregaria o Brasil.

Esse processo, marco de uma história de cima para baixo, alterou significativamente como os homens representavam suas masculinidades. Pois, a partir desse movimento, as novas tecnologias e os novos espaços de sociabilidade significaram o avanço técnico e científico que, buscando resolver esses problemas, revelou não só as mudanças políticas e estéticas ocorridas, como também os discursos e ideologias que estruturaram a narrativa da paulistanidade. A trajetória de Naninho permite acessar essa narrativa, visto ser um homem que vivia no território

paulista, letrado, culto e intelectualmente ativo, membro de instituições públicas e homem de negócios.

3.1 Homens paulistanos: intelectualidade como representação

O ideário republicano proporcionou para São Paulo um disparo populacional, uma diversidade que modificou as estruturas do mundo social, transformando a cidade provinciana em um espaço de conflitos e transformações (SEVCENKO, 1992). A elite emergente, ascendente de famílias ricas cafeicultoras ou grupos que enriqueceram com a vida moderna, buscou com o investimento na urbanização, na melhoria dos meios de transporte e na expansão dos meios de comunicação, construir uma identidade nacional e regional que, garantindo o desenvolvimento tecnológico e científico, moldara a sociedade através da educação e da saúde pública (MARINHO, 2020).

Composta por uma população negra, liberta da escravidão e com dificuldades em competir no mercado de trabalho com os imigrantes europeus que, a princípio, chegaram no Brasil no final do século XIX, encontrava-se a necessidade de uma reestruturação urbana “[...] que ia operando – novas ruas e bairros, demolição de antigos casarões e construção de novos edifícios –, surgiam outras configurações espaciais na paulicéia, exigindo o reordenamento da multidão e demandando a intervenção do Estado” (MOTA, 2005, p. 76).

A influência da elite urbana paulistana, seu poder aquisitivo e status estavam ligados diretamente ao avanço da ciência e da tecnologia, construindo, assim, os pilares sociais e físicos dos espaços públicos de São Paulo. Este projeto de modernização que, no ideário paulistano, propunha substituir a mão de obra escrava e promover a civilidade e o progresso através do branqueamento da população brasileira (SOUZA, 1987, p. 44), associava os demais entes federativos ao atraso econômico e cultural decorrente da miscigenação de sua população (WEINSTEIN, 2007).

Este reordenamento urbano e populacional implicou no incentivo às políticas sanitaristas e higienistas na cidade como uma forma de ‘limpeza social’ e “embelezamento urbano”. Objetivava-se, com isto, o controle social e das doenças

comuns, principalmente dos bairros e das casas que abrigavam as populações mais pobres. A designação médica se dava com a missão da articulação da “nova São Paulo”, isto é, “alterando-lhe as feições, medicalizando e normatizando determinados espaços, para que se constatassem, pelos números, as mudanças advindas de suas ações” (MOTA, 2005, p. 79).

A influência estatal e moral da elite urbana paulistana construiu os pilares sociais e físicos dos espaços públicos de São Paulo. O poder aquisitivo e status ligados diretamente ao avanço da ciência e da tecnologia, empregados em sua construção, as divergências culturais, principalmente da relação às classes trabalhadoras, geraram demandas para o Estado em formação. Aos que abandonam a vida do campo para buscar melhor qualidade de vida e ascensão social no mundo urbano recaem a criação do imaginário paulistano como “raça de gigantes” (WEINSTEIN, 2007; FERLA, 2005).

De acordo com André Mota, com a intervenção de cientistas e profissionais da medicina por meio de “órgãos burocráticos e instituições de desenvolvimento tecnológico e de pesquisa” (2005, p. 19) surgia uma nova forma de controle social que atuava não apenas na dimensão ideológica, “mas sobretudo no corpo e com o corpo” (2005, p. 19). Esses discursos segregacionistas que forjaram a paulistanidade permitiram a construção de uma nova masculinidade que expressa, por meio da moda, dos tecidos, padronagens, uso de gravatas, sapatos e outras peças do vestuário um homem ideal, qualificado pela formação profissional. O cosmopolitismo acentuado por “[...] um nítido recorte de discriminação social, como um estigma a mais a se acrescentar ao das gentes negras e mestiças, vinha reforçar a disposição de estranhamento intrínseca ao processo de metropolização.” (SEVCENKO, 1992, p. 30), e buscava ressaltar uma identidade regional e nacional branca, eurocêntrica, pois “sentia-se a mais jovem amante da *Belle Époque*” (MOTA, 2005, p.76) e remetia ao desejo pela modernidade organizada nos “valores do grupo dominante” (MARTINS, 1994, p. 30).

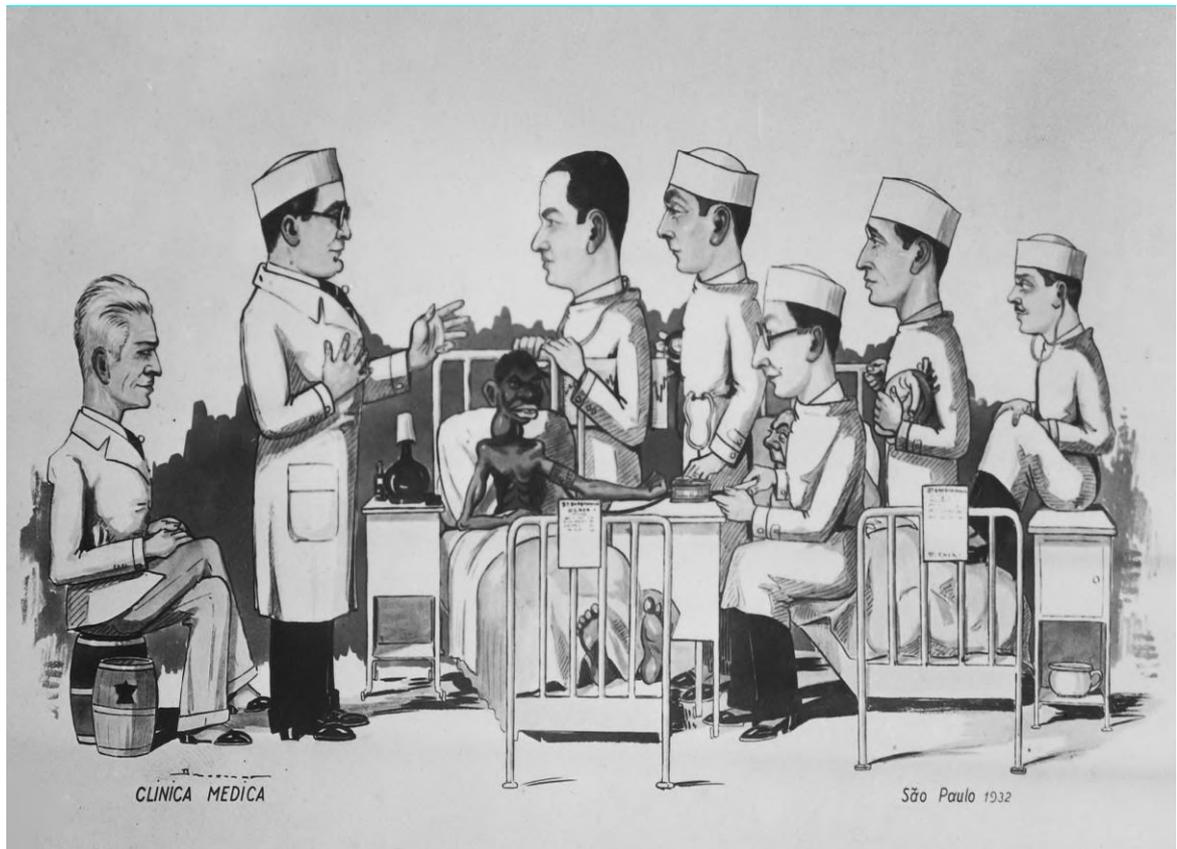
Tais desejos influenciaram diretamente o estilo de vida, o modo de vestir e se portar do homem paulistano na virada do século XIX para o século XX, redimensionando o modelo de masculinidade considerada normal no período – que obtém o poder através de sua força e representa o homem pela imagem do tipo

valente. O homem moderno busca reforçar a ideia de poder através de seu predomínio na vida social, atendendo necessidades da vida liberal. Assim, “[...] a empresa, o mercado, a vida pública foram apresentados como novas arenas em que a agressividade masculina viria se expressar” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 44).

No caso paulista, tratava-se da produção de um imaginário que exaltava os homens de ciência, cultos, intelectualizados, cujas disputas eram travadas no mundo dos negócios, dos grandes empreendimentos, da vida em comum com um número significativo de estrangeiros. A Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz – ESALQ, local onde Naninho se formou, foi um importante centro de desenvolvimento industrial e agrícola para o estado de São Paulo e para o país como um todo. O desenvolvimento industrial, arquitetônico e científico representa o novo homem projetado pelos discursos da modernidade e o vestuário e seus códigos de uso refletem as transformações vividas e construídas na cidade de São Paulo.

A charge abaixo permite diferentes interpretações. No que se refere à moda, os homens de Ciência, os médicos, considerando a data em que foi produzida, vale dizer, 1932, são representados como os mais importantes ícones da moda. Calças bem alinhadas, sapatos bicolores, gravatas, cabelos bem cortados deslocam diametralmente os homens retratados na cena. De acordo com os autores que trabalham com charges como fonte de pesquisa, essa modalidade discursiva se trata de uma crítica humorística sobre um fato ou acontecimento específico, uma reprodução gráfica de notícia conhecida do público segundo a percepção do desenhista. Porém, se faz importante destacar que as charges não são frutos apenas da visão do desenhista mas também, como afirma Melo (2003), o ponto de vista do grupo ligado ao meio de comunicação em que a charge é publicada. Com sentidos e intencionalidades diante de seus receptores, essa construção discursiva, através da objetividade, busca não só levar o público à reflexão, mas construir representações históricas a partir da ótica de determinados grupos da sociedade.

Figura 21 - Charge Clínica Médica



Fonte: Museu Histórico Prof. Carlos da Silva Lacaz – FMUSP (1932)

A prática discursiva, também presente na charge analisada, passa pela regulação dos indivíduos à ordem do poder reprimindo condutas desviantes da norma e construindo novas características sociais aceitáveis. A charge se apresenta tanto através de imagens, quanto combinando imagem e texto, exacerbando a mensagem. Etimologicamente, a palavra origina do francês *charger* (carregar, exagerar), cujo objetivo é focalizar uma determinada realidade, geralmente política, sintetizando esse fato (ROMUALDO, 2000).

No caso, as determinações se explicitam no achatamento do homem negro frente aos demais, inclusive, por sua nudez. O homem negro, que figura com os pés descalços, à mostra, raquítico, revela uma aparência diametralmente oposta dos homens que centralizam a charge, pois doentia, brutalizada e feia. Um segundo paciente, um homem branco, cujos pés estão cobertos, lança um olhar de desprezo e indignação para o homem negro. Em toda a cena, a masculinidade negra é desclassificada e a moda, nesse sentido, sinaliza os distanciamentos.

O destaque para a representação de homens brancos e negros na charge explicita esse corolário científico em torno das dicotomias entre brancos e negros, entre higiene e origem social em São Paulo; indica a origem regional e de classe, com suas variações e influências. Ademais, com as novas tecnologias, o uso das roupas brancas estava associado aos novos hábitos de higiene e em cidades como Paris; seus usos estão associados “às maneiras de habitar e viver das elites urbanas” (ROCHE, 2007, p. 172). Essa distinção social é atravessada pela moda. Os modos de se vestir, bem como a padronagem dos tecidos, os acessórios, o alinhamento das roupas, a modelagem dos cortes, são assumidos como credenciais na medida em que poderiam incluir ou excluir as pessoas, classificá-las em classe, raça e gênero e “permitem perceber os valores culturais que fazem o sistema avançar em todas as partes do mundo, por meio dos modos de utilização e de conservação, por meio do ensino do que é estar vestido e estar nu, do que é sujo e do que é limpo” (ROCHE, 2007, p. 163).

A charge que demonstra o homem negro despido corrobora esse imaginário social e o ideário médico do período, revelando as distinções sociais na “cidade-laboratório” (MARINHO, 2020). Essas representações refletiam a importância

atribuída a um tipo específico de homem, cuja masculinidade espelhasse as transformações em curso na cidade: branco, polido, educado, profissional, moderno, que viajava, assumia postos de direção nas mais diferentes organizações públicas, privadas, filantrópicas, nacionais e internacionais como funcionários, concursados, parte do aparelho do Estado, como permite compreender a carta de 24 de novembro de 1910:

São Carlos, 24 de novembro de 1910 / Saudosa Esther / De regresso da minha viagem á Piracicaba tive necessidade de fazer uma outra, sendo esta porém de caracter inteiramente diverso, pois fui a serviço do governo. Aqui chegando dia 14 a tarde, em companhia do meu colega Fonseca Ferreira, encontrei um officio do secretario, mandando-me seguir com urgencia em viagem de inspecção pelo municipio, afim de estudar a sua industria agricola e pastoril, recolhendo ao mesmo tempo, dados approximativos da riqueza e comercio do municipio sobre estas duas importantes industrias, se difficil foi esta tarefa mais ainda foi o meu trabalho com o fim de concluir-a. Eis o motivo de só agora te responder a cartinha de 15 do corrente. / Vou fazer o possivel de ahi estar dia 1º de janeiro, pois desejo matar as saudades que já são muitas. / Em Piracicaba passei-me doenti [?], mesmo porque estava longe de ti. O Chico melhor te poderia dizer. Elle já foi para o Parí? Intencionava de Piracicaba dar um pulo até ahi, mas foi-me absolutamente impossivel- Adeus - Recomendar-me aos teus. Saudades de Naninho. / Espero teu retrato. (CARTAS PARA ESTHER, 24/11/1910)

Figura 22 – Carta escrita por Naninho em 24 de novembro de 1910

DIRECTORIA DE INDUSTRIA ANIMAL
 ESTACAO ZOOTECNICA "DR. PADUA SALLES"
 SÃO CARLOS
 Estado de São Paulo

S. Carlos, 24 de Novembro de 1910

Saudosa Esther

De regresso da minha viagem a Piracicaba, tive necessidade de fazer uma outra, sendo esta porém, de caracter inteiramente diverso, pois fui-a a serviço do governo. Aqui chegando dia 14 à tarde, em companhia do meu collega Fonseca Ferreira, encontrei um officio do secretario mandando-me seguir com urgencia em viagem de inspecção pelos municipios, a fim de estudar a sua industria agricola e pastoril, recolhendo ao mesmo tempo, dados approximativos da riqueza e sauermercis dos municipios sobre estas duas importantes industrias. Se difficil foi esta tarefa, maior ainda foi o meu trabalho com o fim de conclui-la. Eis o motivo de si agora te responder a cartinha de 13 de corrente.

Vou fazer o possivel de ali estar dia 1: de Janeiro, pois desejo matar as saudades que já são muitas.

em Piracicaba para os d'outros, nem me porgure, estão longe de ti. O chris melhor te porem a dizer. Elle já foi para o Pici? Intencionava de Piracicaba, com um puer até ali, mas foi me absolutamente impossivel. Adios - Recorrer-me os teus. Recorrer o marido (espero o teu amor)

O lugar do homem na centralidade do núcleo familiar, na convenção social e profissional remodelada pela fábrica e cidade, altera a roupa masculina, nesse contexto, pensada para a mobilidade, produzida com tecidos mais leves e feitas a partir de materiais apropriados para a vida na cidade. Os indícios históricos e sociais que a moda permite acessar são revelados na charge no uso dos sapatos bicolores, nas calças com barra italiana, no colarinho alto das camisas brancas, nas gravatas finas, bem como a cor branca dos jalecos médicos. Diametralmente oposta, a representação do homem negro aparece na charge como esquelético, deformado, com os pés à mostra e submetido a uma transfusão de sangue. Se comparadas, as representações sustentam a moda como distintivo qualificador das pessoas, ou o seu contrário.

3.2 Racismo e eugenia: moda como “indício dos distúrbios mentais”

A virada do século XIX para o XX foi uma época marcada por profundas transformações, como a industrialização, o processo de independência da América e, no Brasil, o fim do sistema escravista e do Império. Após a Proclamação da República (1889) a elite intelectual brasileira – seja de base política, médica ou mesmo literária –, passou a exportar um discurso que tinha a intenção de criar uma sociedade civilizada, estimulando o convívio cada vez mais europeizado e embranquecido. As discussões que permearam essa reconfiguração social e biológica foram utilizadas como formas de buscar uma possível solução para o desenvolvimento do país significado pela degeneração racial.

Em São Paulo, o cenário político conservador refletia uma burguesia movida culturalmente pelo eurocentrismo que, importando teorias sanitaristas e higienistas, trabalhava para promover a eugenia como prática social e política pública. A partir de uma seleção social e racial com base na hereditariedade, a construção de um homem ideal perpassa as reflexões aqui encetadas.

Nesse contexto, a cidade recebeu ondas migratórias de trabalhadores brancos que eram considerados, por eles e pela sociedade inclusiva, como superiores aos negros. Impulsionada pela economia cafeeira e pela indústria nascente de princípios do século passado, configurou-se como um núcleo irradiador da nova ordem social,

avaliada como moderna, racional e industriosa. No período, a cidade de São Paulo também passou a receber egressos do campo, provenientes das primeiras levas da imigração decepcionados com as reais condições de vida e de trabalho encontradas nas fazendas de café no interior do Estado. Essas fazendas eram igualmente abandonadas por levas de proletários que, do mesmo modo, pretendiam encontrar na cidade condições toleráveis de sobrevivência material e espiritual. Somados aos imigrantes, descendentes de escravos ou homens tornados livres pela Lei Áurea, de 1888, acorriam a São Paulo, dando a ela uma paisagem urbana sociologicamente diversificada, que absorvia etnias, línguas e costumes diversos, de forma evidentemente desigual (SOUZA CAMPOS, 2003).

A elite concentrava privilégios, para os quais fabricava justificativas. Dessas, ressalta-se o mito genealógico da descendência de bandeirantes heroicos, caciques ou princesas indígenas, que esteve na base do orgulho dos "paulistas de 400 anos". Mito, obviamente, sem base histórica alguma, mas que serviu para alicerçar a ideia de ser São Paulo a "locomotiva do Brasil"; ficção que transbordaria para a realidade trágica da Revolução de 1932, aparentemente constitucionalista, mas, na verdade, separatista, voltada ao objetivo de dar aos paulistas o poder político do qual tinham sido momentaneamente afastados (MARINHO, 2020).

A capital bandeirante, como o espelho do Brasil, via-se como branca e rejeitava fortemente a cidadania negra, admitida em momentos distintos com o próprio o levante de 1932 (WEINSTEIN, 2007). Nessa vertente, a vulnerabilidade vivida pelos negros se torna um momento valioso para reforçar a ideia da superioridade branca sobre as demais raças. Ainda mais, quando se tratava de doenças, autoridades e elites médicas aproveitavam o ensejo para reforçar argumentos que demonstrariam a natureza inferior do negro (SOUZA CAMPOS, 2003).

O espaço social urbano nas décadas iniciais do século XX e sua relação com a concepção eugênica atingem a moda, bem como a indumentária masculina. Assim, construída pelo imaginário médico, a moda, os usos das roupas e a vestimenta assumem lugar nos diagnósticos médicos expostos no manual *Psiquiatria Clínica e Forense* de Antonio Carlos Pacheco e Silva como um dos sinais evidenciados para o "esclarecimento dos distúrbios" que levaram homens e mulheres à loucura. As hipóteses sugerem que é dessa matriz de pensamento que se ampliam

particularidades regionais de São Paulo, traduzidas como superiores em relação às demais regiões do Brasil (WEINSTEIN, 2007).

A eugenia, que em grego significa “bem-nascido”, se trata de uma teoria que busca o melhoramento da espécie humana. Um dos propagadores das políticas higienistas e eugenistas no Brasil, cuja produção intelectual serve de fonte desta de pesquisa, foi o médico psiquiatra e professor da Universidade de São Paulo Antonio Carlos Pacheco e Silva, representante da medicina higiênica e eugênica que atuou não só na esfera médica, mas também educacional, pois professor nos cursos de Direito e Medicina de diversas instituições de ensino como a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, e política, atuando como Deputado Estadual e Federal pelo Partido Constitucionalista (PC).

Sua trajetória pessoal e profissional – com a atuação em políticas de saúde durante as décadas de 1920 a 1940 como presidente da Liga Paulista de Higiene Mental e da Associação Psiquiátrica Brasileira, e como diretor do Hospital Psiquiátrico do Juquery, – demonstra sua influência e importância como intelectual e resulta na publicação do compêndio *Psiquiatria Clínica e Forense*, que contou com duas edições, uma em 1940 e a outra, fonte dessa pesquisa, em 1951. O manual foi desenvolvido como material didático para alunos da Medicina e do Direito a partir dos casos no qual Pacheco e Silva, em parceria com outros médicos, trabalhou durante sua carreira. Nessa obra e em sua carreira, o autor analisa e classifica diversas “doenças mentais” a partir das teorias positivistas e organicistas (FERLA, 2005).

Os modos nos quais o discurso do autor classificava os seres humanos como normais ou anormais atravessam a moda e sustentam as análises das transformações processadas em São Paulo no início do século XX, como tratado na historiografia recorrente. As evidências traduzem processos pelos quais a cidade – autodenominada superior, moderna, considerada racial e regionalmente diferente das demais regiões do Brasil – alteram as representações das masculinidades e revelam a adaptação de um novo homem, vale dizer, homem da Ciência, frente às mudanças processadas.

Uma primeira sondagem permite considerar que o autor compreende a miscigenação como um processo de degeneração e empobrecimento da nação brasileira, diametralmente oposto ao progresso civilizatório como constituído pelos

avanços industriais, econômicos e psicológicos, baseados em concepções eugenistas. No período histórico delimitado, a moda e os lugares da cidade adquirem sentido classificatório rigidamente estabelecido, pois distinguiam as pessoas, bem como os lugares sociais que ocupavam. Assim, os discursos médicos idealizaram o homem paulistano e a moda, entendida como dispositivo de poder, comunicava esses discursos.

Neste ponto, observa-se a influência das posições políticas do médico em sua ação militante no que diz respeito à exaltação de uma “raça pura” e de regeneração da raça brasileira, assim como a busca por uma identidade nacional que se deu, destacadamente, em sua atividade enquanto médico-político. Como analisado por Jurandir Freire Costa (1979), a Medicina possuía autoridade para a reorganização urbana na medida em que tratada como mecanismo de intervenção e controle da vida social, algo que cabia perfeitamente na política eleitoreira financiada pelas elites paulistanas, representantes naturais da “raça de gigantes”.

Se valendo de discursos médicos, a intenção por parte do Estado era a construção de uma identidade regional eurocêntrica que deveria passar por uma “limpeza” social e do espaço urbano de acordo com a imposição de características culturais racistas, baseadas na eugenia e nos interesses das classes dominantes. A palavra “eugenia” é um termo criado em 1883 pelo inglês Francis Galton (1822-1911), primo do naturalista Charles Darwin (1809-1882). Foi a partir da noção de seleção natural aplicada por Darwin com a publicação de *A Origem das Espécies* (1859), que Galton formulou o termo “eugenia”, que defende a necessidade de uma seleção das coletividades humanas para que se possa garantir sua evolução pela perspectiva biológica e social. Para Galton, a inteligência não era uma consequência somente da educação e do meio social, mas também da hereditariedade, ou seja, passava de membro para membro da família (DIWAN, 2020). A concepção do negro enquanto raça inferior fora importada e se intensifica com a preocupação da inserção do mesmo na sociedade pós-abolição e com a construção de uma identidade nacional e regional.

Galton desenvolveu um conceito de eugenia conhecido como “eugenia positiva”, que consistia na preocupação com a reprodução dos homens considerados biologicamente desenvolvidos e bem-dotados. Em sua essência, a eugenia tem como objetivo fabricar seres humanos “perfeitos” por meio de algumas práticas sugeridas

por Galton como o casamento arranjado, que iriam desencorajar “casais com caracteres supostamente ‘inferiores’ de procriar” (DIWAN, 2020, p. 50), exames pré-nupciais, estudos biotipológicos.

Partindo da noção de seleção social criada por Francis Galton, na virada do século XIX e XX criaram-se diferentes vertentes do pensamento eugenista. Países como a Inglaterra, a Alemanha e os Estados Unidos difundiram e se aprofundaram nos estudos e nas práticas eugenistas. No Brasil, como símbolo da modernidade, a eugenia surgia como uma ferramenta pretensamente científica contra o atraso e a degeneração, sendo assim, capaz de colocar o país no caminho do progresso e da civilização. Para os eugenistas – diga-se médicos, juristas, políticos, educadores e representantes de diversos segmentos sociais – era comum a crença de que as mazelas do país estavam relacionadas à diversidade étnica da população.

Ao tratar a “Paranóia”, considerada pelo médico como uma enfermidade que corresponde a uma incapacidade de adaptação do indivíduo ao meio, o documento revela que os acometidos por sua “forma mística [...] adotam atitudes espetaculares, deixam crescer a barba, vetem-se de forma extravagante, cobrem-se de amuletos e saem a fazer prédicas, divulgando suas idéias messiânicas” (PACHECO E SILVA, 1951, p. 260). Vale dizer, a psiquiatria clínica e forense estabelecia uma estética da loucura na medida em que o visual, a beleza, estabeleciam um modo, um comportamento ideal, normal, moralmente aceitável, no caso, restritivo e adequado aos representantes da paulistanidade, como é o caso de Naninho, que se apresenta em sua *carte de visite* de maneira assimétrica e alinhada, elegante, bem vestido, características essas consideradas importantes vetores de saúde mental e de moralidade.

Os homens negros, que o manual evidencia nas fotografias, ilustram casos clínicos e forenses gerados pela doença mental. Nas fotos, esses homens figuram com roupas simples, amassadas, rotas, sugerindo quase sempre uniformes, desgastadas pelo tempo, pois esgarçadas, afrouxadas, desabotoadas, o que acabava por produzir uma correlação direta do visual revelado com a doença mental; vale dizer, os distintivos da moda constituíam a imagem da loucura, do desviante social, do criminoso, homens das classes pobres e perigosas. Novamente, a roupa assume seu lugar como distintivo de um distúrbio. Contudo, os significados derivados se

espraiavam pelas classes pobres, que não podiam acessar os produtos que a moda oferecia, muito menos os exportados das grandes capitais da Europa.

A determinação da vestimenta masculina na virada de século XIX para o XX representava uma nova maneira de se relacionar e de se posicionar socialmente e a roupa, os tecidos, as padronagens e cortes revelam essas distinções. As novas necessidades exigidas impactavam na moda masculina, A roupa se articula nesse lugar de maneira a construir – ou desconstruir – padrões e práticas cotidianas renovadas, que impunha uma nova masculinidade. A moda reconstrói o homem paulistano ao redimensionar vida e trabalho, comportamento social, sociabilidades na cidade, pois como afirma Pacheco e Silva:

O descuido do vestuário, a ausência de asseio corporal, o desalinho das roupas, a excentricidade revelada no trajar, as côres berrantes, os enfeites, os adornos, os distintivos, devem ser objeto da atenção do alienista. Tais elementos podem servir para esclarecimento dos distúrbios apresentados pelos doentes, mormente quando se tratar de psicopatas dissimuladores, que procuram ocultar os seus verdadeiros sentimentos e suas idéias mórbidas. (1951, p. 146).

A cor branca assume um aspecto de interesse para o debate. Sempre que se quer mostrar higiene, o branco é uma das escolhas mais indicadas – não por acaso usado em uniformes dos profissionais da saúde⁷. Do mesmo modo, o branco pode ser entendido como ausência de cor, o que também estabelece conexões com as representações em questão na medida em que sugere, em relação à noção de raça, um distanciamento dos tipos humanos considerados inferiores, “feios e sujos” (FERLA, 2005) como eram significados os pretos.

A roupa branca, sobretudo a camisa branca, assume no imaginário social um lugar de destaque: preservação da sujidade, de limpeza, de higiene ao branco; na psicologia das cores, é sinal do início de algo novo, o que permite estabelecer conexões com o que se passava na “cidade-laboratório” (MARINHO, 2020), pois também significa cura, luz. Essas associações se tornam interessantes se pensadas no bojo dos acontecimentos que promoveram a cidade de São Paulo como um centro por excelência da prática médica.

⁷ O branco é a cor da pureza, sintomaticamente, no Brasil, escolhido para a campanha pela saúde mental e bem-estar Janeiro Branco.

Durante as primeiras décadas do século passado, o terno e camisa eram usados para além de ambientes formais e de trabalho. Eram partes essenciais de um guarda-roupa. Desse modo, a camisa social era um item corriqueiro e usada tanto de dia como à noite. Com exceções de alguns trabalhadores braçais, ou que exerciam outras funções incompatíveis, a camisa era praticamente um uniforme do homem urbano. De acordo com os historiadores da moda, a camisa branca remonta uma longínqua historicidade, contudo, no contexto analisado, seu uso simbolizava não apenas a elegância, mas a condição social.

Sintomaticamente, no capítulo que trata a “demência precoce” ou “esquizofrenia” Pacheco e Silva, ao destacar os primeiros sintomas da doença, revela os sintomas se apresentam nas “Reações intempestivas, cóleras imotivadas, tendências à egolatria ou ao egocentrismo, ou, pelo contrário, autodepreciação, extravagâncias no modo de trajar, podem ser observadas de forma mais ou menos intensa” (1951, p. 222). Em diferentes passagens, que também remontam à internação de mulheres, a referência ao desalinho das roupas como distintivo de uma anomalia é frequente, como ocorreu com Dona D.V.E., assim tratado pelo médico “Apensar de conversar, por vezes, com certa coerência, os seu atos não deixam, segundo os informes colhidos no meio familiar, de traduzir a existência de transtornos mentais. Entre êstes, há a destacar o desalinho no vestuário, o pouco cuidado no trato pessoal [...]” (PACHECO E SILVA, 1951, p. 236).

Ao tratar a “paralisia geral” em sua forma expansiva, o médico ilustra o capítulo com a figura 23 abaixo (39 originalmente, no documento), no qual expõe um homem negro como representante da considerada mais frequente das formas existentes, passíveis de serem diagnosticadas em virtude das ideias de grandeza, desordens da emotividade, lacunas de memória e falhas graves do “juízo crítico”. O homem, representado na imagem, exacerba o imaginário social e impacta poderosamente no ideário médico, como atestam os discursos:

A indumentária do doente oferece com frequência, pista de valor para o médico experimentado. No caso de o doente se apresentar despido, êsse fato já constitui indício digno de apreciação, pois revela perda dos sentimentos éticos (PACHECO E SILVA, 1951, p. 146).

**Figura 23 - “Paralisia geral (forma expansiva). Idéias megalomaniacas. Euforia. Jactância.
(Observação do Dr. Júlio de Andrade Silva Júnior)”**



Fonte: Pacheco e Silva (1951, p. 375)

Todavia, a fotografia destaca como um dos sinais dessa “doença mental” a excentricidade com que o fotografado se veste, vale dizer, com sobreposição de roupas, acessórios como lenço na lapela, chapéu, óculos, gravata, paletó e outros adereços que procuram reiterar a verdade produzida pelo diagnóstico médico. O uso da gravata, assim como os outros acessórios, permite associá-lo aos sintomas psíquicos dos “paralíticos”, pois “Diz rico, poderoso, sábio [...] as idéias megalomaniacas dos paralíticos gerais são absurdas, pueris e ilógicas” afirmava Pacheco e Silva (1951, p. 307).

Colarinhos engomados, altos, retos ao pescoço, são sinais dessa mudança que os homens passaram a expressar, cujo hábito redimensiona os sentidos do masculino e confere outro lugar de fala. Em consonância com as tendências da moda, o orientalismo das golas altas, usadas em conjunto com presilhas de pano que asseguram a elevação do colarinho (NEWMAN; SHARIFF, 2011) indicam que houve uma mudança fundamental nos modos de se vestir, nas roupas masculinas. Seus usos refletiam a vida social projetada para a cidade. Esses elementos não estão presentes nas roupas usadas pelos homens que figuram no manual; ao contrário, suas roupas são destacadas em desalinho, malvestidas, desabotoadas, sobrepostas, compondo uma imagem que se pretendia como correlato de uma verdade que a moda contribuía para desvelar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vestimenta como documento se constitui em linguagem que expressa por meio de suas combinações, crenças e valores de determinada sociedade, permitindo a análise de diferentes contextos históricos. Pensar a moda como essa linguagem que comunica a relação entre o indivíduo e a sociedade possibilitou desvelar a simbologia do vestuário mediante os processos históricos que o constituem.

As fontes desse trabalho – as Cartas para Esther – evidenciam pistas, sinais que permitem não só desvendar a personalidade de Martiniano Medina por meio de parte de sua trajetória de vida, mas também acessar a representação das masculinidades expressas nas cartas e na roupa do escrevente.

A moda masculina, evocada na fotografia de Naninho, remonta, além de um período de intensas transformações no cotidiano das pessoas que viviam e trabalhavam em São Paulo, a representação de uma masculinidade projetada pelos discursos da modernidade. O estilo de vida, os modos de vestir e se portar remetem às novas configurações da cidade e suas formalidades sempre enaltecidas, pois a entrada no século XX marca a modernidade e caracteriza a paulistanidade.

O reconhecimento das apropriações dos modos de vestir – da moda masculina – é sinal da formação de uma nova organização social que buscava por uma identidade em meio à urbanização e modernização da cidade de São Paulo, e transformou a vida e o cotidiano de homens e mulheres que viviam na cidade, contribuindo para forjar uma nova masculinidade pautada em uma noção de superioridade. Consideramos que a idealização e a formação da paulistanidade são representadas na indumentária masculina, pois alteram as masculinidades na cidade e simbolizam valores sociais característicos de processos vivenciados pela cidade-metrópole, cidade-laboratório.

Apesar de existirem permanências quanto às características ditas masculinas e que são historicamente construídas – como a ausência de emoções e fraquezas, a agressividade e a brutalidade –, o comportamento sensível e polido, presente nas cartas e na imagem de Naninho permite considerar um conflito em relação a esse padrão de masculinidade. Resultado de uma São Paulo em constante transformação e que buscava uma europeização dos costumes, Martiniano demonstra transitar entre características da classe que almeja alcançar, a elite, e uma classe em ascensão econômica e social, revelando as diversas possibilidades de construção do masculino no período. O vestuário, a roupa e a moda presentes na *carte de visite* revelam além das transformações vividas, a emergência de novas masculinidades ligadas à presença mais frequente dos homens na vida pública: homens cultos, intelectuais, profissionais graduados, “homens da Ciência” que pertencem a um mundo intelectualizado, elitizado e europeizado.

A construção de certas características distintivas dessa nova elite cidadina perpassou a articulação da “Nova São Paulo”, pois, pautada em pressupostos higienistas e eugenistas, coincidentes com normas médicas e jurídicas, buscou realizar uma limpeza social, um embelezamento urbano. O pensamento eugenista no

Brasil, especialmente em São Paulo, incorporado e justificado por médicos, juristas, políticos, educadores e representantes de diversos segmentos sociais, foi usado como ferramenta pretensamente científico em favor de uma sociedade ideal e civilizada.

A pesquisa historiográfica se faz de grande importância nesse sentido, pois permite uma visão mais ampla dos vários comportamentos. No caso desse estudo, possibilita considerar que mesmo as representações da masculinidade sendo historicamente construídas por determinados grupos sociais, ainda assim sofrem alterações quando em contato com outras práticas e experiências sociais. A investigação realizada por uma perspectiva interdisciplinar e micro-analítica das fontes epistolares e das imagens evocaram lembranças e discursos, novas dimensões de análise e valor historiográfico. As correspondências assumem lugar privilegiado, pois contêm informações que não são encontradas em outras fontes, como aspectos individuais, processos e experiências particulares em relação às condições culturalmente estabelecidas. Ou seja, as formas de pensar, sentir e agir dos sujeitos em relação à realidade coletivamente construída.

No caso do conjunto documental aqui estudado, evoca uma reconfiguração da cidade de São Paulo dentro do contexto nacional que marcou a passagem do trabalho escravo para o trabalho livre com a fundação de um novo sistema pautado na ordem e no progresso, na urbanização e industrialização que reordenou o espaço geográfico e social da cidade de São Paulo. Símbolo da modernidade e do cosmopolitismo, do avanço tecnológico, econômico e cultural e forjada por discursos segregacionistas presentes na ideologia da paulistanidade, possibilitou a construção de novas masculinidades, em específico, um modelo que valoriza a moda como símbolo de sua distinção social expressando, por meio de hábitos de higiene, do consumo de tecidos, padronagens e acessórios importados: um modelo de masculinidade superior e ideal, qualificado para o trabalho e suas formalidades.

Nessa perspectiva, os grandes homens paulistas e paulistanos, a “raça de gigantes” salvaria o Brasil do atraso cultural, econômico e racial associado aos demais entes federativos, assim, carregando o Brasil rumo ao progresso. A moda, como dispositivo de poder, comunicava esses discursos.

Por fim, os resultados sugerem que, no contexto analisado, a moda confere sinal de pertencimento a um mundo intelectualizado, que reproduzia comportamentos

expressos nas vestimentas como sinais de elitização que, em São Paulo, reverbera normas médicas e jurídicas na medida em que a roupa passa a ser sinal de distinção social ou de distúrbio, de desvio ético e moral.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Máquina de fazer machos: gênero e práticas culturais, desafio para o encontro das diferenças. In: SIMILI, Ivana Guilherme (org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade**. Maringá: Eduem, 2011. p. 37-47.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino**: invenção do "falo" - uma história do gênero masculino (1920-1940). 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013. 254 p.

ALVES, Jéssica Santana de Assis. Possibilidades no estudo de indivíduos: a micro-história como aparato para analisar trajetórias. **Revista Temporalidades**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 31-49, jan/abr. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/issue/view/682>. Acesso em: 12 jan. 2022.

ANDRADE, M. M. Brás, Mooca e Belenzinho: "bairros italianos" na São Paulo além-Tamanduateí. **Revista do Departamento de Geografia da USP**, São Paulo, v. 8, p. 97-102, 1994. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/47331/51067>>. Acesso em: 24 jan. 2022.

AZEVEDO, Veruschka de Sales. 1.^a República e *belle époque*: a modernização cultural na cidade de franca. In: XX Encontro Regional de História: História e Liberdade. 2010, Franca: **Anais do ANPUH/SP**, UNESP, 2010. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/12911/1/Veruschka%20de%20Sales%20Azevedo.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2022.

BAKHTIN, Mikhail. **Os Gêneros do Discurso**. São Paulo: Hucitec, 2010.

BARBOSA, Muryatan Santana. 2010. "A crítica pós-colonial no pensamento indiano contemporâneo". In: **Afro-Ásia**, n. 39, Salvador, p. 57-77.

BARTHES, Roland. (2009) Escritores e escreventes. In: BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, p. 31-39.

BASTOS, M. H. C. ; CUNHA, M. T. S. ; MIGNOT, A. C. V. Laços de Papel. In: BASTOS, M. H. C. ; CUNHA, M. T. S. ; MIGNOT, A. C. V. **Destinos das Letras**: história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: Editora UPF, 2002, v. 1, p. 05-09.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & Fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, 3 ed.

BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. Capítulo VI – A escola metódica. In: BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. **As Escolas Históricas**. Portugal: Publicações Europa-América, 1983. pp. 97-118. Disponível em: <<https://producoeseconhecimentos.files.wordpress.com/2015/02/bourdc3a9-martin-as-escolas-histc3b3ricas.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2022.

BOURDIEU, P. Reprodução social e reprodução cultural. In: BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974, p. 295-336.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução da historiografia francesa**. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

BURKE, Peter. Além da virada cultural? In: BURKE, Peter. **O que é história cultural?** 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. pp. 131-163.

CALANCA, Daniela. **História social da moda**. São Paulo: SENAC, 2008.

CAMPOS, A.L.A.; GOMES, Á.C.; BRANDAO, A. J. S. Interdisciplinaridade e conhecimento na sociedade em rede. **SCRIPTA**, v. 22, p. 263-274, 2018. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/P.2358-3428.2018v22n44p263>. Acesso em: 05 jul. 2020.

CARTAS PARA ESTHER. Núcleo de Documentação e Memória do Grupo de Pesquisa Ciência, Saúde, Gênero e Sentimento – CISGES/UNISA/CNPq. Disponível em: <https://cisges.wordpress.com/pesquisas/cartas-para-esther/cartas/>. Acesso em: 01 fev. 2020.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, abr. 1991. pp. 173-191. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601>. Acesso em: 24 dez. 2021.

CONNELL, Robert; MESSERSCHMIDT, J. W. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**. In: Estudos feministas. v. 21, 2013, p. 241-282. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014>. Acesso em: 14 abr. 2021.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

CRANE, Diana. **A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas**. São Paulo: Senac, 2006.

DECCA, Edgar Salvador de. **O nascimento das fábricas**. 8. ed. São Paulo. 1991.

DEL PRIORI, Mary Del. **História do Amor no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Márcia (Orgs.). **História dos homens no Brasil**. São Paulo: Ed. UNESP. 2013.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LINGUA PORTUGUESA. **Cosmopolitismo**. Disponível em: < <https://dicionario.priberam.org/cosmopolitismo>>. Acesso em: 24 jan. 2022.

DIWAN, Pietra. **Raça pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Formação do Estado e da Civilização. vol.2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

FAUSTO, Boris. Principais mudanças socioeconômicas – 1890 a 1930 In: FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Fundação do Desenvolvimento da Educação. 1995. p. 275-295. Disponível em: <https://mizanzuk.files.wordpress.com/2018/02/boris-fausto-historia-do-brasil.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2022.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia**. Loyola: São Paulo, 2011.

FERLA, Luís Antônio Coelho. **Feios, sujos e malvados sob medida: do crime ao trabalho, a utopia médica do biodeterminismo em São Paulo (1920-1945)**. Orientadora: Esmeralda Blanco Bolsonaro de Moura. 2005. Tese [Doutorado em Ciências] – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FREUND, Gisele. **La fotografía como documento social**. Barcelona: Punto y Línea, 1976.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **História da Educação**. 2. ed. São Paulo, Cortez, 1992.

GINZBURG, Carlo. **A história em close-up**. Folha de S. Paulo. Mais! 01 set. 2002. Entrevista concedida a Jean Marcel Carvalho França. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0109200204.htm>>. Acesso em: 24 jan. 2022.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais**: Morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, pp. 7-24. Disponível em: <file:///C:/Users/andre/Downloads/toaz.info-escrita-de-si-escrita-da-historiapdf-pr_52ee20db525581c0dbd2a7bd5b38a08c.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2022.

GOMES, Ângela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os arquivos privados. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.11, n. 21, 1998. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2069>. Acesso em: 24 jan. 2022.

HISSA, Cassio E. Viana. **Entrenotas**. Compreensões de pesquisa. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013, p. 133-152.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KOHLER, Carl. **História do vestuário**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 2 ed. rev. Ateliê Editorial, São Paulo. 2001. p. 23-31.

LAVER, James. **A roupa e a Moda: uma história concisa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, 3 ed.

LEITE, M. E. As fotografias cartes de visite e a construção de individualidades. **Interin** (Curitiba), v. 11, n. 1, jan./jun. 2011. pp. 01-16. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5044/504450764005.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2022.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda. A interdisciplinaridade e as radicais transformações do pensamento científico. **Lumen et Virtus**, n. 8, v. IV, p. 179-188, 2013. Disponível em: https://www.jackbran.com.br/lumen_et_virtus/numero_8/alzira_campos.html. Acesso em: 08 jun. 2020.

LUCA, Tânia Regina De. **A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação**. São Paulo: UNESP, 1999. Disponível em: https://www.academia.edu/39258801/A_Revista_do_Brasil._Um_diagn%C3%B3stico_para_a_n_a%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 24 jan. 2022.

MAMBELLI, A. (2015). **Cidade e Sensibilidade: São Paulo nas cartas de Martiniano Medina (1908-1919)**. Trabalho de conclusão de curso, Universidade de Santo Amaro, São Paulo. 2015.

MARAMALDO, José Ribamar Vieira. **História e Sentimento: gênero e masculinidade nas cartas de Martiniano Medina (1908-1919)**. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade de Santo Amaro, São Paulo. 2015.

MARINHO, Maria Gabriela Silva Martins da Cunha. **São Paulo na Era Vargas: a cidade como lugar da modernidade**. História da Saúde em São Paulo, 2020. São Paulo: CISGES/UNISA, 2020.

MARTINS, A. L. *Imagens da Cidade: Séculos XIX e XX*. In: MARTINS, A. L. **A invenção e/ou eleição dos símbolos urbanos: história e memória da cidade paulista**. São Paulo: ANPUH, Marco Zero, FAPESP, 1994.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. Tradução e introdução de Florestam Fernandes. 2. ed. Expressão Popular, São Paulo, 2008. p.10-47.

MELO, José M. de. **Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3 ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MORIN, Edgar.; CIURANA, Emilio-Roger.; MOTTA, Raúl Domingo. **Educar na Era Planetária: O pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana**. Trad: Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

MOTA, André. A Paulicéia sob um Diagnóstico Sanitário. In: MOTA, André (Org.). **Tropeços da Medicina Bandeirante: Medicina Paulista entre 1982-1920**. São Paulo: EDUSP, 2005.

NEWMAN, A.; SHARIFF, Z. **Dicionário ilustrado: Moda de A a Z**. Tradução de Ana ODÁLIA, Nilo. Apresentação. In: BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução da historiografia francesa**. São Paulo: Editora UNESP, 1992, p. 07-10. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/impulso/article/download/2539/1711>. Acesso em: 24 jan. 2022.

OLIVEIRA, Pedro Paulo Martins de. Considerações finais. In: OLIVEIRA, Pedro Paulo Martins de. **A Construção Social da Masculinidade**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/26430296_A_construcao_social_da_masculinidade. Acesso em: 24 jan. 2022.

PACHECO E SILVA, A. C. **Psiquiatria Clínica e Forense**. 2. ed. São Paulo: Renascença, 1951.

QUEIRÓS, César Augusto Bubolz. Masculinidade(s) Operária(s): conflitos e representações sobre o “eu” operário. **Revista Litteris**, v. 1, p. 1-13, 2008. Disponível em:

<https://scholar.google.com/scholar?cluster=13163915511387544038&hl=en&oi=scholar>. Acesso em: 10 jan. 2022.

QUEIROZ, M. I. P. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: **Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil** [S.l.: s.n.], 1988. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/single.php?_id=001187837>. Acesso em: 24 jan. 2022.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: QUIJANO, Anibal. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4386378/mod_folder/content/0/Quijano%20Colonialidade%20do%20poder.pdf?forcedownload=1. Acesso em: 24 jan. 2022.

REVEL, Jacques. Microanálise e a construção do social. In: REVEL, Jacques. **Jogos de escalas**. A experiência da microanálise. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p.15-38.

ROCHE, Daniel. **A cultura das aparências: uma história da indumentária (séculos XVII e XVIII)**. Tradução Assef Kfoury. São Paulo: SENAC, 2007.

RODRIGUES, Marly. Vários cenários, múltiplas vidas. In: **O Brasil na Década de 1910: a fábrica e a rua, dois palcos de luta**. São Paulo: Editora Ática, 1997, pp. 34-56.

ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge Jornalística: Intertextualidade e Polifonia – Um estudo de Charges da Folha de S. Paulo**. Maringá: Eduem, 2000.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SALIBA, Elias Thomé. Cultura: as apostas na República. In: SALIBA, Elias Thomé. **História do Brasil Nação: a abertura para o mundo 1889-1930**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SANTAELLA, Lucia. **Corpo e Comunicação: sintoma da cultura**. São Paulo: Paulus, 2004.

SANT'ANNA, D. B.. Masculinidade e virilidade entre a *Belle Époque* e a República. In: AMANTINO, M.; PRIORE, M. D. **História dos Homens no Brasil** (Orgs.). São Paulo: Unesp. 2013, p. 245-266.

SANTOS, Carlos José Ferreira dos. Capítulo I: “Os Elementos Indiscutíveis de Nosso Progresso”. In: SANTOS, Carlos José Ferreira dos. **Nem tudo era italiano: São Paulo e pobreza (1890/1915)**. 2. ed. São Paulo: Annablume e FAPESP, 2003. pp. 25-64.

SANTOS, Heloísa Helena de Oliveira Santos. Uma análise teórico-política decolonial sobre o conceito de moda e seus usos. **Revista Moda Palavra**. Santa Catarina, v. 13, n. 28, mar. 2020, p. 164-190. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/modapalavra/article/view/15948/11297>.

Acesso em: 24 jan. 2022.

SCHWARCZ, L. M. Biografia como gênero e problema. **História Social**, Campinas, n. 24, p. 51-73, 2013. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002720404>. Acesso em: 17 dez. 2021.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SHITARA, Mitsuko; SANCHEZ, Giovana. **Gravata surgiu para limpar suor e virou símbolo do poder masculino** (Consultoria de Informação). São Paulo. Disponível em: <https://g1.globo.com/Sites/Especiais/Noticias/0,,MUL968964-16107,00-GRAVATA+SURGIU+PARA+LIMPAR+SUOR+E+VIROU+SIMBOLO+DO+PODER+MASCULINO.html>. Acesso em: 24 jan. 2021.

SILVA, Angela A. Gimenes; VALENCIA, Maria Cristina Palhares. História da Moda: da idade média à contemporaneidade do acervo bibliográfico do Senac – Campus Santo Amaro. **CRB8 Digital**, n. 1, v. 5, 2012.

SIMILI, Ivana Guilherme. **Indumentária e moda: caminhos investigativos**. Maringá: Eduem, 2013.

SIMMEL, Georg. **Filosofia da moda e outros escritos**. Tradução de Arthur Morão. 1.ed. Lisboa: Edições texto e grafia, 2008.

SMITH, Bonnie G. Introdução. In: SMITH, Bonnie G. **Gênero e História: homens, mulheres e a prática histórica**. Bauru: EDUSC, 2003. pp. 13-37. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/qdownload/smith-bonnie-g-genero-e-historia-homens-mulheres-e-pratica-historica-bauru-edusc-2003-pdf-free.html>. Acesso em: 24 jan. 2022.

SOUZA CAMPOS, Paulo Fernando de. **Os crimes do preto Amaral**: representação da degenerescência em São Paulo 1920. Orientadora: Zélia Lopes da Silva. 2003. Tese [Doutorado em História] – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2003.

SOUZA CAMPOS, P. F. de; BLOIS, C. M. A Roupas de Martiniano Medina: Moda e Masculinidade em São Paulo (1905-1919). **Veredas da História**, [online], v. 13, n. 2, p. 170-195, dez., 2020. Disponível em: <http://www.seer.veredasdahistoria.com.br/ojs-2.4.8/index.php/veredasdahistoria/article/download/511/336>. Acesso em: 25 jan. 2022.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas**: a moda no século XIX. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da história**: micro-história. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

VEBLEN, Thorstein. **A teoria da classe ociosa**: um estudo econômico das instituições. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1987.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. História, Região e Poder: a busca de interfaces metodológicas. **LOCUS Revista de História**, 2016, vol 3. n 1. p. 84-97. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20441>. Acesso em: 25 jan. 2022.

WEINSTEIN, Barbara. **Racializando as diferenças regionais**: São Paulo X Brasil, 1932. Esboços: histórias em contextos globais, Florianópolis, v. 13, n. 16, p. 281-303, out. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/133/177>. Acesso em: 25 out. 2021.

WEINSTEIN, Barbara. **The color of modernity**: São Paulo and the making of race and nation in Brazil. Durham and London: Duke University Press, 2015.